OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA,

OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, EMENDADA,

E augmentada com as ſuas Comedias.

TOMO I.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1784.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

OBRAS

POETICAS

DE

FRANCISCO DE SÁ

DE MIRANDA.

TOMO I.

LISBOA.

PROLOGO
DO EDITOR.

TENDO nós dado princípio a huma Collecçaõ completa do *Parnasso Lusitano*; isto he, dos *Poetas Portuguezes* mais affamados naõ só entre nós, mas muito principalmente entre a Naçaõ Ingleza, e as outras, que tanto apreciaõ as nossas boas Poesias; o que fizemos dando á luz pública reimpresso o *Naufragio de Sepulveda*; o qual pela elegancia dos caracteres, e typos, em que se acha impresso, nos tem grangeado a estima, e approvaçaõ dos Sabios pelo zelo, com que nos esmerâmos em vingar do esquecimento, & profundo silencio de tantos seculos aquellas polidas, e doutas composições, em que reluzem as bellezas, a harmonia, e os risos das Musas sábias, e louçãs; por isso proseguindo nós a nossa empreza a pezar de tantas despezas, que ella demanda, fazemos seguir ao dito *Naufragio de Sepulveda* as Obras do grande Seneca

Por-

Portuguez *Franciſco de Sá de Miranda*, cujas Poeſias eſtaõ hoje em dia quaſi deſconhecidas. E naõ he iſto fazer á Litteratura Portugueza hum bom, e grande ſerviço, reſtituindo-lhe o que de todo já hia perdendo? Naõ he iſto querer conſervar os mais antigos, e importantes Monumentos, que nem o arrebatado gyro dos velozes, e ligeiros annos; que nem as mudanças dos tempos; que nem as viciſſitudes dos Eſtados; nem as guerras; nem os varios ſyſtemas; nem o depravado goſto, que com eſcandalo ſe introduzio na ſólida erudiçaõ; que nem a incuria, nem a molleza, e inercia dos homens até agora tem podido inteiramente ſobmergir no cáhos? Naõ he iſto fazer ceſſar a eſcaſſez dos famoſiſſimos Eſcritos, que a avareza, e o odio eſcondia, privando a Naçaõ do luſtre, e eſplendor, que lhes reſultava da ſua contínua liçaõ; da ſua aturada, e naõ interrompida verſaçaõ?

Surjaõ pois do eſquecimento os ſaudoſos Eſcritos dos ſabios Portuguezes;

re-

renafçaõ do intrincado, e confufo cáhos, em que até agora jaziaõ adormecidos, ennobreça-fe a Naçaõ com eftas doutas producções, em que fe contaõ as virtudes dos feus Maiores; em que fe engrandecem as façanhas dos feus heròes; em que fe defcrevem os gloriofos feitos, as brilhantes acções; os eftupendos retratos de feus Auguftos, e Amaveis Principes; e veja a Europa no Seculo, em que fe confidera illuminada, quantos faõ os thefouros de fabedoria, e de doutrina, que ha mais de duzentos annos tem illuftrado, e enriquecido a Monarquia Portugueza. Appareçaõ effes bellos genios, a quem as Mufas embaláraõ ainda no berço; leaõ-fe as Obras dos Meftres da Lingua; decórem-fe os eloquentiffimos, e abalizadiffimos Oradores; efcutem-fe os verdadeiros, e finceros Hiftoriadores; confultem-fe os noffos Jurifconfultos, os noffos profundiffimos Theologos, e os Sabios em todas as demais Faculdades; e conhecer-fe-ha que naõ faõ taõ eftreitos, nem taõ acanhados os limites da bella

eru-

erudiçaõ Portugueza. Mas justo he que se confesse naõ faltar o bom desejo em os Litteratos para os lerem, e consultarem; mas estes vem-se impossibilitados pela raridade dos escritos, que vivem afferrolhados nos avarentos, e medonhos carceres de huma céga, infame, e indesculpavel ambiçaõ. E qual he o homem de juizo saõ, e puro, que naõ conheça a utilidade, que redunda a qualquer Naçaõ da noticia dos seus Escritores; por quanto nelles se bebem doutrinas sólidas; fartaõ-se os Litteratos de antiguidades; estes aprendem os costumes dos passados tempos; estudaõ expresões; enchem-se de conceitos sublimes, e delicados; aproveitaõ-se da frase verdadeira; fazem-se senhores do idiotismo proprio, e particular da nossa linguagem; e assim se escusa mendigar das outras linguas as locuções, os modos genuinos de fallar, em que a nossa tanto abunda; mostrando-se que pela falta da liçaõ dos Authores Portuguezes, he que temos visto, a pezar dos Sabios, adoptarem-se os usos peregrinos. E he isto necessida-

da-

dade? Naõ: porque já naquelles tempos dizia ſabiamente o filho do grande Portuguez o famoſo Antonio Ferreira na Dedicatoria, que fez das Obras de ſeu Pai: *Franciſco de Sá de Miranda com a ſingular brandura dos ſeus verſos Luſitanos começou moſtrar o deſcuido dos paſſados, e que eſta lingoa* (a Portugueza) *era capaz de nella ſe cantarem Damas, Capitães, e Imperadores. Com cujo exemplo ſeu Pai, que entaõ eſtava nos eſtudos, pertendeo com a variedade deſtes ſeus manifeſtar, como a lingoa Portugueza aſſim em copia de palavras, como em gravidade de eſtilo a nenhuma he inferior.* O meſmo Sá de Minanda aſſim canta.

Floreça, falle, cante, ouça-ſe, e viva
A Portugueza lingoa, e já onde for
Senhora vá de ſi ſoberba, e altiva.
Se t'aqui eſteve baixa, e ſem louvor
Culpa he dos que a mal executáraõ,
Eſquecimento noſſo, e deſamor.

Mas

Mas eſtes, e outros dignos Eſcritores, que eſtiveraõ, e ainda eſtaõ deſnaturalizados da ſua Patria, que diriaõ vendo que muitos Portuguezes balanceaõ, ſe elles ſaõ, ou naõ ſeus? Mas que maior novidade, quando os lem! E que injúria naõ he, e que cegueira taõ obſtinada moſtrar, ou por melhor dizer oſtentar, como oſtentaõ alguns pedantes, e ſciolos, pouco conhecimento, e ignorancia das producções, e dos talentos da ſua meſma terra! Porém já com o andar do tempo ſe vaõ deſabuſando, e polindo muitos, deixando a pertinacia, que os aviltava por quererem com tenacidade proſeguir em tal cegueira: Vem-ſe de tropel hirem ſahindo do ſeu cáhos eſſas incomparaveis Obras, pelas quaes ſe devem limar os engenhos da Mocidade Portugueza, moldando ao exemplo dellas as ſuas tarefas litterarias; porque ſó aſſim ſe adiantaráõ nos bellos conhecimentos de erudiçaõ, e de ſciencia; evitando naõ ſe lhes accommode o dito, com que alguns exclamaõ, do célebre *Franciſco Rodrigues Lobo*; o qual ſe

ſe lamentava de que a *lingoa Portugueza eſtava mais remendada do que a capa do mais esfarrapado mendigo.*

Eſtando pois, como aſſima já apontámos, quaſi deſconhecidas as Obras Poeticas do Seneca Portuguez *Franciſco de Sá de Miranda*; o qual lembrado mais de tocar ao coraçaõ, do que ao ouvido, empregou-ſe na mageſtade, e no ſublime dos conceitos; na viveza das expreſsões; deſprezou a harmonia dos verſos, a conſonancia, e o ornato vaõ, e pompoſo das palavras; attractiuos, e encantos que ſó aos principiantes, e charlatões agradaõ, deleitaõ, e arrebataõ. Embora o tratem de eſcuro, mas eſtes ſeraõ os que naõ entendem a lingua. Nelle ſe acha com deſempenho executada a arte, como nos enſinaõ os preceitos de *Ariſtoteles*, e de *Horacio.* Vê-ſe nos ſeus verſos tocado mageſtoſamente, ſem vaidade, e ſem inchaçaõ o grande, o ſublime. Que decóro ſe naõ obſerva! Que maximas politicas ſe naõ deſcobrem nos ſeus eſcritos! Deve ſer familiar a todo o homem letrado eſte

Eſ-

Escritor, este insigne Jurista: sim, aquelle insigne Jurista do feliz, e dourado Seculo, em que a Universidade de Coimbra vio plantar, e crescer aquelles sazonados fructos da sólida litteratura; daquelle Seculo digo, em que as Bellas Letras, as Sciencias, as boas Artes foraõ ao seu maior auge, e perfeiçaõ, naõ sem inveja da emulaçaõ estranha; naquelles primeiros annos do glorioso Governo do Famoso, e Inclito Rei o Senhor D. Joaõ III.

Francisco de Sá de Miranda naõ seguia o bando daquelles que assentaõ que o Jurista nenhuma outra cousa deve saber senaõ só Leis; opiniaõ esta, que tem feito embotar os juizos dos que pensaõ que se lhes torna o seu entendimento taõ confuso, e embaraçado, que nem das mesmas Leis pódem formar idéa segura, e clara, e fazer huma demonstraçaõ verdadeira; por ignorarem que todas aquellas artes, e conhecimentos, que nos dispoem para a humanidade, principalmente as Bellas-Letras, estaõ taõ estreitas, e apertadamente travadas, e tecidas entre si,

que

que nunca ſe poderáõ deſenlaçar ſem desfigurar, e arruinar todo o complexo das Sciencias; e que de cada huma dellas ſe deue tirar o que for util, e neceſſario para adelgaçar, e polir o entendimento; pois de outro modo he impoſſivel adquirir maiores conhecimentos, e mais luzes de huma verdadeira erudiçaõ. Naõ fallariaõ taõ deſentoadamente, nem penſariaõ taõ deſacordadamente, ſe ſe lembraſſem do conſelho, e reprehenſaõ, que faz o noſſo *Ferreira* na Carta II. do Liv. II.

Naõ fazem damno ás Muſas os Doutores
Antes ajuda ás ſuas letras daõ:
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, para tudo ſaõ.

Como pois a Impreſſaõ ou Arte Typografica he a unica, que fazendo univerſaes eſtes conhecimentos dos antigos Eſcritores, pela facilidade com que os reproduz, e communica aos Sabios; por quanto quem poder, ou deſejar con-

concorrer para a felicidade, e esplendor, e augmento da sua Naçaõ, naõ deve perder de mira toda a occasiaõ de lhe offerecer, e publicar cousas uteis, e proveitosas; por isso continuando a estampar nos meus typos a Collecçaõ do meu *Parnasso Portuguez*, offereço agora aos Senhores Portuguezes a nova reimpressaõ deste Poeta, que tanto merecimento grangeou, e ainda hoje grangea entre os Doutos; e para gloria Nacional basta ser Portuguez, e por esta causa deve andar nas mãos de todos. Quem naõ tiver ainda conhecimento de *Francisco de Sá de Miranda*, saberá quaõ util he a sua liçaõ, e de quanta necessidade a sua reimpressaõ. Nella intentei ajuntar todas as Obras do Author, as suas Comedias, que eraõ ainda mais raras, que as suas Poesias, e juntamente a sua Vida; para maior instrucçaõ de taõ insigne Escritor; para que o tempo, que tudo consome, senaõ vanglorie de ter acabado a memoria, e os Escritos dos Sabios, sabendo-se que a impressaõ, e divulgaçaõ das Composições eruditas, e lit-

litterarias he mais permanente que o meſmo bronze, e que o meſmo marmore; como aos affinados acordes de ſua lyra divinamente cantava de ſi * *Horacio*; dizendo:

Exegi monimentum aere perennius,
Regalique ſitu pyramidum altius:
Quod nec imber edax, aut Aquilo impotens
Poſſit diruere, aut innumerabilis
Annorum ſeries, & fuga temporum.
Non omnis moriar.......

* L. III. Od. XXX.

VIDA
DO DOCTOR FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA,

Collegida de peſſoas fidedignas que o conheceraõ, & trataraõ, & dos liuros das gerações deſte Reyno.

NASCEO Franciſco de Sá de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o meſmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou poſſe do gouerno deſtes Reynos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto de Ioaõ Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sá, ſua molher, que era filha de Rodrigueanes de Sá, & neta de Ioaõ Rodrigues de Sá o primeiro que chamaraõ das Galés aſſas conhecido em tempo del Rey Dom Ioaõ de boa memoria. Deſpois das primeiras letras de humanidade (em que foy inſigne) eſtudou Leys mais em obſequio ao goſto del Rey Dom Ioaõ o Terceiro, que de nouo plantára entaõ

a Vniuerſidade na ſua terra, que por inclinaçaõ que tiueſſe áquella maneira de vida, & com tudo obedecendo a ſeu pày que lha eſcolhera, continuou nella com felices progreſſos, & ſahio grande letrado, tomou o gráo de Doutor, & leo varias cadeiras daquella faculdade em ſua propria patria, porem conhecendo os perigos que o vſo deſta ſciencia tras conſigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou ſeu pay naõ ſó deixou de todo as eſcollas, mas engeitou os lugares do Deſembargo, que por muitas vezes lhe foraõ offerecidos ficando ſó couſumandoſe no eſtudo da Philoſophia Moral, & Eſtoyca a que ſua natureza o inclinaua.

E leuantando-lhe ella o penſamento ao deſprezo de todas as couſas de cà quis peregrinar pollo mundo, porque no repouſo a que determinava recolherſe, o naõ inquietaſſem as nouas do que naõ vira, & aſſi ſe foy a Italia viſitando primeiro os mais celebres lugares de Eſpanha, & tendo viſto com vagar, & curioſidade Roma, Veneza, Napoles, Milaõ, Florença, & o milhor de Cicilia,

tor-

tornouſe ao Reyno, & deteueſe algum tempo na corte del Rey Dom Ioaõ o Terceiro, que já auia muito que reynaua, & alli co as calidades de ſua peſſoa, & boas partes que nelle concorriaõ, ſem outra algũa ajuda das que coſtumaõ leuantar ainda os indignos, ſe fez tamanho lugar, que foy ſem controuerſia, ſenaõ o mayor hum dos mais eſtimados corteſaõs de ſeu tempo, concorrendo c'os milhores que eſte Reyno teue por ventura, & iſto naõ ſó dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantaõ os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em deſprezo proprio a eſtimaçaõ alheia, & ſentindo como injurias particulares a deteſtaçaõ que os judicioſos, & diſcurſivos fazem dos vicios em géral.

Mas naõ foy iſto ſempre, o bom acolhimento digo, que achou no mayor poder, porque ainda que o noſſo Poeta podera ſer em ſeu modo mayor que a enueja. Como Quinto Curſio diz que o foy Alexandre no ſeu, naõ quis ella per-

doar-lhe, concitando em ſeu damno hũa peſſoa muito poderoſa daquella era em deſprazer de quem ſe interpretava mal polla meſma euueja hum lugar da ſua Egloga de Aleyxo, o que ſentindo elle, nem querendo declararſe milhor, nem eſperar á viſta os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Meſtrado de Chriſto, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebiſpado de Braga, junto á Ponte de Lima, recolheo-ſe a hũa quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuerſaçaõ dos amigos, a eſperança de mayores mercés aſſegurada no fauor do Principe Dom Ioaõ, que em muito tenra idade, começaua a fazerlhe grande, e do Cardeal Dom Henrique, que com moſtras de particular affeiçaõ aſſiſtia a ſuas couſas, e eſtando alli logrando quietamente o fruto de ſeus eſtudos, & peregrinações, caſou com Dona Briolanja d'Azeuedo filha de Franciſco Machado, ſenhor da Louſaã de Craſto d'Arega, & das terras de entre Homem, & câuado, & de Dona Ioana d'Azeuedo, ſua

ſua molher, com a qual viueo annos em grande conformidade ſendo ella taõ pouco fermoſa exteriormente, & de tanta idade que quando a pedio a ſeus irmãos Manoel Machado, e Bernaldim Machado, por ſer ſeu pay já morto, naõ quiſeraõ elles diffirirlhe ao caſamento, ſem que primeiro viſſe bem a noyua, & ſendolhe moſtrada pollos irmãos, diſſe para ella, caſtigayme, ſenhora, com eſſe bordaõ, porque vim taõ tarde, mas parece que como Franciſco de Sá viueo em todas as couſas do mundo quaſi abſtraydo do meſmo mundo, que aſſi foy tambem niſto, naõ lhe faltando algum Philoſopho a quem imitaſſe, eſtimando ſobre tudo os dotes d'alma daquella matrona, que foraõ excellentes, conforme a ſeu eſtado por teſtemunho de homens daquella comarca, que ainda oje o daõ do cuidado que tinha da honra de Deos, do deſcanſo de ſeu marido, da criaçaõ de ſeus filhos, da doutrina de ſeus criados, & do prouimento de ſua caſa, com que o marido a amaua de maneira, que faltandolhe ella, faltou elle breuemente entre

eſ-

eſtremos de ſentimento ſenaõ dignos do animo de hum taõ grande Philoſopho, deuidos pollo menos á eſtimaçaõ que com ſeu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos deſta molher de que o primeiro ſe chamou Gonçalo Mendez de Sá, como ſeu auô, o qual ainda muy mancebo, mas de taõ boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de ſua morte reſpondeo o Doutor Antonio Ferreira) mandou a Africa ſeruir hũa comenda (a onde quaſi todos os moços daquelles tempos hiam cengir a primeira eſpada) & chegado de poucos dias a Ceyta ſuccedeo a perda de Dom Pedro de Menezes, filho do primeiro Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitaõ do lugar onde Gonçalo Mendez tambem acabou com muitos outros, entre os quais foy Dom Antonio de Noronha, ſobrinho do Capitaõ, filho do Conde Dom Franciſco, que deu com ſua morte occaſiaõ áquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de Vmbrano, & Frondelio. Chamouſe o outro filho Hieronymo de Sá d'Azeuedo, o qual caſou deſpois da morte de

ſeu

ſeu pay com Dona Maria de Menezes, filha de Franciſco da Silua de Menezes o Galego, irmaõ inteiro de Diogo de Souſa, que foy pay do Conde Ruy Mendes de Vaſconcellos, que oje viue, e de Dona Lianor de Mello, ſua molher, filha de Dom Aluaro de Mello, Abbade que foy de Refoyos de Lima, dos quais he filho Franciſco de Sá de Menezes, que viue de preſente, neto do noſſo Franciſco de Sá, e o foy tambem hũa irmã ſua, que caſou com Dom Fernando Cores Sotomayor, que viuia em Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, & he rezaõ que digamos aqui que quando aquelle fidalgo caſou com eſta neta de Franciſco de Sá, quis que no dote que lhe deraõ entraſſe em hum grande preço o Liuro Original de ſuas Poeſias, o qual tem, & eſtima como ellas merecem, a mayor parte das quais elle compos naquella ſua quinta da Tapada em eſtilo Lirico, & Paſtoril, & todas, ou as mais dellas ſobre caſos particulares que ſuccederaõ na corte em ſeu tempo, introduzindo peſſoas conhecidas daquelles que entaõ vi-

viuiaõ, de que ainda temos algũas tradições, e veſtigios deriuados a nós dos contemporaneos que o venceraõ em dias, & ſe ouuera algum que fizera hũa anotaçaõ diſto, por ventura que fora bem agradauel hiſtoria, porque naõ ficaramos ſó pendentes cada hum de ſeu juizo na eſpeculaçaõ deſtas couſas, ainda que o engenho, & arteficio Poetico com que as elle diſpos he baſtante materia pera occupar, & deleitar a toda a curioſidade, porque de maneira ſe aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philoſophos, & Poetas que ſe concorrera com elles em hum meſmo tempo, mal ſe poderaõ determinar os homens quem leraõ as obras de huns, & outros que imitára a quem; que aſſi leuantou Franciſco de Sa, & ſobio em muitos lugares as couſas daquelles que milhor ſe pode affirmar, que ſaõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & ſubſtancia, que de termos vãos, & pomposos, ipanto de principiantes, rediculos, & inuteis aos que milhor entendem, guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte, que os que atten-

ten-

tentamente o paſſarem naõ lhes ficará neceſſidade de lêr em as Poeticas de Ariſtoteles, & Horacio, que elle parece, naõ largaua da maõ.

Foy o primeiro que compos verſos grandes neſte Reyno, baſtante deſculpa das miudezas que ſe tachaõ em alguns ſeus deſta medida pera aquelles homens, ao menos que attendendo ao que ſe diz, naõ curaõ muito do modo, & tambem o he naõ pequena pera os muy obſeruantes da lingoa Caſtelhana, ſe no que compos nella acharem que calumniar (em rezaõ de palauras) auer eſcrito em tempo que os Portugueſes ſenaõ entendiaõ tambem co'ella, como com elles, & as lingoas vulgares que naõ pendem de preceitos coartadamente nunca ſe ſabem bem ſenaõ c'o vſo contino, & tratto ciuil; & ſempre os eſtrangeiros que as naõ tiuerem praticado muito fallaraõ, & eſcreueraõ com grande perigo nellas de máos aſcentos, & piores ſignificações, de que poderamos apontar exemplos, ſenaõ ficaraõ mais em eſcandalo de alguns, que em utilidade de noſſo intento que ha miſter menos,

nós, porque na ſubſtancia, e madureza de Franciſco de Sá ſaõ iſto accidentes de nenhuma importancia, o qual naõ ſómente foy inculpauel na grauidade das ſentenças, na agudeza dos conceitos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitaçaõ dos Poetas, na obſeruaçaõ das regras, ſenaõ inimitauel tambem na pureza com quem fallou em materias amoroſas, que he de maneira que até as duas Comedias que fez em proſa, que por rezaõ do eſtilo Comico ſaõ mais licenciofas, o Cardeal Dom Anrique que deſpois foy Rey deſtes Reynos, taõ pio, taõ zelador da Fé, & dos bons coſtumes, reformador das Religiões, Legado á Lattere, Inquiſidor Mór, naõ ſó lhas mandou pedir pera as fazer (como fez) repreſentar diante de ſi por peſſoas que deſpois foraõ grauiſſimos miniſtros, a que ſe achou preſente entre outros Dom Iorge de Atayde Biſpo de Viſeu, meritiſſimo Abbade d'Alcobaça, do Conſelho do Eſtado, & Capellaõ Mór del-Rey, ſenaõ pouco deſpois de Franciſco de Sá morto, porque ſe ellas naõ per-

deſ-

deſſem as fez imprimir ambas em Coymbra na fórma em que andaõ, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy taõ particular meſtre do tratto da noſſa Corte, do noſſo modo de conuerſar, dos termos com que entre nós ſe declaraõ os que milhor ſabem declararſe, que paſſando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle ſe vallem de ſua doutrina, como de Apothemas argutiſſimos em toda a variedade de materias tocantes a eſtilos de Corte, & coſtumes politicos, & ainda os Pregadores nos pulpitos.

Morreolhe ſua molher o Anno de 1555. com o que elle começou a morrer logo tambem pera todas as couſas de ſeu goſto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos deſpois della, naõ ſe acha que compoſeſſe mais que hum Soneto, que fez á ſua morte, que começa. *Aquelle ſpirito já tambem pagado*, & affirmaõ peſſoas que o conheceraõ, que nunca mais ſahio de hũa caſa, ſenaõ pera ouuir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as unhas, nem reſpondeo a carta

que

que lhe alguem eſcreveſſe, até que acabou de todo.

Foy homem groſſo de corpo, de meaã eſtatura, muito aluo de maõs, & roſtro, com pouca cór nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de ſeu natural crecida, os olhos verdes bem aſſombrados, mas com alguma demaſia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na peſſoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na counerſaçaõ, engraçado nella com bom tom de falla, & menos parco em fallar, que em rir, & porque póde ſeruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & ſentenças deſtes ſeus papeis o conhecimento de ſeus particulares exercicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitaua muitas vezes, indo a ella ſoteado todo, & á gineta jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que vſa nas Eglogas de Baſto, & na de Nemoroſo, & alguns outros lugares, como (*Si licet ſacra miſcere profanis*) fez

o

o Profeta Amos, que do exercicio do campo, em que ſe criou, tomou os termos com que ſe eſcreueo a ſua prophecia, tangia violas d'arco, & era dado á Muſica, de maneira que com naõ ſer muy rico tinha em ſua caſa meſtres della cuſtoſos, que enſinauaõ a ſeu filho Hieronymo de Sá, de quem ſe diz que foy eſtremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes (a quem ſeguimos em muita parte diſto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima, Patria ſua, lhe mandaua tanger o filho em diuerſos inſtrumentos, & o reprendia algũa vez de algum deſcuido, foy ſobrio, & auſtero conſigo, & largo com algum exceſſo c'os hoſpedes que indifferentemente agaſalhaua com goſto particular, coſtumando a dizer, que o liurauaõ de ſi o tempo em que os conuerſaua, & com rezaõ, porque ſe conta delle que eſtando ſem gente de cumprimento (& ainda com ella) ſe ſuſpendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas ſem o ſentir; porque quando lhe acontecia a viſta d'alguem, nem as enxugaua, nem torcia o roſ-

roſto, nem deixaua de continuar no que hia fallando, parece que como outro Heraclito com a magoa do que lhe reuelaua o ſpirito dos infortunios da ſua terra, de que neſtes papeis ſeus ſe vee quam grandemente ſe temia.

Soube tanto da lingoa Grega, que lia a Homero nella, & acotaua de ſua maõ em Grego tambem, & no anno de 1584. tinha eſte liuro que fora ſeu, Gonçalo da Fonſeca de Caſtro morador em Lamego fidalgo curioſo, & bem inſtruydo na lingoa Latina, ao qual, & a Gomez Machado d'Azeuedo, que ainda oje viue na comarca d'entre Douro, & Minho, & viuia entaõ em Villa Real, ſobrinho da molher de Franciſco de Sà, filho de Bernaldim Machado, ſeu irmaõ, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá, & Anrique de Souſa Deſembargadores que foraõ do Paço, pouco ha paſſados, eſtreitos parentes ſeus, e ao ſenhor Dom Manoel de Portugal digno por ſeu admirauel ſpirito deſte, & d'outros mayores titulos, com os mais que nomeamos ſeguimos neſta Relaçaõ.

E

E ſobre tudo o que mais ſoube Franciſco de Sá foy ſer pio, & Catholico Chriſtaõ, deuotiſſimo em particular da Virgem noſſa Senhora, em cujo louuor compos as duas Canções que neſtes papeis ſe vem em ſeu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de noſſo Saluador de 1558. eſtá enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo, Arcebiſpado de Braga, com ſua molher, & cunhados na Capella de Sancta Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varaõ grauiſſimo, filho do Capitaõ da Ilha da Madeira do Conſelho do Eſtado del Rey, grande vallido de Dom Sebaſtiaõ o primeiro, & muy eſtimado de ſua Mageſtade, que Deos guarde, auendo reſiſtido as dignidades Eccleſiaſticas que lhe foraõ offerecidas, & retirandoſe no fim da idade a viuer priuadamente c'os Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, naõ lhe pareceo que encontraua os intentos, com que ſe alli fora, nem as calidades, & circunſtancias que nelle concorriaõ em tratar da honra que ſe deuia á memoria de taõ gran-

de

de homem, & aſſi ſe occupou os vltimos meſes de ſua vida em lhe mandar lá melhorar a ſepultura, & pôr eſte Epitaphio em lingoa Latina, polla qual Obra ſerá ſempre taõ louuado dos bons ſpiritos, como he rezaõ que o ſeja de todos os homens pollo zelo da juſtiça, & bem publico que moſtrou em todos os eſtados, & fortunas, &c.

EPITAPHIUM

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

RUSTICA, quæ fuerat ſolis vix cognita ſiluis,
Aulica Miranda Muſa canente fuit.
Maturosque iocos, & ludrica ſeria ludens,
Diuina humanum miſcuit arte Melos.
Cum poſſet gladio tranſcendere nomen auorum
Maluit arguti militiam calami.
Poſt habuit faſces, & inertis laudis honores
Ac docuit plectro promeruiſſe decus:
Omnia Mirandus Mirandus puluere in ipſo eſt;
Puluere in hoc patriæ gloria ſcripta manet.

OBRAS

OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

SONETO I.

A PRINCIPE tamanho cujo rogo,
E mais aos ſeus, inda he mais que mandar,
Que poſſo eu al fazer ſenam paſſar
Polla agoa, pollo ferro, & pollo fogo.
Se me firo, ou me queimo, ou ſe m'afogo,
Se dou de mi ao mundo em que fallar,
Facilmente ſe pode deſprezar
Tal dano, & inda mal que não foy logo.
Era jà tudo, (como encomendado
Á traça, ao pó d'Aldea, & ſua rudeza,)
Entre teas d'Aranha ſepultado.
J'agora gram Senhor, tudo deſpreza
Quem ſae á praça por voſſo mandado;
Baſtalhe o nome ſò de voſſa Alteza.

SONETO 2.

INDA que em voſſa Alteza a menor parte
(Em quem Deos ajuntou tantas, & tais)
Séja eſta, todauia entre as reais
Iá ſe ella contou ſempre em toda a parte.
Dar fauor aos engenhos, & a toda arte
Das boas, faz os Reys aqui immortais
Por fama, & paſſando inda auante mais
Hũs fez deoſes de todo, outros em parte.
A guerra leua o mór Scipiaõ conſigo
As Muſas brandas de ſeu natural,
Que aſſi ſem armas ſaõ d'altas ajudas.
Ellas nos contam do bom tempo antiguo,
Cayram as eſtatuas de metal,
Que al ſe podia eſperar de couſas mudas.

SONETO 3.

TARDEY, & cuido que me julgam mal,
Que emmendo muito, e que emmendando dano,
Ah Senhor, que ei grã medo ao mao engano
Deſte amor que a nòs temos deſigual.
Todos a tudo o ſeu logo acham ſal
Eu riſco, & riſco, voume d'anno em anno
Cum dos ſeus olhos ſó, vay mais vſano,
Phelipe, aſſi Sertorio, aſſi Anibal.
Ando cos meus papeis em differenças
Sam preceitos de Horacio me diram
Em al nam poſſo ſigoo em apparenças.
Quem muito peleijou, como irá ſam,
Tantos ledores, tantas as ſentenças
Cum vento vellas vem, & vellas vam.

SO-

SONETO 4.

AQUELLA fè taõ pura, & verdadeira,
A vontade tam limpa, & tam ſem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, & hi apurada, & ſempre inteira.
Aquella perfeição que achou maneira
D'encher de fogo o peito, os olhos d'agoa,
Por quem ledo eu paſſey por tanta magoa,
Culpa minha primeira, e derradeira,
De que me aproueitou; nam d'al por certo,
Que d'um nome ſómente leue, & vam,
Cuſtoſo ao roſtro, & mais cuſtoſo á vida.
Dey que fallar em mi ao longe, & ao perto,
Conſolaraſe já alma captiua
(Pois piedade nam acha) achar perdam.

SONETO 5.

EM pena tam cruel, tal ſofrimento
Em dòr tamanha dôr, que nunce aliua,
Chamar a morte ſempre, & que inda viua
Como ſe fora vida eſte tormento;
E ver no mal (que todo entendimento
Naturalmente foge, eſtranha, & eſquiua)
Iazer tão de vagar alma captiua,
A quem nam fará crer que he tudo hũ vento?
Bem ſey hũs olhos que tem toda a culpa,
E ſam os meus, que a toda a parte vem;
E aquillo que vem ſempre, iſſo os deſculpa.
Ó minhas viſoẽs altas, meu ſò bem,
Quem vos a vós nam vee, eſſe vos culpa;
E eu ſou ſò quem vos vee, outrem ninguem.

SONETO 6.

DESARREZOADO amor dentro em meu peito
Tem guerra co'a rezão, Amor que jaz
Hi já de muito tempo, manda, & faz
Tudo o que quer a torto, ou a dereito.
Nam admitte rezões, tudo he despeito,
Tudo soberba, & força, faz, desfaz.
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidais que sois, entam tudo he desfeito.
D'outra parte a rezaõ tempos espia,
E espia occasiões, de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo, em fim vem o seu dia.
Entam nam tem lugar certo em que aguarde,
Amor, & treyções trata que nam fia,
Nem dos seus, que farey quando tudo arde.

SONETO 7.

AQUELLAS esperanças, que eu mettido
A tormento, lancey fora por vãs,
Que fazem ainda aqui co as minhas sãs
Contas, feito em pò já tudo, & bebido?
Como? & serà tam cego, & sem sentido
Amor, que hũas rezões claras tam chãs
Nam ouça, & que nam veja tantas cãs,
Tanto tempo baldado, & nam viuido?
Esta alma tantas vezes enganada
Nam tornará por si, nam fará conta
Co a despesa, co Sol, & co a jornada?
Quem do mar escapou, quanto mal conta,
Que perigos sem fim, mas logo brada
Outra vez aos da nao, na terra afronta:

SO-

SONETO 8.

AMOR que não farà? fezme engeitar
Tão leuemente a mi, por quem me engeita,
Castèllos de sperança, & de sospeita
Faz, & naõ sey que faz, tudo he no àr.
Fezme pedras colher, fez m'as lançar,
Aperta-se alma triste en si encolheita,
A força que fara, & a ley estreita,
Queira, ou não queira, em fim ha de passar.
Ora tão cego era eu, que da vontade
Tudo fiey, que tudo a trauez guia,
Tamanha imiga minha, & da verdade.
Que al se podia esperar de hũa tal guia,
Cahi onde ora jaço, ó crueldade,
Não sey quando he de noite, & quando he dia.

SONETO 9.

NAM sey que em vós mais vejo, náo sey que
Mais ouço, & sinto ao rir vosso, & fallar,
Não sey que entendo mais té no callar,
Nem quando vos nam vejo alma que vee.
Que lhe aparece em qual parte que esté,
Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em que tanto mais vay, que direy que he?
Em verdade não sey que he isto que anda
Entre nós, ou se he ár como parece,
Ou fogo d'outra sorte, & d'outra ley.
Em que ando, de que viuo; & nunca abranda,
Por ventura que á vista resplandece,
Ora o que eu sey tão mal como direy?

SONETO 10.

Alma, que fica por fazer, desd'oje
Na vida mais? s'a vaã minha esperança
Que sempre sigo mais, sempre me foge
Por onde a vista alcança, & naõ alcança.
Fortuna que fara? roube, & despoje,
Prometa d'outra parte em abastança,
Que já naõ ha que me alegre,ou que me enoje
Quantos pezos tiuer lance â balança.
Chorey dias, & noites, chorey annos,
E fuy de longe ouuido pollo escuro,
Gritando acrescentey sempre em meus dannos.
Agora que farey? por Amor juro
De tornar a cantar fora d'enganos,
E por muito, do mal posto em seguro.

SONETO 11.

O sol he grande, caem com a calma as aues
Do tempo, em tal sazão que soe ser fria:
Esta agoa que d'alto cae acordarmehia,
Do sono não, mas de cuidados graues.
ó cousas todas vãs, todas mudaueis,
Qual he o coração que em vós confia?
Passando hum dia vay, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naues.
Eu vi jà por aqui sombras & flores,
Vi agoas, & vi fontes, vi verdura,
As aues vi cantar todas d'amores.
Mudo, & seco he jà tudo, & de mistura;
Tambem fazendome eu fuy d'outras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

SO-

SONETO 12.

QVANDO eu, ſenhora, em vós os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri,
Que ouueſſe cá, recolheſe alma em ſi,
E vai treſualiando como em ſonho.
Iſto paſſado, quando me deſponho,
E me quero affirmar ſe foy aſſi,
Paſmado, & duuidoſo do que vi
Me eſpanto ás vezes, outras me enuergonho.
Que tornando ante vós, ſenhora tal,
Quando auia miſter tanta outra ajuda:
De que me valerey, ſe alma nam val?
Eſperando por ella que me acuda,
E nam me acode, eſtá cuidando em al,
Afronta o coraçam, a lingoa he muda.

SONETO 13.

QVIEN dará a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que mane noche, y dia,
Reſpirará, ſi quiera, el alma mia
Llorando, ora el paſſado, ora el preſente.
Quien me dará apartado de la gente
Soſpiros, que en la mi luenga porfia
Hagan, que ſienta fuego aquella fria
Cauſa, de que naſcio tanto accidente?
Quien me dará palabras con que yguale,
Quexandome del mal que Amor me há hecho?
Pues que tan poco el ſufrimiento vale.
Quien abrirà por medio eſte mi pecho,
Ado yaze el ſecreto que no ſale,
Con tanta cuyta mia, y mi deſpecho?

SO-

SONETO 14.

DEL Tibre embuelto, al nueſtro Tajo, vfano
De ſus arenas d'oro, y rica playa,
Enchi todo de quexas, venga, o vaya
Llamando por la muerte ſorda en vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano
Quanta de torre, quanta de atalaya,
Alças cada ora, a fin que todo caya
Por tierra, y metan todo a ſacomano.
Que Seſipho quereis mas embebido
En ſu trabajo vano, en ſu porfia,
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noche tras noche và, dia tras dia,
No pido Amor piedad, remedio pido
Boluerme he a loquear como ſolia.

SONETO 15.

YO no entiendo bien que, mas eſta fuente
Habla comigo, y oras ſe me antoja
De tantas quexas mias que ſe enoja,
Oras que me conſuela, y que las ſiente.
Amor que aqui me truxo, no conſiente
Que yo me vaya a otra parte, y que me acoja,
De los ſueños en que ando, juzgue, y eſcoja
Si es verguença el tardar tan luengamente.
Grande fuerça s'a hecho a los mis ojos,
Grande al entendimiento andando aſſi
De veras ocupado en mis antojos.
No ſe lo que me vi, ni que no vi,
Quien puſo tal ſabor a mis enojos
A pezar, que es peor, ſoncas de mi.

SONETO 16.

Aquella apresurada rueda biua
De sobresaltos que mudã tan presto,
Tantas vezes cada ora este mi gesto,
Nunca la voluntad tanto á captiua.
Esta llama cruel la pena esquiua
Que no reposa Sol nascido, y puesto,
Señal de como os veo manifiesto
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Sino me dexan (como digo) el dia
Y no la noche, antes me es tormento
Contino, y crueldad, que culpa mia.
El tiempo passa en vano, ha hecho assiento
En mi alma abrasada, y luego fria
Vn ser, que es menos ser cada momento.

SONETO 17.

Entre Sesto y Abido, al mar estrecho
Lidiando con las ondas sin sossiego,
Noche alta el buen Leandro prueua el ruego,
Prueua lagrimas tristes sin prouecho;
Viendo que es todo en vano, pone el pecho
De nueuo al mar yrado, ojos al fuego,
Que en la alta torre luze, ay Amor ciego
Quanta de crueldad has visto, y hecho?
Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto desseado, y dulce puerto,
Porque si quiera allâ, muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo) cubierto.
Yá dellas, mas no hareis que allâ no vaya,
Biuo no quereis vós, mas irè muerto.

SONETO 18.

LLEUADA en facrificio Policena
Al fepulchro de Achiles, yá que vido
De Pyrrho' el cruel braço en alto erguido
Por la herir, boluio toda ferena.
Y dixo, a quanto mal, y a quanta pena
Pondras fin luego, ó golpe bien venido,
Dexando el cuerpo muerto aqui tendidó
En defierta, pero vezina arena.
Y luego la real cara animofa
Boluiendo a todos, mas clara que el dia,
Aun de fu cuerpo muerto recelofa.
Trocame a ruegos de la madre mia
(Les dixo) con fus hijos defdichofa,
Que a oro os los comprô, quando podia.

SONETO 19.

AH que dirê, que es efto, que anfi engaña
Tan dulcemente, en lo que tanto duele,
Tan en contrario a todo lo que fuele
D'acontecer en quanto offende, y daña.
Vemos (y es cofa clara) que fe enfaña
Quanto fe mueue en tierra, o en ayre buele,
Vna vez engañado, y que fe vele
A un puefto en feguro d'arte, y manha.
Ora efte coraçon mio offendido
Tantas vezes llegado a la fu muerte,
Como lo pone anfi todo en oluido?
Quanto al hado fe dio, quanto a la fuerte?
Quan poco a la razon, poco al fentido?
Por verte foy yo tal, y bueluo a verte?

SO-

SONETO 20.

AMOR tirando vá por cielo, y tierra
Mil flechas de oro, mil de plomo elado,
Há muerto, hà mal herido, hâ mal llagado
A muchos, y dize el, de buena guerra.
Ojos yá no tenia, oydos cierra,
Las manos malas solo le han quedado,
Cruel flechero, al mal tan auesado,
Que a caso tira, y nunca el golpe yerra.
(Dizele la su madre) de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besòla el en los ojos, y madexas
De oro, y respondiole, ò madre mia,
Como quereis si soy ciego que vea.

SONETO 21.

ADO se boluerâ, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada,
A la presente cuyta, ó a la passada
Que esperança me haze ir tan adelante?
Que aprouecha que llore, y que, que cante,
Que grite noche, y dia, en fin que es? nada;
Porfiar, y seguir la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça
Quando yá sobreuiene noche escura?
Que cosa puede ser, sino es ser loco?
Ah de quien confiaré la mi cabeça,
Que me aya de curar tanta locura!

SONETO 22.

QUE es esto Philis, que estás tan turbada,
Tan sola, demudada, y sin color,
Cabe esta fuente, tanto Ruyseñor,
Y tanta otra auezilla enamorada?
Si lo que ves, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor,
Vez tanta differencia, y tanta flor
De que la tierra está como esmaltada?
O Nise, Níse leda, y desseosa
De caçar vine aqui a esta ribera
Todo me hizo oluidar la fuente hermosa,
No soy la Philis yà, que d'antes era,
Salteome aqui vn cuydado, ah falsa cosa,
Quan presto esta mi vida se perdiera.

SONETO 23.

CABE vna fuente en boz alta, y sin tino,
Se quexa el buen Salicio atormentado,
De vn mas que vano amor, zagal cuytado,
Ved de su mal a que remedio vino?
Amor que nunca và por su camino
A caso ende passava a buelo alçado,
Oyò el llanto que despedaçado
El monte repetia alli vezino.
S Quien dio principio a mis cordojos? *A.* Ojos
S Cierto crueles, y a mi destierro? *A.* Ierro.
S Desseos a que fin lleúanos? *A.* Vanos.
S A lagrimas, y enojos? *A.* Mas enojos.
S Pues que remedio a tanto de hierro? *A.* Hierro.
S Que muera assi a mis manos? *A.* Ya mis manos.

SO-

SONETO 24.

A Diogo Bernardes.

NESTE começo d'Anno, em tam bom dia,
Tam claro, porque nam faleça nada,
Me foy da nossa parte apresentada
Vossa composição, boa a porfia.
De que espanto me encheo quanto alli via?
E mais em parte cá tam desuiada
Sempre atègora da direita estrada
De Clio, de Caliope, & Thalia.
O que enueja vos ey a esse correr
Polla praya do Lima abayxo, & arriba
Que tem tanta virtude de esquecer.
O que estes tristes corações aliua
Do pezar igualmente, & do prazer
Passado, que nam quer que inda homem viua.

SONETO 25.

A Francisco de Sá de Meneses.

A VOSSA verdadeira penitente,
Quão bem que lhe guardais pontos deuidos,
Do Sepulchro os Apostolos partidos,
Ella nam parte, vede o que alli sente.
E assi mereceo ver primeiramente
A Deos, que fosse em habitos fingidos,
Tudo amor vence, altissimos sentidos
A quem tal ortelão se fez presente.
Gregorio a põe por hũa, outros Doutores
Fazemna tres, apos Gregorio vam
Despois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu senhor que sam,
Aquelles outra vez que sam amores
Tantos sospiros, & hum só nunca em vam.

SONETO 26.

A morte de ſua molher.

Aquelle eſpirito já tambem pagado
Como elle merecia, claro, & puro,
Deixou de boa vontade o valle eſcuro
De tudo o que cà vio como anojado.
Aquelle ſprito que do mar irado
Deſta vida mortal poſto em ſeguro,
Da gloria que lá tem de herdade, & juro,
Câ nos deixou o caminho abaliſado.
Alma aqui vinda neſta noſſa idade
De ferro, que tornaſte a antiga d'ouro
Em quanto cà regeſte a humanidade.
Em chegando ajuntaſte tal theſouro,
Que para ſempre dura, ah vaydade,
Ricas areas deſte Tejo, & Douro.

SONETO 27.

Este retrato voſſo he ſô ſinal
Ao longe, do que ſois, por deſemparo
Deſtes olhos de câ, porque hum tam claro
Lume não pode ver viſta mortal.
Quem tirou nunca o Sol por natural,
Nem vio (ſe nuuens não fazem reparo)
Em noite eſcura, ao longe aceſo hũ faro,
Agora ſe não vee, ora vee mal.
Para hũs tais olhos, que ninguem ſpera
De face a face, gram remedio fora
Acertar o pintor veruos dormindo.
Mas inda aſſi não ſey que elle fizera,
Que a graça em vós não dorme em nenhũa hora
Fallando que fará, que fará rindo?

SO-

SONETO 28.

De Pedro d'Andrade de Caminha.

NAM ousaram te'gora apparecer
Estes versos de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & ordenados
Assas tem, porque deuam de temer.
Vam vos pedir, senhor, que os queiraes ver,
E riscar, & emmendar porque emmendados,
Por vós possam andar mais confiados
Do que por meus puderam merecer.
Vay hi Androgeo triste, vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente
No Mondego por vós jà celebrado.
Queixamse Nymphas delle, ahi do dano,
Que por Syluia se vè nelle, & se sente
Triste, della, & de vós desemparado.

SONETO 29.

Reposta do Author.

ASSI que me mandaueis attreuer
A versos já das Musas assellados?
E áquella grande Syluia consagrados
Hycaro me pōe medo, & Lucifer.
Os meus se nunca acabo de os lamber,
Como vssa aos filhos mal proporcionados
(Ah passatempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem posso porém nisso offender?
Tudo cabe no tempo, entregue ao dano
Depois á perda; digame esta gente
Qual anda o furioso assi emmendado.
Deixo as cousas sagradas, que hum profano
Leygo, como eu em tocallas tão sòmente,
Nam he de siso saõ, mas aballado.

SO-

SONETO 30.

De Dom Manoel de Portugal.

SOEM as vezes ser mais estimadas
As palidas espigas puramente
Offerecidas, que o ouro refulgente
Descuberto por veas soterradas.
Por isso ante vós vam tam confiadas
Rarissimo Francisco, & excellente
A rudeza do estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.
O que brotou de si a natureza
D'arte, nem d'arteficio ajudada,
Colhido sem sazam, senhor, offreço.
A vontade de vós seja estimada
Porque em tam baixo tempo em que pureza,
E em que obras nam ha, deue ter preço.

SONETO 31.

Reposta do Author.

TANTAS mercés tam desacostumadas
Como as posso eu seruir deuidamente?
Farey como ja fez hum innocente,
Hum rustico pastor d'entre as manadas.
Que d'agoa offereceo por mãos lauadas
A Xerxes, bebeo elle, & sanctamente
Iurou que nam bebera tè o presente
Com tal sabor por copas d'ouro obradas.
Senhor Dom Manoel se a sò clareza
De hum peito aberto, & limpo, & fè lauada,
Muito merece, muito vos mereço.
A pedraria vãmente estimada,
Os vazos crystalinos de Veneza
Ia se achão, eu aos meus palmos me meço.

FA-

FABULA DO MONDEGO.

A EL REY DOM IOAM O III.

EGLOGA PRIMEIRA.

I.

Inclito Rey, que de vno al otro Polo
De tropheos enchis, abriendo al Nilo
Desd'el Tajo, luz nueua, y nueuo dia:
Trocando en esto la natura estilo,
Dandoos Neptuno el mar, dandoos Eolo
Sus vientos, y armas Marte a la porfia:
Por la Zona, que ardia,
Bolando osadamente,
Vuestra animosa gente,
Los Portugueses, a quien nada espanta
En vòs, Senhor, los ojos, y en la santa
Empresa, y lealtad propria, y d'abuelos
Que a los miedos encanta
Gran denuedo venciò, grandes recelos.

II.

Mientras nel mar bermejo el Ottomano,
Poder vsado a tantos vencimientos,
Por culpa agena, mas que virtud suya
Ata las llagas, trueca pensamentos,
Tiembla pensando a vuestra armada mano
Como s'ampare, o como della huya,
Antes que lo concluya
Del todo, y buelua en nada
La victoriosa espada,

En el comun plazer ninguno quede :
Que no os venga a feruir con lo que puede,
Yo tambien tropeçando hafta que caya
Verè , fi me concede
Nueftro eftrellado Pan , con que a vòs vaya.

III.

Y viendo que baxais vueftros oydos ,
Por effa tan humana manfedumbre ,
Al canto paftoril , yà hecho ofado :
Quiçà moueré mas ázia la cumbre
D'aquel alto Parnafo mis fentidos ,
Que del eftaua yá medio oluidado :
El bueno , el alabado
Tytero Mantuano
Alçando el cantar llano
Del campo , nos dexò fobrada efcufa
De correr tras fu leda , vfana Mufa
Quanto las fuerças pueden foftener
Como vemos , que fe vfa
Reconociendo el tiempo y fu poder.

IV.

Entre el gran Tajo , y el Duero el buen Mondego
Vn tiempo Munda (tal es fua agua clara)
Yendofe por fus campos paffeando :
Saliendo donde el monte le apretàra ,
El trabajo vencido , entra en foffiego ,
Y como vencedor và triumphando :
A do agora cantando
Iuntas las nueue hermanas
Del fauor vueftro vfanas
Acordadas fe mueuen , y en concierto
Saliendo del ñublado al ayre abierto

Can-

Cantando el vueſtro nombre, y ſubirlean
Del cielo al alto puerto
Do tales Reyes por tales obras van.

V.

Riberas deſte caudaloſo rio
Riquiſſimo de paſtos, y ganado
Huuo vn noble donzel de naſcimiento.
En edad tierna huerfano dexado:
Sin padre, o madre, ſin hermano, o tio:
Libre ſeñor de vn largo heredamiento:
El viſto entre otros ciento,
Hermoſo, apueſto, y tal,
Que a ſer el principal,
No cuerpo, geſto, o gracia le faltaua:
Antiquiſſima fama le arrayaua
De ſangre de Gerion, que a tantas lides
Ante ſu grey ſe armaua
Fuerte en tres cuerpos contra el fuerte Alcides.

VI.

Cuya venida a do aquella agua baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria
De vna alta torre de ſu nombre rica:
Por ſuya juntamente, y nueſtra gloria
Como aquellas columnas, que a la Heſpaña
D'Africa parten con diſtancia chica.
Tras eſta multiplica
Vna, y outra ſeñal,
Tanto arco triumphal,
Tantas las grutas, y edificios Romanos,
Tantos los aqueductos yà mal ſanos,
Que la han de antiguedad ennoblecida,
Segun las nueſtras manos

A ſus obras dan mil años de vida.

VII.

Mas ſobre todo, lo que enriqueciò
L'antigua tierra mia, es el theſoro
Del ſancto cuerpo de ſu Rey primero,
Que en vn dia venciò tanto Rèy Moro,
Quando aquel Rey Mayor le aparecio
Erguido qual eſtuuo en el madero,
Por el padre primero
Que con el bien no pudo:
Por lo qual vueſtro eſcudo
Real lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal myſterio dignas.
El buen Hijo cabe èl quiſo yazer,
Que deſplegò las Quinas,
Y a Guadalquibir ſangre hizo correr.

VIII.

Poluamos al Mondego, que en tal parte,
Tanto a ſu ſabor và que no ſe ſiente,
Bien como otro Meandro en ſus rodeos.
Ende al paſſar de vn boſque, de vna fuente,
Rica de la natura, y pobre d'arte,
Vioſe vna Nympha tambien ſin arreos.
Diuina en ſus meneos,
Gracioſamente eſtando,
Gracioſamente andando,
Blando ayre reſpiraua el prado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el ſeno
Enchiendoſe yua de diuerſas flores,
De que el prado era lleno
Sobre verde variado en mil colores.

Que

IX.

Que todo era ende, do ſe detuuiera
La Nympha hermoſiſſima, cubierto
De arboledos floridos, que ſe alçauan,
Todos quaſi en medida, y cuento cierto
Del rio de vna parte, y del monte era
De otra cercado, que lo rodeauan,
Las aues combidauan
Con ſus blandos cantares
Tomar alli a pezares,
Puerto: quien a ſazon mejor arriba:
La fuente mana de una piedra biua,
Eſcondida a paſtores, y a ganado,
Que dulcemente ſe yua
No ſe que murmurando por el prado.

X.

Nieue la Nympha, y el veſtido nieue,
Entretexidas d'oro flores raras,
En las ſueltas madexas d'oro fino,
Vencen ſus ojos as eſtrellas claras,
Los delicados pies por flores mueue,
Quanto ſe vè, y no vé todo es diuino:
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Y quando huuo de ſer
Nunca ſe acontecio ſin graue daño,
Exemplo es de Acteon el caſo eſtraño,
Que transformado en cieruo, corre el campo
Vn caçador tamaño
Huyendo al ſu Pamphago, y al ſu Melampo.

XI.

Ella cantaua aquel cantar famoſo

De

De la blanca Diana, y roxo Apolo,
Hermofiſſimo parto de Latona:
Que no le dan con tales hijos, ſolo
(Si quier por breue eſpacio) algun repoſo,
Afflita ſin ayuda de perſona:
Tuuieran la corona
De crudos, y villanos
Los Licios Aldeanos,
Ranas aora viles, que han tal hecho,
Negando el agua de comun derecho,
Devida a todos, que ella de merced
Con ſus hijos al pecho,
Les pide muerta de canſacio, y ſed.

XII.

Diego (que tal nombre el moço auia)
A caſo alli llegò, buſca ſoſſiego,
Viniendo de ſus caças fatigado:
Ah triſte a donde vas? todo ende es fuego,
El boſque, el rio, y eſſa fuente fria,
Son llamas biuas: buelue atras cuytado,
De ſu ſuerte lleuado,
La Nympha en octeando,
Como aqui vine, o quando,
(Dixo) yo donde eſtoy? ojos que veis?
Sentidos que tan alto os eſtendeis?
Ay Dioſes inmortales, no me ſea
Contra todas las leys
Por culpa auida aqui coſa, que vea.

XIII.

La Nympha que ſintio de ojos mortales
Su beldád inmortal ſer offendida,
Gimio (dexando el canto) contra el Cielo,
Del

Del gesto hermoso la color perdida,
Y juntamente bueltos los señales
Del plazer huydizo en pena, y duelo:
Y como hizo el moçuelo
Troyano, no pudiendo
Sufrir su cuyta, ardiendo,
Echòse al agua allà por lo escondido;
A los ojos huyò, que no se vido
Despues acá entre nòs en parte alguna:
Diego esuanecido,
Como vna piedra mira a la laguna.

XIV.

Auia Amor dipuesto a la sazon
El pecho (d'antes duro, y cahareño)
Auesado a la caça de las fieras,
Y a despreciar Amor dende pequeño,
Por lo qual assechando la occasion,
Vengatiuo qual es, diole de veras,
Diziendo: Ora tu, que eras
Tan atreuido, y loco,
Ternas en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga:
Vengóse el niño ciego, ora te venga,
Si tanto puedes: Frio Diego està,
Oyò la cruda arenga,
Sintio el gran golpe, Amor burlando và.

XV.

Despues (como de sueño alto) despierto,
Los ojos buelue acà, y allà pasmado
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
Y qual ir vemos vn desasissado,
Ansi se mueue como por acierto,

Ora

Ora corre , ora pàra , y grita en vano :
Gozòse Amor villano ,
De como en poco trecho
De Diego vn otro há hecho ,
Viendole por el agua entrar sin tino ,
Quanto entrar puede, que no sabe el mezquino
Lo que hazer deua àquella cuyta suya ,
Aquel furor diuino ,
Donde , o como le attienda , o por do huya.

XVI.

Dezia a gritos , como , y pudo auer
Lugar a do cupiesse vn bien tamaño ,
En todo este cercado acà del suelo ?
Aquel bien solo , que ygualaua el daño ,
La tanta claridad , como esconder
Se puede por mi cuyta , y desconsuelo ?
Quien me alçaria a buelo
Buscando el arte todo ?
Quien me darà algun modo
De todas reboluer las aguas dentro ?
Quien me abrirá la tierra hasta su centro ,
Que siempre vaya , y nunca buelua atras ,
Por fiero , y duro encuentro ,
Hasta que llegue a dar donde tu estás ?

XVII.

Que podeis yá aqui ver ojos cuytados ,
Saluo ora baxo , ora mas alto el rio ?
Ora al amigo mal , ora al pariente ?
Ora grande calor , ora gran frio ?
Las roñas , los mas males de ganados ,
Las renzillas , que van continuamente ,
El luengo año , que miente ,

A

A tantos de ſudores
De pobres labradores,
No baſta trabajados, mas hambrientos,
Truenos, yelos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue niebla, ayre corrupto,
Tantos deſabrimientos,
Del tiempo, o muy lluuioſo, o muy enxuto.

XVIII.

Todo quanto eſte mundo en precio tiene,
Riqueza, y flores, fuentes que anſi aplazen,
Toda aquella beldad, nos es eſtraña:
Por coſtumbre es la fuerça, que nos hazen,
Que poco dello, o nada nos conuiene,
El fuego hermoſo todo quema, y daña:
Quien eſpera la ſaña
Del agua quando crece?
Allà riba apparece
Tanta d'eſtrella, que la noche mueſtra,
Mas eſtan altas: es rica la mueſtra,
Eſtraña a nòs; pero no lo era aquella,
Que vi; y aſſi tan preſta
Huyò, ay Dioſa cierto, y no donzella.

XIX.

A mi miſmo ſoy hecho vna enojoſa,
Y muy peſada carga, en ygualdad
Me falta anſi lo mio, como ageno;
Pobre en mis bienes, que es d'auer piedad,
Que baſta al coraçon, que no repoſa.
Quien la mano metio dentro en mi ſeno?
Que ſe hizo el tiempo bueno:
Que me yua a las riberas,
Que me yua tras las fieras

A caçar, y pefcar, con que porfia,
Partia ledo, ledo me boluia:
Como las cofas van mudando el fer?
Ora con que alegria
A cafa boluerê? con que plazer?

XX.

Yuafe Diego anfi deuaneando
Por fus locuras, que fin no tenian
Muchos canfacios fin ningun prouecho;
Idos los vnos, otros que venian,
Configo de contino peleando,
Và batalla cruel dentro en fu pecho:
D'amor, y de defpecho
Acâ, y allâ lleuado,
Ora vence vn cuydado,
Ora vence otro, el trifte hecho pedaços,
Con fus contrarios lidiando a braços,
No viendo que confejo dexe, o figa,
Confufo entre embaraços,
Rindio-fe a la Fortuna fu enemiga.

XXI.

Vn dia (vano aliuio de fu mal)
Alli venido con la fu vihuela,
Que otro tiempo preciada fer folia:
No como fer folia fe confuela,
Mas defcordado el trifte, y defigual
Dexaua ora el tañer, ora tañia:
Puefto en tal agonia,
Huuo de començar
El llorofo cantar
De Euridice, y de Orpheo antiguo cuento.
Caen lagrimas vanas, lleua el viento

Mu-

Muchos ſoſpiros, tiempos muy diuerſos
Trayendo al penſamiento;
Al fin ſoltó la lengua en eſtos verſos.

XXII.

Huyendo al atreuido de Ariſteo,
Euridice, en el prado ponçoñoſo
Mordida cae, cruel caſo por cierto:
Dexando al triſte, dexando al quexoſo,
Al pobre, al laſtimado ſolo Orpheo,
Que entre muertos la buſca antes de muerto;
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce, y tan liuiana
Mente tocò, como el ſu mal cantando,
Como el tañiendo: Euridice llamando
Euridice, en repueſta el valle dâ,
Quando ſe aſſienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando và.

XXIII.

De vna merced de Amor, dize, priuado
Si ante tiempo me aueis, como hiziſtes,
A vòs miſmas juzgar, ſombras, lo dexo
Si os mueuen a piedad los caſos triſtes,
Vn ſolo coraçon a entr'ambos dado,
Quitardesme lo anſi: deſto me quexo,
Si el Sol de quien me alexo
Que vio tanto, ver pudo
Tan feo caſo, y crudo:
No tengo en nada, ni ſea nada el daño,
Amor me trae acà, traeme engaño:
Deſſeo, que eſperando ſe conſuela,
No os parezca eſtraño,

Tiem-

Tiempo os pido no mas, poco, y que buela.

XXIV.

Todo ſe os deue en fio, corre a la muerte,
O cedo, o tarde, quanto allá parece;
Y nueſtro cedo, o tarde a vòs que es? nada.
A mi, que amaneciendo me anochece,
Fue me moſtrada la mi rica ſuerte,
Y entre ver, y no ver me fue quitada.
Ver vna flor piſada,
Primero que cogida:
Ver la fruta perdida
Que al buen primero olor mal tiempo eſtraga:
Mieſſes d'algun turbion, o d'arte maga
Dañadas, canſa en ver la viſta, y ciega
Mirad la cruel llaga
Que os mueſtra amor por mi piadoſo, y ruega.

XXV.

Que no me trae aqui codicia eſtraña
De los vueſtros thezoros encubiertos
No loco atreuimiento, ni maldad
De eſpiar los caminos, o los puertos
Del Reyno, que el gran lago Eſtygio baña.
Traeme ſolo Amor, buſco piedad:
Si tanta crueldad
Acá ſo tierra ſe uſa,
Que no me valga eſcuſa
Que no me valgan lagrimas, ni ruego,
Sombras, que vais por ayre eſcuro, y ciego,
Que yà de mi la mejor parte huuiſtes,
Dezid, que es eſto? os ruego,
Porque una no quereis, y otra quiſiſtes?.

XXVI.

No me lo echeis, por Dios, a preſumpcion,
Mas a gran cuyta, que me fuerça, y guia,
Vença eſta noche la mi llama buena;
Si acá de Amor conoſcimiento auia
Como vimos allá nel gran Pluton
Que del moſtrô tener no poca pena
Claro entre nòs ſe ſuena
De donde, como, y quando
Proſerpina buſcando
La madre, acà baxo: y ſatisfecha
Boluio: ſi quiera en parte deſta eſtrecha
Ancia, reſpire triſte, vn poco, aqui:
Mi mal que os aprouecha?
Del bien, que os cueſta mas el no, que el ſi?

XXVII.

Al ſon de las palabras piadoſas,
Y de la lyra blanda, y boz diuina,
Que de ſu mano Amor todo acordara:
Todo lo enternecio, por do camina
Baxaron las ſus clines eſpantoſas
Las tres hermanas; Charon lo eſperàra,
Serenando la cara
De fea catadura
En ſu barca ſegura.
Por tres bocas huuiando el can Cerbero;
Oyendo el triſte, oyendo el laſtimero
Llanto, llorò, dexando aquella puerta,
De que era antes portero
Tan duro, de piedad, al viento abierta.

XXVIII.

Eſtuuo luego queda aquella rueda.

Del

Del Centauro atreuido : Las hermanas
Nietas de Belo , ninguna acudió
Al vano officio. Quedas las mançanas
De Tantalo , y su agua estuuo queda ,
Su sed , su hambre , todo s'aquietò.
El Buytre no royò
De Ticio las entrañas ,
Vino a las soterrañas
Casas del gran Pluton (palacios reales)
Tañió , cantò , llorò tambien sus males ,
Que Euridice le fue dada con ley ,
Que en Reynos infernales ,
No mire atras : Ansi le plugo al Rey.

XXIX.

Todo promete Amor , todo lo espera ,
Vencer pueda , o no pueda , buelue ledo ,
Sigue callada Euridice tras el ,
Ora aquel , que antes desto tanto miedo ,
Tanto trabajo por Amor venciera ,
Venciolo Amor , no se fie nadie del.
Boluiose , y solo aquel
Ayre escuro abraçando
En vano vâ llamando
Por ella , que esuanece , Amor ingrato
Iuega estos juegos ? No puede el contrato
Real quebrarse , no la ley firmada ,
Dize de rato en rato ,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

XXX.

Echado de allá dentro , aquellas puertas
De firmes diamantes , luengamente
Maldixo muchas vezes , y a los muros

Arrojò la vihuela, impaciente,
Quanto mas rezio pudo, y aquellas muertas
Sombras, crudas llamò reynos escuros.
Los dones mal seguros
En tal parte alcançados,
De Dioses nunca vsados.
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Ni saben que es firmeza, y que verdad,
Ni mirar la intencion si les offende,
Amor, y humanidad,
Qual es, aquel cruel, que lo defiende?

XXXI.

Ansi cantaua Diego, y no pudiendo
Con a gran cuyta, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia.
Oluida la samponña, y no s'estrece
Que no viesse visiones, vâ corriendo
Como furioso de malencolia.
Mientele toda espia,
Nunca cuenta concluye
Del campo a caso huye,
De casa huye por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o lo que es esto?
Conozcoos por vanos,
Y bolueisme a engañar luego tan presto?

XXXII.

Bien veo que los Dioses offendidos,
De mi se vengan como mas les plaze,
No mediendo la pena con el yerro,
Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
Como por muerta, yazen los sentidos

Car-

Cargados deſte mal como de hierro ;
A las ſabiendas yerro ,
No lo puedo enmendar ,
Pudiera ya paſſar
Todo el mal que entre dia ſe me offrece ,
Mas ydo el Sol , que todo ſe eſcurece ,
Forçado bueluo a caſa , y luego al lecho ,
Que buelta ſe recrece , .
Que ſobreſaltos van dentro en mi pecho !

XXXIII.

Los mis ojos gran tiempo ha que puſieran
El buen ſueño en deſtierro , y ſi ende llega ,
Allà de fuera , el ſu repoſo dexa ,
Vàſe bolando por la noche ciega ,
E en ſu lugar viſiones ſuccedieran
Todas de medio , que mucho me aquexa ,
El alma ſe me alexa
A muy grandes jornadas ,
Seran preſto acabadas
Eſtas pendencias , diran los paſtores ,
Vnos que fue locura , otros que amores ,
Otros que maldicion , o aſſombramiento ,
Y ſi ay males peores
Haran , triſte de mi , cuentos ſin cuento.

XXXIV.

Quantos votos ſe hizieran , y que ayunos ?
Que eſtrañas deuociones deſuſadas ?
Quantos cuerpos de cera ſe offrecieran ?
Quantos de tierra por encruzijadas ?
Mas los Dioſes a ruegos importunos
Sordos àzia otra parte ſe boluieran :
Que alturas no ſubieran

Por

Por montes ſin caminos ?
Los romances diuinos
Cantando, do la nieue el ſuelo eſmalta
A todo tiempo, que en parte tan alta,
Cren ſer oydas mejor las ſus preces,
Nunca eſperança falta,
Falta lo que ſe eſpera muchas vezes.

XXXV.

Como el pino en el monte combatido
Del impetuoſo viento en la tormenta,
A quantos que lo ven pone en recelo,
Los truenos amenazan, arrebienta
El fuego por las nuues, exlo erguido,
Exlo coruo que vâ cayendo al ſuelo,
Haſta tanto que el Cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo, y no viendo,
El brauo rayo en bueltas mil deſciende,
Aquel poſtrero mal quien ſe defiende ?
Queda vn tronco quemado, y cuento breue,
A quien paſſa por ende,
O buſca alli quiça que a caſa lleue.

XXXVI.

Los males que paſſando el tiempo cura
Como vemos que el haze, pues que vâ
A tal prieſſa (dezia) no ſon males,
Eſto ſi, que eſte es mal, que aqui ſe eſtà
Tanto a deſpacio, y del tiempo no cura
Vn tan cierto remedio a los mortales:
Y ſi las inmortales
Almas de acá partidas,
Del todo eſcaecidas

Van de quanto acà vieran por baldio:
Efte amor, o que fe es efte mal mio,
Do quiera que yo de aqui fuere lleuado,
De oluido el hondo rio
Seguro paffarà junto a mi lado.

XXXVII.

Y fi lo que efta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera defte ayre grueffo, en otro claro,
Y por otras riberas paffeando
Que digan con la fu beldad diuina,
A que eftoyme aqui mas? a que me pâro?
Que no bufco aquel raro
Lugar, que ella efclarece,
A do nunca apparece
Sombra, ni niebla, y fiempre es claro dia:
Ella me fea pues mi buena guia
Partiendome de aqui fe quier que vea
Que vna ora amanecia
Tras vna noche tanto larga y fea.

XXXVIII.

Fueran oydos inciertos, y eftraños
Sones, por el filencio de las noches,
Que el fueño de los lechos ahuyentauan,
Fueran viftas vifiones de fonoches,
Que oyendo, y viendo niños tiernos d'años
A pechos de las madres fe apretauan,
Alto dia bolauan
Las aues enemigas
De luz, con fus antigas
Defapazibles gritas, y alaridos,
En las manadas bueis dauan bramidos,

Que

Que era vna piedad ſolo el oyllo,
Bauados, y tranſidos,
Dende el Toro mayor, haſta el nouillo.

XXXIX.

Los grueſſos campos ſembrados de trigo
Bueno, y eſcogido, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embobecia,
Quien ſembrò mucho, quien no tanto, apena
(La fama que no muere, me es teſtigo)
La ſu propria ſemiente recogia:
Alçauaſe, y ponia
El Sol ſin claridad,
Temioſe aquella edad
De vna noche ſin fin, o mucho luenga,
Quien quereis por ſeguro que ſe tenga,
Entre tanto cuydado tan contino?
Entre vna tal contienda?
En fin quando le plugo al hado vino.

XL.

Vete buen Diego en paz que en eſta tierra
El plazer de oy no dura haſta mañana,
Y dura mucho quanto deſaplaze,
Allâ aora no ves la viſion vana,
Que acá viuiendo te hizo tanta guerra,
Ardiendo el cuerpo que ora frio yaze,
Lo que allá ſatisfaze
A tus ya claros ojos,
No ſon vanos antojos
De que ay por eſtos cerros muchedumbre;
Mas ſiempre vna paz buena en clara lumbre:
Contentamiento cierto te acompaña,
No tanta peſadumbre,

Como acà va por esta tierra estraña.

XLI.

El acontecimiento doloroso
Sabido por lugares conuezinos ,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto ,
Y nueuas alabanças , los caminos
Eran llenos de madres sin reposo ,
Temiendo de sus hijos , que aman tanto :
A todos hizo espanto
Que lo han visto , y oydo ,
Vn mal no conoscido ,
Vn mal que nunca viose entre los males ,
Dizen como pasmados los zagales ,
Diego es muerto , diuinos consejos ?
Si ansi se van los tales ,
Que será de nosotros zagalejos ?

XLII.

Auian ende erguido de maderos
Como vna tumba , auianla cubierto
Toda de rama obscura al derredor ,
Teas de pino por el campo abierto
Que uan de fuego haziendo mil carreros ,
Boltando vna mas breue , otra mayor :
Passado aquel furor ,
Plañido assaz , y assaz ,
Estando vn poco en paz ,
De aquella obscura tumba el edificio ,
Al fuego diose , como en sacrificio ,
Leuantanse alaridos desiguales ,
Dixo vno que es su officio
Ruegos a las cenizas funerales.

Las

XLIII.

Las quales recogidas luego alli,
Fueran pueftas en alto, y fueran mas
Cayado, honda, y viguela: pueftas luego,
Que el tirando dexaua el viento atras,
Y todo junto vn verfo dixo anfi:
Defpojos ante tiempo del buen Diego.
Yâ que efto huuo foffiego
Porfiaran paftores
A cantar fus loores,
Condenando de Muerte, y Amor la faña,
Mandò los fus ingenios toda Efpaña:
Huuo Epitaphios varios, y diuerfos,
De la nueftra montaña
Vino vn paftor, tañiò, pufo eftos verfos.

EPITAPHIO.

El Enemigo Amor a tus poftreras
Honras vino (buen Diego) y alli quemò
Su arco, y las fus flechas laftimeras,
Llorofo, y defarmado fe partiò,
Secaranfe laureles, y las eras,
El ganado a pafcer no fe baxò,
Todo te dà feñal de fu triftura,
Plantas, hombres, ganado, y fepultura.

A EL REY.

XLIV.

CANTADO os he Señor la vida y muerte
De Diego luengamente alli plañido,
Por las hermoſas Nymphas Neyua, y Lima;
Eſta que yâ fue llamada agua de oluido,
Eſt'otra de ſu fuente haſta do vierte
Su vaſillo en la mar de mucha eſtima:
La fama por encima
De montes, y de rios,
A eſtraños ſeñorios,
Lleuó bolando el caſo ſin ſoſſiego.
Ora del claro Munda, y del buen Diego
Por ſu Luſillo alli tanto cercano,
Trocò el nombre en Mondego,
Que parte el vueſtro Reyno Luſitano.

XLV.

Por cierta prueua del antigo cuento,
Conforme a lo que os he ſeñor contado,
Parece de Coymbra en el pendon,
Qual lo vemos al ayre deſplegado,
La Nympha en forma de vn encantamiento,
Que la guarda vn gran Drago, y vn Leon,
Y con juſto blaſon
(Pues que el Reyno pregona
Que es alli ſu corona)
A la Nympa, corona fue añadida,
Que por el agua vá medio metida,
Quanto mano pintar la pudo hermoſa,
Pero, como offendida

Tur-

Turbada toda, y toda desdeñosa.

XLVI.

Otros dan tal pintura a la Donzella,
Que dio nombre a los montes Pirineos,
De Hercules por amor despedaçada,
El cuerpo de las fieras, de desseos
El alma, mientras sola se querella,
Porque estando con el no teme nada:
Otros âquella Hada
Que fue medio Serpiente,
Que el mismo en Oriente
De si en cinta dexó, dexole vn vaso
Rico, porque bebia, ora del caso
Vós sabeis todo, a quien nada escaece;
(Musas del gran Parnaso)
A nós el tiempo todo lo escurece.

CELIA,

AO IFFANTE DOM LVIS.

EGLOGA SEGVNDA.

I.

SERENISSIMO Iffante, a quien se deue
Calor de Esmirna, o Mantua, a quien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del siempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes do no llueue
La niebla se dessea, o algun rocio,
Y no se puede de contino andar
Armado por la tierra, y por la mar.

Las

II.

Las Mufas, quando vueftra Alteza andaua
Bufcando las emprefas de fi dignas;
Que temblando toda Africa fudaua;
Quando del Real Guion las Sanctas Quinas
Via, que a fus confines affomaua;
A fus fuentes las viftes mas vezinas
Entonadas mejor, y mas de veras
Oyllas eis acà como eftrangeras.

III.

Por ora callarfehà Tunes entrado
A pura fuerça, y el tyrano huydo:
Todo lleno de miedo arrabiado,
Y folo de fus mañas focorrido:
Por honra aquel ladron Caco afamado
Tener deuiera fer de Hercol vencido,
En fuegos fe emboluia, y humos vanos
Fiandofe en los pies, mas que en las manos.

IV.

Lo que al Sancto Luis con tanta gente
Cruzada, y a Carlos Quarto denegòfe
No folos ellos, mas todo el Poniente,
A nueftros Luis y Carlos referuòfe:
La antigua y gran Carthago impaciente
De fus paffados daños recordófe:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo juntos venir dos Scipiones.

V.

Mas ah juyzios ciegos de Chriftianos,
Ah furias infernales, ah peccados,
Que en vueftra fangre enfuziais las manos
A tan grande fabor d'arrenegados!

Auien-

Auiendoos Iesu Christo hecho hermanos
Deshazeyuos crueles a bocados ,
Tantas banderas , tantos capitanes ,
Y dexais la Ciudad Sancta a los canes ?

VI.

Quando será aquel dia que a la vuestra
Mano armada se rinda la fortuna ;
Que algo d'embidia a tanta gloria muestra ?
Quando será que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertida dessa diestra ?
Yo que lo cante al Sol , cante a la Luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos ,
Desseos quanto a mi mucho atreuidos ?

VII.

Finalmente (Señor) puesta de parte
Por vn poco la espada , el verdadero
Iuyzio nos bolued a est'otra parte
Donde entra por la mar turbado el Duero ,
Y donde con gran fé , mas con poca arte ,
Cantan pastores al modo estrangero ,
Corren lagrimas justas sin parar ,
Mientras Neyua tambien corre a la mar.

PAS-

PASTORES DA EGLOGA.

AURELIO. MAURICIO. AMARO.

VIII.

AUR. QVE quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Huuiar de perros como a la porfia?
No ſe que ſean cierto, es algum gran mal:
Aues nocturnas bueluan entre dia;
Lobos tan brauos de ſu natural,
Baxan a la Aldea de la Serrania,
No vees el mal guſano, y que peſares
Se há hecho de las viñas, y pomares?

IX.

Vna mula hà parido en nueſtra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayô
Del Cielo vn breue que no ay quien lo lea
Son crego, o frayle, que yâ Miſſa cantô,
Con dos cabeças (coſa eſtraña, y fea)
Vn potro, y con ſeis pies (diz) que naſcio,
Como Gallos nos cantan las Gallinas,
Y no ſe vieran ogaño Golondrinas.

X.

Vemos muertos caerſe los borregos,
Caen las madres de otra parte muertas:
Los ojos que tal ven, paranſe ciegos,
Que las cauſas del todo ſon encubiertas:

Bue-

Buelan de noche por los ayres ſuegos ,
Que carreras atras dexan abiertas ,
Señales , que de ver nunca penſamos
Guarde Dios de peligro a nueſtros amos.

XI.

Ca ſe dize , que hirio por la cabaña
Del buen Alonſo vn rayo , aquel paſtor ,
Que apacienta lo mas de la montaña ,
Ah no nos tenga el cielo tal rancor :
No parece , ſino , que Dios ſe enſaña ,
Amor en nós no vé , prueua el temor ,
No ves quantas de vezes ſe eſtremece
La tierra ? antes tan firme , ora enflaquece.

XII.

Aquel noble donzel que aqui cercano
Con tal nueſtra eſperança ſe crió ,
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina , tañiendo acordò ,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano
(Ah de lo por venir quanto que viò !)
Quan preſto te arrepientes , cruel hado ,
Quando dás tanto bien , de auello dado !

XIII.

Por cierto que yo lo vi , que no quiſiera
Auello viſto , lleuòlo el palacio ,
Crecia en todo a ojo ; quanto fuera
Mejor , y mas ſeguro irſe a deſpacio !
Cuentan milagres del des que allà fuera ,
Mas a tal prieſſa cierto eſtá el canſacio ,
Sea de ſprito , o cuerpo , o de ventura ,
A canſar preſto và quien ſe apreſura.

Mas

XIV.

Mas boluiendo a nosotros (pastor bueno)
Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de tal maldad el mundo lleno,
Que allà los viejos van, van los zagales;
Estoy confuso, y mal duermo, y mal çeno;
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el peccar nuestro, es sin enmienda
Que himos siempre a correr suelta la rienda.

XV.

MAUR. Agora Aurelio entiendo que tu solo
Eres el que no sabe el graue daño
Deste nuestro consejo, que assololo
Como por tierra vn caso duro, y estraño:
Aquel todo su bien, muerte lleuolo,
Quien pensó ver tan presto vn mal tamaño?
La nuestra Celia es muerta; ay breue cuento
Mas digno de infinito sentimiento!

XVI.

AUR. Como que es muerta Celia? y pudo Muerte
Hazer, aunque cruel, tal crueldad?
Pues como? vàse todo ansi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En humo, en nada, estado, y fresca edad?
Triste de mi, de vida yá Celia es fuera?
Quien oye tal tambien que no se muera?

XVII.

Dexemos la beldad, que ella tenia
Por cosa vana (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuydado via,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana,

Que

Que para nòs, no para ſi biuia,
Que pudo Muerte ſer tanto villana?
Cortó la tela ordiendoſe ſañuda,
Dexando tanta gente acà deſnuda?

XVIII.

D'Amaro, y que ſerá? ſolo dexado
Por raro exemplo de vna triſte vida,
Como por mueſtra, como por dechado
A nòs ſerá ella corta, a el cumplida.
Qnan preſto tanto bien ſe hà traſtornado?
Ay bienes falſos, ay mueſtra fingida,
Que anſi nos vá engañando de año en año,
Y ſiempre al recoger ſe buelue en daño!

XIX.

Maur. Pues aun no ſabes bien lo que paſſé
Con el en el combate deſigual:
Era juſto el dolor, empero fuè
El impeto primero irracional,
Y no de hombre, aunque barbaro, y ſin fé,
Sin alma, ſin razon, bruto, y beſtial;
Quiſo boluerſe a ſi como enemigo,
Mas huuo de lidiar antes comigo.

XX.

Quantas vezes que al alma del cuytado
Viſto he partir tras l'alma ſancta della,
Dexando el cuerpo alli deſamparado,
Solo tendido como que yua a vella?
Dende a buen rato el triſte en ſi tornado
Buelto de nueuo al llanto, y a la querella,
Gritos mil yua dando alto, y ſin tino,
Vnos tras otros ſiempre de contino.

Cruel

XXI.

Cruel Celia (dezia) anſi me dexas ?
Quien te me hizo cruel ? no me reſponde,
Señal que yâ no las oye eſtas mis quexas,
Tan lexos la lleuaron, triſte, a donde
Celia te me han lleuado ? anſi te alexas
Sin mas piedad de mi ? quien te me eſconde ?
Quien huyendo ſe vâ (dizime) ah quien,
Huyendo ſe me và con tanto bien ?

XXII.

Luego boluia, eis que mas piadoſa,
Como ſiempre mas blanda, y nunca eſquiua,
Me buelue a ver, mas como tan cuydoſa ?
Dexadme allá llegar, a ver ſi es biua,
O ſe me engaña eſta alma deſſeoſa !
Que es eſto ? a do ſe fue, mudada que yua ?
Y quanto (ò triſte) toda de otra mente
De la Celia que yo vi primeramente !

XXIII.

Quantos de deſuarios ? que ſin cuento
De deſconciertos dixo ? y que de antojos ?
Que de fantaſmas via en vn momento
Tieſos, y ſiempre enxutos los ſus ojos ?
Parece que del mucho ſentimiento
El humor congelaran los enojos,
Al fin dado del todo al dolor malo,
Era el rezio furor ſin interualo.

XXIV.

AUR. Ó Celia quantas lagrimas deuidas,
Y quantas te eran, ſi lagrimas nos dieſſen
Remedio alguno a las paſſadas vidas ?
Y ſi por otra parte ellas no fueſſen

De

De los que ſaben mas, mal recebidas,
Y ſi a flaqueza no las atribuyeſſen,
No digo mas de ſi, ni mas de no,
Soncas cauſas ternà quien no las dio.

XXV.

Aquel dolor que và turbando dentro
Del cuerpo el alma, y todos los ſentidos,
Y paſſa al coraçon, que es el ſu centro,
Las lagrimas de allà manda, y gemidos,
Que los caminos abren al duro encuentro,
Sino que esfuerça ſiendo detenidos,
Que allà encerrado el fuego y las centellas
Ardan las caſas, y el ſeñor con ellas.

XXVI.

Mas en quanto ſe van nueſtras manadas
Paciendo a ſu ſabor, Celia, cantemos,
Sino eſtan las çampoñas acordadas
Luego con breuedad acordarlashemos:
Que deſpues cantaran otras vegadas,
Paſtores, de que nada aora ſabemos,
Cantarlean a la ſombra deſtos pinos,
De alto reſponderan montes vezinos.

XXVII.

MAUR. Que podria yo, Aurelio, hazer por ti,
Que mas de grado hizieſſe? aunque tan roco
Del llorar mucho, y poco que dormi,
Que no me falta nada para loco?
Mas cantemos, pues tu quieres anſi,
Que el deſſeo es grande, ſi el poder es poco;
Luego començaré ſin mas eſcuſas
Con buena ayuda della, y de las Muſas.

CAN-

Canta.

XXVIII.

Sonriendose eſtà Celia de quan ciega
Es nueſtra mortal viſta, y quan enferma,
Semejante aquel juego, que ſe juega
De ojos cubiertos, que tan mal aterma,
Ella vé todo, y juntamente ruega
Por la ſu gente, y dizle que no duerma,
De contino amoneſta que es pequeño,
Que es vn nonada el plazo, y grande el ſueño

XXIX.

Bien vé que los plazeres, los enojos
Nueſtros, ſon vanos, pienſo cierto, y creo
Que a menudo àzia cà buelua los ojos,
A do dexô de ſi tanto deſſeo:
Y aquellos ſus riquiſſimos deſpojos
A ſu cuerpo, a ſus hijos y ſu arreo,
Que ſer ellos en vida (ella dizia)
Y ſu tan fiel, y dulce compañia.

XXX.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman acà ſin ningun fruto,
Enchiendo todo eſte ayre de querella
Meſſandonos, cubriendonos de luto?
Sabiendo, ſi llegaſſemos a vella,
Que luego todo bolueria enxuto,
Buſcaisme allá tan baxo (dize) errais
Do buſcar me deueis, no me buſcais.

XXXI.

Mi bien, o que plañis? no la turbeis,
Amigos, la mi paz, ſola eſta es vida,
Muerte eſſa que por vida allà teneis,

Vn

Vn punto, vn no ſe qué, la mas cumplida;
En vanas eſperanças no os fieis,
La eſtada incierta, es cierta la partida,
De muerte en muerte andais, e veis quã preſto,
Vna la vida mata, oluido el reſto.

XXXII.

Haſta quando ſereis niños chiquitos
Deſtos que andan burlando a ſu plazer,
Tiñeſe vno la cara, eis que alçan gritos,
Los otros vanle huyendo a mas correr:
Lauáſe el geſto, bueluen los loquitos
Riendoſe haſta de riſa ſe caer;
De las rugas burlais, blanco el cabello,
Moſtrais miedo al morir, que es como aquello.

XXXIII.

Lo que de mi preciais es poca tierra,
Que ya nada ſiente, es lo que ſiempre fue,
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Isuos tras lo que veis, no tras la fé;
Qual de voſotros ſus ſueños aferra,
Y ſoñais todauia no ſé qué,
Deſſeos vanamente aſſi eſtimados,
Que matan deſſeando, y alcançados.

XXXIV.

Eſtés por ſiempre buena Celia en gloria
Allá, y en fama qual dexaſte aqui;
Deuioſe tal corona a tal victoria
Del enemigo del Mundo, y de ti;
Tales contrarios, que en nueſtra memoria
No ſe vencidos quien los aya anſi,
Derechamente tu fuyſte a la palma,
Dexando el cuerpo atras, auante el alma.

XXXV.

AUR. Ay compañero, y con que medicina
Vngiſte la mi llaga honda, y cruel?
Que breuage tan dulce, y tan diuina,
Me diſte por medida, y por niuel?
El mal que anſi me huuiera muerto ayna,
Tu me libraſte de las manos del,
Hirierame el dolor, que aya mal grado,
Ayas lo bueno tu, que me has librado.

XXXVI.

Ora (pues que es mi deuda) amigo eſcucha,
Quiero ver mi çampoña, ſi tambien
Cobrado ha aliento de la anguſtia mucha,
Que a las vezes ſe van el mal, y el bien,
Cayendo, y lleuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van, y ven;
En fin la nueſtra Celia me lleuante
Para que della taña, y della cante.

CANTA.

XXXVII.

Alçóſe deſte baxo Celia a buelo
De todo de la tierra aborrecida,
Paſſó las nuues, paſſó Cielo, y Cielo,
Matò la ſed en la fuente de la vida;
Ceſſen los llantos, ceſſe el deſconſuelo,
Que ella a fieſtas nos llama, y nos combida,
No ſe oygan aquí mas, ſino cantares;
Dezidme los a cientos, y a millares.

XXXVIII.

Oid paſtores todos, Celia nueſtra
De mortal que era, es hecha yà inmortal;
Quien no lo vé? a quien no lo demueſtra
Cla-

Claramente tal vida, y muerte tal?
Quan differentes cosas que le muestra
Allà su sancta guia Angelical?
Boluamos todos pues en nuestras menguas
A Celia el coraçon boluamos lenguas.

XXXIX.

Socorre, ò sancta Celia a estos estremos;
Que van acà entre nos de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales:
Todo quanto sudamos lo perdemos,
Que por demas es todo, en tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
De todo nuestro bien cierta esperança.

XL.

Demuestranos de allá Celia aquel sancto
Amor, que de los tuyos te encendia,
Que tanto te aman, que tu amaste tanto,
Que en ti el su mal, que en ti el su bien se via,
Y con que angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de charidad? con que alegria?
Como en la casa vèse al grande espejo
El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

XLI.

A quien iran de oy mas con sus clamores,
Con las sus rogatiuas, y demandas,
Si a ti nò, sancta Celia, tus pastores,
Y las pastoras todos en sus bandas?
Cantandote vnos y otros tus loores,
Texendote vnos, y otros mil guirlandas,
Los vnos y los otros tus deuotos;
Empieça acostumbrarte a nuestros votos.

XLII.

Ergued aqui comigo vn memorial
A donde a cierto tiempo de los años,
El buen viejo anciano, y el buen zagal
Vengan Celia offrecerte ſus rebaños,
Para ſeren por ti libres del mal
De malos ojos, que hazen tantos daños,
Vernan buenas, y honeſtas las zagalas
Manda el boſque vedar (Celia) a las malas.

XLIII.

Que es eſto? o ſe me engaña el gran deſſeo?
O cierto que las aguas deſſeadas
Caeran preſto, que ſeñales veo?
Las Garças van bolando en alto alçadas,
Mueueſe la floreſta a lo que oɛteo,
Mueſtra la Luna manchas aſſombradas,
Los altos van la niebla yà cobriendo,
Y el Sol ſe vâ en las nuues eſcondiendo.

XLIV.

MÀUR. Como quien atrauieſſa vn monte erguido
Sin ſombras, y ſin agua en los calores
De Iulio, y Agoſto, vn mes, y otro cumplido,
Y quando en toda parte hieruen ardores
A tanto mal canſacio aun añadido,
Falta el aliento, creſcen los ſudores,
En fin por vna peña agua, que caya
La vida buelue luego al que deſmaya.

XLV.

Tanto tus dulces verſos me pluguieran,
Tanta fuerça tuuieran, y tal poder,
Que otro me han hecho, ah como ſe perdieran
Entre nòs el cantar, como el tañer,

Que

Que tanta fama a los paſtores dieran ?
Mas dizenme que allá vienen a correr,
Ciertos zagales de la eſtremadura,
Que deſte ayre echaran la niebla eſcura.

XLVI.

Veni buenos zagales con fauor
De aquellas blandas Muſas de Parnaſo,
Enchi nueſtros collados del ſabor
De la lyra ſuaue hallada a caſo:
Cantando a nueſtra Celia en ſu loor
Cobrireis de yerua verde el monte raſo,
Y a las fuentes de ſombras, y de flores,
Y d'eſpanto el oydo a los paſtores

XLVII.

AUR. Oyes, o quiçà no, Mauricio hermano,
Aquellos gritos ſon del triſte Amaro,
Que con la muerte vâ peleando en vano,
Paſſado del dolor de claro en claro;
Hanlo como metido a ſacomano,
Amor, y Muerte, y hecho exemplo raro,
De la fortuna auara, y codicioſa,
Que no há dexado en el coſa con coſa.

XLVIII.

AMAR. A que parte ſe es yda eſta alma mia ?
Quien me la enſeñara ? yo que hago aqui ?
Sin alguna de dos, que antes tenia ?
Que entr'ambas ſe ajuntáran contra mi ?
Solo dexado me han, ciego, y ſin guia,
Pareceos eſto Amor ? dexarme anſi ?
Conſigo no quiſieran allá lleuarme
Ni buelto me han a ver, ni a conſolarme.

Co-

XLIX.

Como vna llama por el monte ardiente,
Que presto en alto buela, y no parece,
De vista se nos pierde en continente,
Y el humo turbio solo remanece,
Otra tal claridad resplandeciente,
Mientras mirando estaua, eis se escurece
Ansi tan presto? triste a donde yré?
Sin ti y allâ sin ti, triste que harè?

L.

Cuytado, los lugares do te via,
Y donde me eras tu siempre presente;
Y lo mas que contigo me solia
Dar vida, ora la quita crudamente:
Con ansia, y soledad en compañia,
Huyendo vâse el coraçon doliente,
Dexadme ir a buscallo, y si no viene
Tenga tambien a mi, quien me lo tiene.

LI.

MAUR. Sintionos compañero, y no hà parado,
Mas como parará quien de si huye?
Ansi como si herido và el venado,
Crece corriendo el mal, que lo destruye,
Que labra el hierro crudo auelenado,
Y a mas correr la vida mas concluye,
Caer, mas no pudiendo, al fin se dexa,
Pone a la vida fin, pone a la quexa.

LII.

Mas vamos al lugar yá religioso,
Que en este tiempo, y en el que hà de venir,
Venerado serà, donde en reposo
Yaze el cuerpo, que no pudo subir

Con

Con Celia al Cielo, mas ò que ſabroſo
Letrero, pàrate ora Aurelio a oyr,
Veras poner ſeyſcientos por aqui
Tal deſſeo dexò Celia de ſi.

EPITAFIO.

LIII.

Sancta alma, que eſte cuerpo acà dexaſte,
No pudiendo ſufrir mas tiempo el peſo
Suyo, con quien en bregas ſiempre andaſte,
De mi, piedad te mueua, que aqui preſo
Al amor de las coſas, que tu amaſte,
Eſtarme mandas, ay no baſta el ſeſo
A tanta cuyta, todo prueuo en vano,
Eſtiendeme de allà Celia la mano.

LIV.

AUR. Eſte ſacólo Amor de las entrañas
De aquel tan preciado, y gran paſtor;
No pudieran las fuerças ſer tamañas
En otro ſprito, ni tan raro Amor;
Los paſtores vendran de las montañas
Prouar de ſus çamponhas el valor,
Mas quien quereis que yguale, o taña, o cante?
A quien amando a ſi paſſa adelante.

LV.

Al fin boluamonos para el abrigo
Que yá hurriar d'aqui ſiento las cabras,
Y las ouejas; ya Sancho, y Rodrigo,
Otros ſueltan los Boyes, dexan las labras.
MAUR. Tiẽpo es de ir, mas primero Aurelio amigo
Digamosle eſtas vltimas palabras,
Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
Nazcan lyrios aqui, nazca la grana.

AN-

A N D R E S.

A O D V Q V E D'A V E I R O.

ECLOGA TERCEIRA.

I.

El Congoxoſo llanto, el temerario
Furor de nueſtro Andres, la marauilla
Que al hato lo boluio todo al contrario;
Que dantes era blando, y ſin renzilla,
Tanto, que medio mudo, y ſolitario,
Sin quexas mucho mas mueue a manzilla,
Mientras yo canto, cante aqui comigo
Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

II.

El primero amor ſuyo, el primer fuego,
De quien con rabia huyera a los deſiertos,
Centellando los ojos d'ira, y luego,
De amariſſimas lagrimas cubiertos:
De crudos celos, y de furia ciego,
Quando braços cruzados, quando abiertos,
Sin ſi quiera al comer dar vn pequeño
Del dia, o de la noche, al dulce ſueño.

III.

Y vos, ſeñor, no os ſea en menos precio
La çampoña de Pan Dios de paſtores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores:
No podemos a Codro, a Mucio, y a Decio
Todos cantar, los Reyes, y altos ſeñores

Vueſ-

Vueſtros antepaſſados, y preſentes,
Esforçados en guerra, en paz prudentes.

IV.

A vòs ſeñor no os cupo en ſuerte guerra,
Eſtamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey que en paz rige ſu tierra,
Que a nòs es Numa, y es Romulo armado,
A los infieles, que el lexos deſtierra,
Temido dellos, de nòs mucho amado:
Vos entre tanto abris largos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

V.

Entre los quales tienen ſu lugar
Las blandas Muſas que aliuian el peſo
Del ſiempre eſtar attento a eſpecular,
Que ſufrir no lo puede humano ſeſo:
Mas alto buelue, que ſolia eſtar
Vn ramo que algo yuſo eſtuuo preſo,
Y puedeſe mejor boltando a trechos
A los altos ſubir, que por derechos.

VI.

Pudierades paſſar la juuentud,
Como otros grandes Principes, andando
A paſſatiempos, y a la multitud
De ſus plazeres, onde, como, y quando,
Hizoſeos mas hermoſa la virtud,
Anſi qual ella vá de flaco bando,
Tan preſto conoſciſtes los affeytes,
Y el falſo reſplandor de los deleytes.

VII.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en deſpoblado,

Por

Por hierta via, de vna vieja, y dura,
Por llana de vna moça encaminado:
Aquella espinas muestra, aspera altura,
Fuentes, flores, est'otra, y verde prado,
Mas aquel coraçon que no desmaya,
Por el monte agro vá, dexa la playa.

VIII.

Ora otra vez a Andres, que vá sin mientes
Huyendo los apriscos, y lugares,
Y a todo lo pisado de las gentes,
Añadiendo cansacio a los pesares,
Ah loco, y de quien huyes? no lo sientes,
Que dàs mas viento al fuego sin pensares?
Loco, loco vna vez, otra vez loco,
Yá que vâs a tu mal, và poco a poco.

IX.

Tu mientras que los otros apascientan
A sus rebaños, Iuan, Pedro, y Rodrigo,
Mientras nel pedernal fuego arrebientan,
Hurtados de los vientos al abrigo
Do sus passados casos se recuentan
Tu debatiendo vás solo contigo,
Mientras tañendo estan, mientras cantando,
Tu vaste ansi, y ansi deuaneando.

X.

Pascuala, cruel sierpe, no offendida
(Alomenos de mi) toda inflammada
De su veneno, dà d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabça alçada:
Siluando la su lengua en tres partida
Como llama de fuego apresurada,
Que es esto? que te he hecho? ah que me quieres?

Cruel,

Cruel, la mas cruel de las mugeres.

XI.

Querida ſobre todas las zagalas,
Que hechizo hà ſido di? que encantamiento,
Que dura fuerça de palabras malas
Las que trocar te hizieran el penſamiento,
Bien pintan al Amor ciego, y con alas
Alçòſe preſto, y tan liuiano al viento,
Yo tras el de aſſomada en aſſomada,
Que no ſe tras que voy, voyme tras nada.

XII.

Y nunca quiero entrar comigo en cuenta,
Que cierta ſea (triſte) ni ſaber
La cauſa, porque eſta alma anſi ſe affrenta,
Que a nadie mas que a ſi, deue querer,
Amor como enemigo, que conſienta,
Me dize, y que podia yo ende hazer?
Quien puede huyr (cuytado) a ſu ventura?
Mal remedia locura a la locura.

XIII.

Aun las fieras ſeluages como ſon,
Vencerſe dexan de humanidad buena,
El Toro brauo, el mas brauo Leon
Con tiempo mueſtran que no ſienten pena,
El vno en yugo, el otro en la priſion,
Si la boz conoſcida al ayre ſuena,
Del Halconero, luego deſde el Cielo
A prenderſe el Halcon baxa de buelo.

XIV.

Todo lo vence el tiempo, y la porfia,
En piedra dura el agua, ſi deſciende,
Aunque ella es blanda, caua todauia:

Es duro el hierro , gaſtaſe porende :
Lo que no haze vn dia , haze otro dia ,
A las ſus fuerças quien ſe le defiende ?
Duriſſima Paſcuala , quanto en ti
De amor trabajo , y fé , tiempo perdi ?

XV.

Vemos la golondrina , buelto el pecho
Al viento , como vn rayo irſe bolando ,
Ora en cielo , ora en tierra , el cuerpo eſtrecho,
Las alas pocas vezes meneando :
Contra la vena d'agua và al derecho
La trucha , las açudas treſpaſſando ,
Aues ay que de dia nunca buelan ,
Y por la noche obſcura ſe deſuelan.

XVI.

Ay animales que a los nueſtros fuegos
Se acogen conſtreñidos del mal frio ,
Otros nos huyen , ſon como vnos juegos ,
Vnos al monte buſcan , otros al rio :
Biuen dentro , otros de la tierra ciegos ,
Vnos del fuego , otros del rocio ,
No ſé que condicion tienes Paſcuala ,
Cierto no de muger , no de zagala.

XVII.

Mas antes de zagala , y de muger ,
Que debaxo de aquella viſta hermoſa ,
Tan llegada al diuino en parecer ,
Eſcondio la natura artificioſa
El mayor mal que pueden ojos ver ,
Daño que haze la pena deleytoſa ,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas ,
Mata el oyllas , mata el oyr dellas.

XVIII.

O que ayas mucho de mal grado Amor,
Que anſi nos turbas el entendimiento,
En lo que es mas dañoſo ay mas ſabor,
Errado el peſo, la medida, el cuento,
Donde ſe ſigue que de vn tal error
Se vayan recreſciendo ciento a ciento:
Qual fuente auelenada perenal,
Donde mana deſpues tanto de mal.

XIX.

Suerte dura, y cruel, que tal conſiente
De monte en monte voy, de valle en valle,
Huyendo lo piſado de la gente
Para que ſolo grite, y ſolo calle:
Amor vienſe tras mi porfiadamente.
Que yo no ſe quien le enſeña a que me halle,
Yà tiempo ſer deuria que dexaſſe
Eſte Andres triſte, y que otro Andres buſcaſſe.

XX.

A quien como a zagal vano, y ſandio
Moſtrando con blandura los ſus ojos,
Turbaſſe juntamente el aluedrio
Enchiendole de mil vanos antojos;
De vn crer, de vn eſperar mas que baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos,
En fin (como ſe dize en viejos cuentos)
El ayre lleua los encantamientos.

XXI.

Aquellas ſus pinturas tan hermoſas,
Aquellos mundos en puntos pequeños,
Las playas, las riberas deleytoſas,
Las ſus riquezas tantas, y ſin dueños;
Tan-

Tantas ſin precio piedras precioſas,
Las naues viento a popa, vanos leños;
Las fuentes claras, las freſcas verduras
A deſora (no veis?) ſon peñas duras.

XXII.

Mas eya que anſi manda aquel tyrano
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya donde el mundo es ſiempre cano
De nieues blancas, de perpetuos yelos,
Do preſa el agua eſtá aun en verano,
Do ſuelen ſiempre ſer turbios los cielos,
Auer ſi resfriaran llamas tamañas,
Como ſe alçaran dentro en mis entrañas.

XXIII.

O por ventura ſi ſeria mejor
Irme ázia eſt'outra parte a donde vea
El Sol andarſe ſiempre al derredor,
Que no ſe eſconda, como que eſto ſea
Sino remedio, aliuio àquel dolor,
Con que el alma vencida deuanea,
D'otro quiçà, pudiera triſte huyr
De mi do me podré deſcabollir?

XXIV.

Si vna ora no podia eſtar ſin ti,
Como podrè paſſar por los tamaños
Dias, que aora vienen ſobre mi?
Como las noches antes luengos años?
Si todo, ſi a mi miſmo aborreci
Deſpues que ſupe mas deſtos mis daños?
Ora deſengañado aqui que attiendo?
Que me aconſeja Amor que no le entiendo?

Con

XXV.

Con que viene de nueuo eſta mal ſana ?
No ſe ſi es alma la que me detiene ,
De noche auiendo miedo a la mañana ,
Y de dia a la noche quando viene.
Ora huye , ora a mi buelue liuiana ,
Anſi como el antojo ſobreuiene ,
A donde no quedò remedio algun ,
A que prouallos ando a vno a vno ?

XXVI.

Si mas me quereis ver muerto a la luenga
Tanto tiempo mal dando a las querellas ,
Dexadme , y iré a ver Eluira , y Menga ,
Que me embian dezir que vaya a vellas ,
Las mis buenas amigas , que no es luenga
Iornada , harè lo todo antes de eſtrellas ,
Mas no , no me dexeis , que Dios os vala ,
Que no eſtá como ſuele ende Paſcuala.

XXVII.

Mudò los paſſatiempos que ſolia
Tener la mi Paſcuala , antes agena ,
Antes toda otra coſa que no mia ,
Quien la quiſiera hallar buſque Ximena ,
Su nueua , y ſu agradable compañia ,
La Sancha , la Toribia , y la Morena ,
Enſeñadas a hazer por mis peccados
De vn ſolo coraçon muchos guiſados.

XXVIII.

Mas yo de quien me quexo ? el de culpar
Yo ſoy , que yo era el miſmo que me andaua
Con tanta diligencia a me engañar ,
Yo era el que traya , y el que lleuaua

(Qual

(Qual dizen) al ſabor del paladar
No via, no entendia, no eſcuchaua,
Que mas ciego, ni ſordo puede ſer
Que aquel que nada oyr quiere, ni ver?

XXIX.

Dexadme ir a los montes, que vn Cingial,
Vn Oſſo, vn Lobo, mientras los perſigo,
Quiçà vn dia daran fin a mi mal,
Murio en el monte Adonis, de enemigo
Colmillo herido el triſte (y que zagal
De tan hermoſa Dioſa hermoſo amigo!)
Ella lo tiene en braços, quien los viere
A penas juzgarà qual dellos muere.

XXX.

Qual vida, qual ſalud ſe le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella,
Que oyendo, y reſpondiendo ſe partiera,
Los ojos (al quebrar la viſta) en ella,
Que dellos recogia la poſtrera
Yà muerta luz, que antes cegaua en vella;
Vete buen moço en paz con ſus deſpojos,
Y no bueluas atras nunca los ojos.

XXXI.

Y quando fueſſe, que en los montes frios
Peligros, ni canſacios me vencieſſen,
Ni me anegaſſen impetuoſos rios,
Que inchados de las ſierras ſe cayeſſen,
Quiçà ſeria que los canes mios
De rabia, o hambre, a caſo me comieſſen,
O por diuerſos acontecimientos,
De aquellos que ſe cuentan en viejos cuentos.

Quien

XXXII.

Quien me ſabrà dezir que cierto ſea,
En que parte del mundo en agua, o tierra,
Me deſafia la Muerte a la pelea,
Que ſiempre amenazando a vn punto cierra?
Mas ſi ha de ſer, mejor ſerà que yo vea
Preuenida por mi ſu dura guerra;
Vamos, que traerà deſpues la ſuerte
Iuſta vengança a la mi injuſta muerte.

XXXIII.

Allá me llama Amor d'aquella altura,
A bolar tras el voy, veré ſi anſi
Pondrè fin a la vida, y a la locura:
Paſſaran los paſtores por aqui
Cantando mi cruel corta ventura;
Cruel llamando Amor, cuytado a mi,
A prieſſa por ſalir del val priado,
Por la muerte de Andres mal eſtrenado.

XXXIV.

Los vnos a los otros gritaran,
Huye del valle a do yaze el zagal,
Y los otros tambien reſponderan,
Huye del valle a do yaze el zagal:
Y todos juntos mas añadiran,
Que por amar tambien murio tan mal,
Que por amar tambien tan mal muriô,
Deſſa peña alta Amor le deſpeñò.

XXXV.

Y quiçâ cantarán por las floreſtas
En tiempos por venir buenos paſtores,
El triſte cuento mio, y mis requeſtas,
Los faltos de ventura mis amores:

En las fuentes ſombrias por las ſieſtas
Al Sol deſpues ; paſſadas las calores ,
Que refrigerio auran los hueſſos frios
Sintiendo renouar los caſos mios ?

XXXVI.

Los quales en ſu tiempo no tuuieran
Tal ſuerte , antes corridos de fortuna ,
A quien mas los cauſó menos dolieran ;
Dura zagala ſin piedad alguna ,
Mas de quantas ſeran , de quantas fueran ,
Hago teſtigo al Sol , hago a la Luna ,
Ay las mis eſperanças liſongeras
Paſſais a mengua d'otras verdaderas.

XXXVII.

Dixo , y teñido de color de muerte ,
A ſubir empeçò la braua peña ,
Amor aqui los mis verſos concierte ,
Si a los ſuyos , y a mi verſos enſeña ;
Aunque feria bien de aquella ſuerte
Que dizen , al mar agua , al monte leña ,
En verſos añadir mas a las coſas ,
Y a las obras de Amor marauilloſas.

XXXVIII.

Agora que me haré ? que me aconſejas ,
Mi çampoña yá tanto ida adelante ?
Las Muſas vergonçoſas zagalejas
Todas ſe me demudan nel ſemblante ,
Todas los ojos baxos , y las cejas ,
Mas Apolo el mayor quiere que cante ,
Por fuerça es que ſe cumpla ſu mandado ,
Sino que mal me tiene amenazado.

Vna

XXXIX.

Vna cueua en la peña ſe eſcondia ,
No de manos humanas , ni exercicio
Humano alli labrada , hecho la auia
De natura la induſtria , y el artificio ,
Para quando vn tal caſo acontecia
Como el de Andres , que al proprio ſacrificio
(Como dixe) paſſaua ; eis que acontece
Tal vez creſciendo el mal que ſe guarece.

XL.

Fueſſe verdad , o fueſſe sueño Andrès
Vio claro , o penſò ver dentro en la cueua
Satyros qne cantauan Cabripies ,
Y Faunos , y Syluanos , coſa nueua ,
No viſta nunca d'antes , ni deſpues ,
Crean los por venir , que es harta prueua
Vello de loco ſano , y ver que alguna
Noche cantaua , aſſi ſolo a la Luna.

XLI.

Cantauan , y baylauan en ſus fieſtas ,
Nueſtros ruſticos Dioſes , yo atordido ,
De lo que via , con mi mal acueſtas ,
Cahi por tierra , ſermehà mal creido ,
En derredor boltauan las floreſtas ,
Boltaua juntamente mi ſentido :
A reuezes cantando vnos dezian ,
A reuezes los otros reſpondian.

XLII.

SAT. Paſiphe (ah que verguença !) và buſcando
El Toro hermoſo , váſe a las manadas
De las vacas a ſolas ſuſpirando ,
Teneisme acà el mi amor ? tan mal miradas

Que no me lo enſeñais, y veis qual ando?
Dezia (de mil lagrimas regadas
Sus hermoſas mexillas) ah cruel,
Que ſe anda tras voſotras, yo tras el.

XLIII.

FAUN. Rodeaua las aguas vna a vna
(Del blanco Ciſne enamorada) Leda,
El ſe alça a buelo, ella ſin ninguna
Color de biua, vn blanco marmol queda:
Mirando fixo, como la laguna
Traſpone, y el rio, quanto aturar pueda,
Deſpues que no le vé deſecha en lloro
Embia el coraçon tras ſu theſoro.

XLIV.

SYLU. A quien dará ſu amor la grã guerrera
Simiramis? a quien? ſaluo al ardiente
Cauallo, que en la lide conoſciera
De mas furor al freno obediente:
A quien los pies calçara, a quien abriera
Un blanco la orgulloſa, y alta frente?
Aquella que por ſi no hà miedo a coſa
Por el en la batalla entra medroſa.

XLV.

SAT. Fueran las nietas de Belo cincuenta,
Y cincoenta los nietos, ajuntò
En caſamiento a todos: de tal cuenta
Las manos limpias, ſola vna guardò:
Deſaſtrada, cruel, noche ſangrienta
Que tanta crueldad vio, y encubriô,
Tardaua el Sol en ver el caſo indino,
Quando vuo de venir, cubierto vino.

XLVI.

FAUN. Beldad, ſangre, theſoros, arte, eſtrellas
Todo lo tuuo en ſu fauor Medea,
Perdonen aora aqui nobles donzellas,
Si del ſu Amor ſe cuenta obra tan fea;
Buen remedio por cierto a vnas querellas
(A vn mal que no ay lugar de que ſe crea)
Ayrada en ſus hijuelos tiernos puſo
Manos, deuidas mas a rueca, y huſo.

XLVII.

SYLU. Vn paſtor fuerte, mas de flaco auiſo,
Delante quien huyan los Leones,
A Dalida maluada el bien, que quiſo,
Cauſa le fue de injurias, y priſiones;
De muerte al fin, paſſaualo ella en riſo:
No ſe como anſi ſon ſus coraçones,
Quieren por el bien mal, por el mal bien;
Sin ſaber como, ni porque, ni a quien.

XLVIII.

SAT. La joya de Eriphyle, que eſcondia
Tan grandes daños en la ſu riqueza,
Por cima de los mas que hechos tenia
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte de Amphiarao, que todo via,
Mas que aprouecha contra la dureza
Del hado, la prudencia, ni el ſaber?
Y que contra codicia de muger?

XLIX.

FAUN. Eſta nueſtra riqueza, aunque Aldeana,
Offrecida, pero quien la deſecha?
El don hermoſo de la blanca lana
Bien ſabe el nueſtro Pan quanto aprouecha:

O que ella fueſſe , o parecio Diana ,
Era alta la floreſta , huuo ſoſpecha ,
No burlo , mas de veras , como es eſto ?
Quien mas cargado vá , llega mas preſto ?

L.

SYLU. Aquel Galo paſtor , aquel que tanto
El Tytiro alabò por ſu Lycores ,
Como (zagala ingrata) en cuyta , y llanto ,
Muerto quedado ſe há matando amores ?
Ella ſigue las armas , que ni tanto ,
Ni quanto mira a lloros de paſtores ,
Socorreſe el cuytado a la çampoña ,
No remedio àquel mal , antes ponçoña.

LI.

FAUN. Las dos Ioanillas tan ricas zagalas ,
De paſtos , de ganados , de theſoro ,
(Que en cada parte ſe ay de las Paſcualas)
Colgò vn ſu amigo Andres de vn cordon d'oro
Que ella labràra por ſus manos malas ,
La mayor dellas , la menor en lloro ,
Y en ſangre rematára el ſu Amor breue ,
El Sebetho lo ſabe , y quien lo beue.

LII.

SYLU. Iunto del turbio Tybre , que rebaños
Ay de zagalas , mas que deuen ſueltas ,
Que biuen de doblezes , y de engaños ,
Palabras dulces en ponçoña embueltas ;
Con que a los moços , con que a viejos años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas ,
Isla de Circes mala , alli vereis
Vnos tornados puercos , otros Bueis.

To-

LIII.

TODOS. Quien baſtarà a contar cuentos ſin cuento,
Lo ſin medida, quien canſa en medir?
Quien coger en las redes querrà el viento?
Quien ſembrar en la arena, y quien cubrir?
Cierto que es mas que loco penſamiento,
Las leyes comunes han ſe de ſufrir,
Mas que enmendar, mil coſas ſe ſoſtienen,
Porque vnas van a ſi, porque otras vienen.

LIV.

Naſcio deſte gran mal, grande prouecho,
Que Paſcuala nombrar oyendo Andres,
Boluiendo en mi, alcéme, y con deſpecho,
Y marauilla dixe, eſto como es?
Si ſueño vanamente, o ſi ſoſpecho?
Beſé la tierra, y di luego a los pies,
Fuyme a vna agua corriente, ende lauado
Bolui ſin quexa al hato, y ſin cuydado.

A DOM MANOEL DE PORTVGAL.

EGLOGA QVARTA.

I.

FILHO daquelle nobre, & valeroſo
Conde mais junto á gram caſa Real,
Que abaſtará dizer do Vimioſo
Senhor Dom Manoel de Portugal:
Lume do paço, das Muſas mimoſo,
Que certo vos daram fama immortal,

Quan-

Quando homem cuyda que no cabo eſtais
Tornando olhos a vòs, por vòs paſſais.

II.

Em que vos ſeruirey cà deſte monte
Tal mercé neſta terra pouco vſada,
Mas muyto n'outra alli logo defronte?
Aquella Egloga voſſa me foy dada,
Encoſtado jazendo à minha fonte,
De verſos eſtrangeiros variada,
Parecia que andaua a colher flores
Co as Muſas, co as Graças, cos Amores.

III.

Entam tornando em mi, dixe comigo
Certamente eu trazia errada a conta,
Que inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
De que tanto ſe eſcreue, & tanto conta;
Agora me reprendo, & me caſtigo,
Que fiz á noſſa Luſitania afronta,
Cuidey que ſò buſcaua prata, & ouro,
Buſcaſtesme no meu eſcondedouro.

IV.

Andando após a paga, ouue aos ſiſos
Medo (que aſſi o confeſſo) & a hũs pontoſos,
De roſtros carregados, & d'hũs riſos
Sardonios, ou mais claro, malicioſos;
Quem tantos tentos, quem tantos auiſos
Terá, que empare os golpes perigoſos?
Em fim Senhor, paſtores ſe adiantem,
E quanto mal vier cantando eſpantem.

V.

Queremvos por ſenhor, não por juiz,
Rigores a departe, que ſaõ dignos

De

De perdão os começos, já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle hum sò dos Lyricos Latinos
Ora prouemos jà a noua lingoagem,
E ao dar a vella ao vento boa viagem.

PASTORES
DA EGLOGA.

GONÇALO. BIEITO. INES. BEATRIZ.

GONÇ. QVANTAS cousas Ines, madrinha, & tia,
Se me vão descobrindo de ora em ora,
Inda que eu faça corpo, gesto, & ria?
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros respeitos, cumpre ter paciencia,
Té que seja da vida, ou da dór fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por conta, por medida, por balança,
Seja juiz a propria consciencia.
Porem quando ao contrario da esperança
Em vez de galardão acode pena
Quem terá sofrimento em abastança?
Amor que por antolhos tudo ordena
Bem pouco se lhe dá de que a fé sancta
Se quebre com graõ culpa, ou com piquena.
Faz hũa, & outra pousa o Gallo, & canta,
Eu eisme aos pès, ora eisme à cabeceira,
Té que o mesmo trabalho me leuanta.

E

E voume ao meu fozil, & à pederneira,
Em fogo acefo o fogo accendo, & ando
Do quente ao frio, do frio á fogueira.
Affi vanmente trifte porfiando,
Dou volta à cama, abrolhos me atormentão
De claro em claro o coraçaõ paffando.
As que nos berços fangue nouo auentão,
Vierão ter ao meu, chamaõlhe Eftrias,
Que a tantas de crianças arreffentão.
E differaõ por mi, viua algũs dias,
Que affi lh'apraz aos fados, & tiuerão
As mãos quedas em fi, & as vnhas frias.
Mas que falfa de mi piedade ouuerão?
Quanto milhor me fora, que n'um ponto
Em paz deff'outra parte me puferão?
Defpois feguiofe hum conto, & outro conto,
Tempos tam defuayrados, que affemelhão
Mais da fortuna os jogos, que não conto.
Os fracos corações logo ajoelhão,
Defmayão logo, vendofe em tal laço
Em poder da mà dòr, mal fe aconfelhão.
INES. Afilhado, & fobrinho, juràs faço
Que diffo mais nam fey certo, que feja,
Sò que perdefte muito em pouco efpaço.
Quem nam morria por aqui de enueja
De ti, fobrinho, em tudo o que fazias,
Que en tudo manha, & graça te fobeja?
Todos nas feftas onde apparecias,
Hum côr, outro tençaõ logo mudaua,
E fomiafe outro entre as companhias.
Onde cantauas, ninguem mais cantaua,
Onde tangias, mais ninguem tangia,

On-

Onde tu te defpias, quem lutaua?
E lembrame que eftando, ora qual dia?
Comigo Grimanefa, & Beatriz,
Tinhamos entre nòs certa porfia.
Como vez que hũa diz, & que outra diz,
Naquelle proprio enfejo eis que paffauas,
Paffando differte alto: Eu que lhe fiz?
Parece que contigo peleijauas,
Como acontece às vezes bracejando,
Que nam dauas vagar, nem o tomauas
Vite, ouuite, caleyme; fenam quando
Diffe hũa contra mi, qual vay Gonçallo,
Vay (diffe eu) como muitos fàdejando.
Tudo aquillo faõ mimos, jâ fez callo
(Diffe outra) n'huns affanhos de mimofo,
Ou fe olho máo lhe fez algum aballo.
Quando eu aquillo vi já perigofo,
Achaftes vòs (lhe diffe) outro zagal,
A quem chamardes vaõ, a quem pontofo?
A primeira ficou como hum coral,
A fegunda de todo defcòrada,
Parece que ambas o tomaram mal.
Mas tudo ifto, fobrinho, he pouco, ou nada,
Saluo que às vezes eftes nadas fam
Muito ao miolo que jà traz pancada.
GONÇ. Quantos fonhos que vem, quantos que vam?
Coytado do dormente, que affi jaz
Ora torcendofe, ora rindo em vam!
Quanta conta fe faz, quanta desfaz,
Erradas as piquenas, & as mayores,
Ou feitas com queixumes, ou com paz.
INES. Certo mal comedidos fam poftores,

(Aja

(Aja eu de ti perdaõ) ſempre queixoſos,
Nam nos poſſo entender em ſeus amores.
Tam máos de contentar, tam rauinhoſos,
Naõ ſabem eſtremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, ſempre ſoſpeitoſos.
GONÇ. Mal te ſaberia ora por ninguem,
Nem por mi reſponder, ſeja o que for,
Corrão ventos dáquem, corrão dálem.
Mas dize, tia, pollo meu amor,
Iſſo das mais gabadas deſta terra,
Quanto hà que foy? renoua a minha dòr.
INES. Por certo ſe a memoria me nam erra
Voltando o Sol deſpois nam ſe eſcondeo
A nós dez vezes, dez deu viſta á terra.
Inda te digo mais que aconteceo
O que te diſſe alli naquelle logo
Onde tu já cantaſte, outrem gemeo.
Dia de muito riſo, & muito jogo,
Venceſte á luta ao pario, & ao cajado,
E deſpois nos cantaſtes a noſſo rogo.
O teu cantar tam brando, & tam gabado,
No ſom, & nas palauras tam queixoſo,
Onde me acolherey? tudo he tomado.
GONÇ. Como eſte Sol dà voltas tam trigoſo!
Quanto que já folguey de ouuir cantares,
E quanto de os cantar fuy cobiçoſo?
De todos me eſqueci, tantos a pares,
Até as vontades muda, & tudo leua
Conſigo, & do prazer faz maos peſares.
Elle he o em que vay tudo o que releua,
Elle faz, & desfaz as agonias,
Não olhes mais ſe choue, venta, ou neua.

Mas

Mas quanto ao meu cantar, que antes dizias
Isso me lembra bem, que era em Septembro,
De mais quero prouar se inda me alembro.

CANTA.

I.

Onde me acolherey? tudo he tomado,
Nam parece esperança aqui nenhũa,
Sombras feas, & negras, mal peccado,
Estas si que apparecem, cousa algũa
Não ficou por fazer, como o passado,
Será o que he por vir, ouçame a Lũa
Delgada, que traspoem polo alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje, & conte.

II.

Que se os velhos Solaos fallam verdade,
Bem sabe ella por proua, como Amor
Magoa, & auerá de mi piedade;
Endimiaõ tam fermoso, & tal pastor,
Entre as flores dormia em fresca idade,
Olhando ella do Ceo perdia a cór,
Té das flores ciosa, & d'agoa clara,
Que o seu fermoso Amor lhe adormentára.

III.

Cantão, & contão mais que ouue hum tyrano,
De grande poderio, & grande auer,
Que vendo a bella móça em corpo humano,
Que andaua a colher rosas a prazer;
Salteoua, rouboua, foyse vfano,
Por força, ou por vontade ouue de ser,
Riquezas más, injusto senhorio,
Que ajuntais à vontade o poderio!

Ora

IV.

Ora a mãy preguntando longamente,
Por hum só bem, que tinha, onde o achará,
De hũa gente passando em outra gente,
Tambem aos Deoses culpa, ah sorte mà!
E justiça mayor, que tal consente,
Buscando por demais tudo o de cà,
No Reyno a achou de sombras vãs cuberto,
Ex co genro cruel vem a concerto.

V.

Partem o tempo entre si, que era deuido
De todo a mãy roubada, ah que dos Reis!
Que dalli veo o nome de partido,
Que sempre forçado he, & contra as leys,
Mas que fará quem tudo tem perdido?
As vossas lagrimas que as enxugueis,
Triste quem poderá fogir ao fado?
Onde me acolherey? tudo he tomado.

INES. Nam te deixaram hũa, & outra fonte
Dos teus olhos cantar mais por agora,
E os meus ja aqui tambem punhamse a monte.
Andamonos assi de foz em fora,
De nosso porto sempre em differenças,
Sempre esperando em vam ver milhor ora.
Para o corpo se acharam mil doenças,
E para alma cem mil outras piores,
Tantos acordos, tantas desauenças.
A mocidade vaã gouernaõ amores,
Estendemse inda ás vezes tè à velhice,
Quando já tudo he presa, tudo dòres.
Que cousa falta alli para doudice?
As mãos, os olhos desassossegados,
Cho-

Choros, & gritos como em meninice.
Aquelles ſeus ſoſpiros apreſſados,
Aquelle ir, & tornar, que nada attina,
Aquelles ſeus imigos, ſeus cuidados.
GONÇ. Paſſou (ora qual dia?) hũa çamphonina,
Polla Aldea cantando, elle era cego,
Guiauao loura, & branca hũa menina.
Tambem aquelle nam tinha aſſoſſego,
Chegamonos a ouuir certos paſtores,
Pelayo, Pedro, Ioam, Gil, & Diego.
Parece que ſuaua inda ſuores
Mortaes, & que do peito lhe ſahiaõ
Soſpiros mil; cantou males d'amores,
Feznos entriſtecer quantos ouuiaõ.

CANTIGA DO CEGO.

Vn tiempo miròme Helena,
Soſpechè que eramos mas,
Iuré no miralla mas,
Nunca coſa hize tan buena.
Amor anda en ſus conſejas,
Mas bien ſeria yo loco,
Si en ſus malas mañas viejas
Mucho fiaſſe, ni poco.
Alma de laſtimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar, Helena,
A quien los tus ojos das?
Enemiga ſuerte triſte,
Hazme la vida quitado,
Y a quien pienſas, que la diſte
Quiçà que nada le has dado.

Har-

Harto mal, peor ſe ordena,
Mas que debato yo mas,
Que tu miſma, aun apena,
Pienſo que lo negaràs.
Y eſtos ojos de mis juras
Si ſe burlan, a la fé
No ſe fien en locuras,
Caten que los quebraré
Eſta culpa ſea agena,
Que otras ſon mias aſſás,
Por razon và, que en la pena,
Vença aquel que pena más.

INES. Palauras cheas d'impeto, & payxaõ,
Não quero mais dizer cheas d'engano,
Que ellas meſmas por ſi dizem o que ſaõ.
Nam faças ſuſpirando longo o anno
Temte como aruore aos ventos em pé,
Dá tempo, dá lugar ao deſengano.

GONÇ. Naõ me dirás, madrinha Ines, atè
Quando eſperar me mandas hum ingrato,
Que dizem que naõ ouue, & que não vè?
Eſperey, & ſofri, fiz mao barato
De mi, & quem mal cae, diz que mal jaz,
Exemplos velhos ſaõ, tornome ao fato.

INES. Quiſerate dizer, vayte ora em paz;
Porem com que eſperança? mas quem vejo
Là vir, que em queixas todo ſe desfaz?

GONÇ. Eſte vos he Bieito, & bom varejo
Dizem que ouue elle o gano, ora anda à caça,
Triſte de mi nam ſey, outrem correjo?
Neſte mundo d'eſcarneo tudo he graça;
Nam ſabemos o quando, o como, o quanto,

E às vezes muyto bem, mal te ameaça,
Offertese cada hum, tia, a bom sancto.
BIEIT. Quem deu a Amor quebrãto, & o fez cruel?
Quem tornou tudo fel quanto aprazia?
Que se fez deste dia oje tam claro?
Como se compraõ caro neuoas, ventos?
Que incertos fundamentos d'esperanças,
Trocadas as mostranças de hora em ante?
Mandame Amor que cante a frauta branda,
Passatempos em que anda à custa alhea?
A Deos por sempre Aldea, atè que caya
Debayxo desta faya, ou deste freixo,
Por onde me ora queyxo, andando em vão,
Entam se acabaram tantas contendas,
Vayse agoa pollas fendas, feita he a conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Queixa da razão tida sem razão,
Que as cousas todas dão de seu perigo
Sinal, como de imigo, porque seja
Auiso a quem o veja, que não tarde,
Vemos ao fogo que arde, irlhe diante
Fumo escuro que espante: ante a tormenta
Pollas defesas venta leuemente,
Ameaçando a enchente, vem soando,
Vem de braua escumando, abate, estronca;
O mar primeiro ronca, alçase inchado,
Logo algum abrigado junto á terra
O pescador afferra com gram pressa,
Pollo monte atrauessa o mao faminto
Do Lobo, & por destinto o gado entende;
Ajuntase, defendese, agasalha,
Ordenase em batalha, ao vso erguido,

Vay diante o appellido, ſae ſem cor
Da cabana o paſtor, que todo treme,
Do dano o medo o preme antes do dano;
Ora eſte Amor humano, que aſſi apraz
No começo que em paz alma repouſa,
Hũa tão branda couſa, como empece?
Iſto como acontece à natureza,
Que de cerca ſe preza? quem diria
Onde triſte trazia iſto eſcondido?
INES. Traſpos em vento, he ido como tudo:
Como ſoar fazia o rio bem,
Parece que ficou todo eſte ar mudo.
GONÇ. Ves alli o que faz: mas eu com quem
Eſtou, tia, fallando? INES. Inda lhe ouui
Saudades do meu mal, todo meu bem.
GONÇ. E tu nam cuidarás que he aquillo aſſi,
E a noſſas queixas vãs todas chamais:
Prouuera a Deos, madrinha, fora aſſi.
INES. Tambem vóſoutros todos vos queixais
(Como já diſſe) muito, & por coſtume,
E naõ razaõ, nem cauſa que tenhais.
Cada hum ſe chama facha ardente, ou lume
E fragoa onde ſe proua ſua fineza,
E deſtes tais, queixume apos queixume.
Quiſera nos amores mais ſimpreza,
Quero dizer, quiſeraos mais ſingellos,
E mais diſſimulada eſta triſteza.
Naõ vos quiſera aſſi tam amarellos,
Nem tam achacadiços, eſte geme,
Deſt'outro choraõ ſempre os olhos bellos.
Outro por Iulho, & por Agoſto treme,
Arde em Dezembro, foge á claridade,
Soſ-

Sofpeitofo, de fi proprio fe teme:
Mas emprendia ora eu boa vaydade,
Deixemonos d'eftar mais neftas chaças,
Cuido em fazerte mal, bem à vontade.
GONÇ. Affi tenhas prazer, tia, que o faças
No que poderes, fempre fem trefpaffo
A mi naõ olhes, nem que me desfaças.
INES. Hum pouco nos vay fendo o tempo efcaffo
Por iffo cumpre pòr peito â montanha,
Naõ ves como o Sol foge? eftende o paffo.
GONÇ. Que eftenda o paffo eu como? olha tamanha
Paffada que aqui dou: logo outra perto,
Ora vejamos quem mais terra apanha.
INES. Eu fofpeitey que andauam em concerto
De certa romaria as mais louçãs,
Pode fer que feja erro, ou feja acerto.
Mas pofto que as paffadas fayão vãs,
Nam feram as primeiras, meu fobrinho,
Nem dizem fempre as tardes co as menhãs.
GONÇ. Melhor fruto efpero eu defte caminho,
Porque, ou mal vejo, ou vejo bom final,
Tanta fayxa de cór, tanto faynho.
INES. Olha que em tudo o fofrimento val,
A cabeça nam corra mais que os pes,
Seja a razam a guia principal.
GONÇ. Ó minha tia, & boa amiga Ines,
Tu me guia, & gouerna, que eu nam rejo,
Nam fey, tu fabes; nam vejo, tu ves.
INES. Pois olha, nam te empeça o fer fobejo,
Que fe hũa ora aproueita, muitas dana,
Benzete do diabo, & do defejo.
Cada hũa deftas moças anda vfana,

Cuida que o Sol lhe bayla ; ſam gabadas ,
E nam ha jà quem cuide que ſe engana.
Nam tenham aqui poder oras mingoadas ,
Que ſe nos ſentem logo ham de dar côr ,
Que eu ſou a que ando neſtas eſpreitadas.
GONÇ. Se ſoubeſſes o frio , & o pavor
Que me tomou , madrinha , esforçarmehias ,
Tanto ao contrario de porme temor.
INES. Em verdade que tens moço as mãos frias ,
E branca a boca mais que eſta toalha ,
Poſſas ſoffrer o bem , ſe o mal podias.
GONÇ. O tamanho aluoroço a tudo atalha ,
Muito mais o prazer , que a paixam , toma
Poder do coraçam neſta batalha.
INES. Esforça , que Beatriz o adufe toma ,
E começa a tanger com tanta graça ,
Que hũa ora o ſom traſpoem,outra ora aſſoma.
Ora eu por fiador que a alguem prol faça
Se ella tambem cantar como parece ,
E como ſoe , que inda oje nos faça
Parecer eſta tarde que amanhece.

CANTA BEATRIZ.

I.

Dura neceſſidade quando engroſſa ,
Como agua na ribeyra ,
Quem não foge , podendo , vendoa vir ?
Quem hà , porem que poſſa ?
Cumpre de ter maneira ,
Ou de pôr peito à agoa , ou de fogir ;
Forçado a mi me he ir

Buſ-

Bufcando pollos vãos contos paffados ,
De que cante , que ey medo ao mao enfino ,
Mayor , que a cantar mal verfos rimados ;
Em fim , direy d'Amor cego , & menino ,
Por defaftre malino ,
Como lhe aconteceo ,
Mas fe Amor foy vencido , Amor venceo.

II.

Em tempo antigo , longe em terra eftranha ,
Hum Rey , & hũa Raynha
Ouuerão filhas : a primeira veyo
De belleza tamanha ,
Que algũa igoal não tinha ,
Sómente a que defpois foy a do meyo :
Mas logo fobreueyo
Inda outra , que a eftas fez como às eftrellas
Faz o Sol claro , tanto que apparece :
Fallauão caualleiros , & donzellas ,
Como nas coufas raras acontece ,
A gente fe lhe offrece
Como a Deofa immortal ;
Té do bem o fobejo fempre he mal.

III.

Não foffreo tal offenfa Amor altiuo ,
Que foffe aos Deofes feita ,
Seu arco toma , os tiros apurou ,
De chumbo , & d'ouro viuo ,
Voando ao âr fe deita ,
E n'um momento tudo atraueffou :
Mas enleado ficou ,
Quando tal fermofura ante fi vio ,
Fogiolhe o coraçam , a fetta cae ;

E no pé que diante hia, o ferio.
Chora o menino, & grita polla mãy,
Com tal conſelho ſae,
Faz hum boſque encantado,
Alli geme, & ſoſpira magoado.

IV.

Iá d'antes diſto àquella grande fama
Da fermoſa Prinçeſa,
A belliſſima Venus receoſa,
Os ſeus Archeiros chama,
Em ſecreta defeſa,
As moſtras ſaõ porém d'eſtar cioſa;
Quando polla amoroſa,
E delicada praya rumor corre,
Primeiro ſem autor, & ſem certeza,
Que o poderoſo Amor d'amores morre:
Mas logo ſe affirmou já com clareza,
Co a qual a mãy deſpreza,
Todo o reſpeito, & ceua
De brando ſono a moça, & lá lha leua.

V.

Cae a noite do Ceo, mas he dos lumes
Vencida, & fica dia,
Com que (acordando) vio ricas pinturas;
Ardem ricos perfumes,
Os cantares, que ouuia,
Erão para abrandar as pedras duras:
Poem-ſe á meſa, & figuras
Correm, com vaſos ricos, & ſem conto,
Manſamente ordenadas ſem peleja,
Tudo ſe faz alli preſtes n'um ponto;
Que banquete quereis que o d'Amor ſeja?

Nam

Nam acha alli a enueja,
Que possa desdanhar,
Nem o appetite mais que desejar.

VI.

Mas porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido
Deixam por hum tam longo espaço atraz?
Respeito ao Sol auendo,
Direy de hum só partido,
Que Amor logo tirou, mas duro assaz,
Disse, nam me verás,
Contentete o que vés: ah sorte esquerda,
Cruel, & cobiçoso pensamento!
Representouse ao Amor a grande perda,
Do par que esuaecido n'um momento;
Hà mister sofrimento
O mal, & inda o bem,
Pouco estimado sò de quem o tem.

VII.

Promete do por vìr ousadamente,
Fazemse comprimentos,
Que depois se cumpriraõ muito mal;
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrár andando o tal, & o tal;
Cousa que tanto val,
Cos nossos coraçõeszinhos pequenos:
Ora indo assi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos,
Em fim (diz) bens sobejos
Sem as minhas irmãs,

Não

Não ſois riquezas não , mas viſões vãs.

VIII.

Ouuio , eſtremeceo Amor , porém
Ouue de dar licença ,
Dizendo de vagar , pois aſſi quer ,
Razão he que tambem
Agora niſſo vença
Quem ſempre em tudo ſoe de vencer:
Vemna as irmãs a ver ,
E vendo hi tanto de que ter enueja ,
Confuſas dizem ; triſtes mal fadadas ,
Co que ſe perde aqui , co que ſobeja ,
Foramos todas bemauenturadas ;
Nadas , menos que nadas
Noſſas ricas riquezas
Como eſta as chamará pobres pobrezas !

IX.

A moça amoſtra cá , & amoſtra lá
Do que nam vem lhes conta ,
Toda de face andaua , ellas do enuez ,
Nam ſofrem ver mais já ,
Nam podem co'a afronta
Com tudo cedo iraõ dar a trauez ;
O Sol anda de pes ,
Os prazeres tambem co elle deſandaõ ,
Tambem as que fingiaõ ſoſpirauaõ :
Quem ſabe os corações alheos , que andaõ
Fazendo ? ſe quereis , inda chorauaõ ,
Mas onde ſe entornauaõ ,
Aquelles vaſos d'agoa ,
Parecia irmandade , ella era magoa

Nam

X.

Nam se podem ter mais, ora em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse hũa) triste irmaã nossa enganada?
Choramoste perdida,
E vindote assi ver,
Tornamoste a chorar por mal achada:
A outra mais ousada
Tomando a mão, lhe disse, quem seria,
Que outra cousa cuidasse? se elle tanto
Te amasse, & se tal fosse mostrarsehia:
Responder, que nam quer, disso me espanto,
Ora eu nam no leuanto,
Mas diz, que neste lago
Se vee às noites vir voando hum Drago.

XI.

Nam disse mais: os olhos nam sey mais,
E os geitos, que disseram,
Fazendo casos: a moça enfraquece,
Vaõ suores mortais:
Todas em fim vieraõ,
Que quando ha tempo o dilatar empece:
Eis a barca apparece
Em que se ham d'ir, deixamlhe lume aceso;
Ordenamlhe o que faça antes que vamse,
Vejase em todo caso o tam defeso,
E tam gabado esposo, entam descanse:
Outra vez as mãos damse,
Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, co a praya ella.

XII.

Ora, jà noite, chega Amor cansado,

Lan-

Lançaſe no ſeu leito,
A boa fé deſcanſa, & dorme quedo;
Da Iffante o delicado
Singello, & brando peito,
Venceſe, ora d'amor, ora de medo:
Deſcobreſe o ſegredo
D'Amor (couſa diuina) olhos humanos
Como terſe podiam ao reſplandor?
Malina inueja, que cauſou taes danos?
Deixao dormir, ah durma ſempre Amor:
A ſimples com temor
Os paſſos deſconcerta,
Deulhe o fogo no peito, elle deſperta.

XIII.

Quantos, & que ſoſpiros dà de nouo!
Os gritos amiuda,
O jardim deleitoſo n'um momento
Em brejo eſcuro, & couo
(Quem o crerá?) ſe muda:
Que ſe fez de tam rico apparamento?
Couſas ſem fundamento
Sempre em nada ſe tornaõ aſſi a deſora:
As màs irmãs, más furias infernaes;
Como aſſanhadas bichas lança fora,
A meſma paga ſempre ajam as tais:
A moça que errou mais
Com ſingelleza, jouue
Chorando em terra hum tempo,& perdão ouue:

XIV.

Eſta Canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Iá algum aſcena, & diz

Nam

Nam ſey que eu diſto ouui ja n'outra parte ?
Perdam de parte a parte ,
Vós Muſas me enſinaſtes ,
Que do que outra ora ouuiſtes nos cantaſtes.

NEMOROSO.

À ANTONIO PEREIRA, SENHOR DO BASTO.

EGLOGA QVINTA.

I.

De los nobles Floyais
En Pereiras mudados ,
Derecho tronco , ſin algun contraſto ,
Que por nombre contais
Todos vueſtros paſſados ,
Del tiempo del buen Rey Alfonſo el Caſto ;
Tan biuo ſe halla el raſto
De ſucceſſion derecha ,
Y noble antiguedad ,
Haſta eſta nueſtra edad ,
Si eſto al gran coraçon algo aprouecha.
Oyd vueſtros paſtores
Que riñen , otros cantan ſus amores.

II.

Eſpero que algun dia
Aun ſe oyga en lexos parte
(Sino que el gran deſſeo ſiempre engaña)
Otra çampoña mia ,

La-

Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña
A donde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal ſi eſtoy tañiendo
Ruſticamente, y no offendo alguno,
Que abrigado eſté fuera?
Sino que entran acà vientos de fuera.

III.

Quanto tiempo perdi?
No ſe por donde anduue,
Vi tierras, vi coſtumbres differentes;
Ya tarde buelto en mi,
Vn poco ſobreſtuue
Arrimado, y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes,
Ver con ojos mejores,
Segura, dulce, y ſanta
Vida del monte; ah quanta
Vana fatiga vi, quantos ſudores!
Y anſi canſado, y muerto,
De poluo llegue aqui todo cubierto.

IV.

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la ſuerte engañoſa porfiando,
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando ſiempre, y perjurando;
Mas fuyme ſoſſacando:
A peligros de Villas,

Y

Y embates del consejo ,
Busca abrigo el Buey viejo ,
No es tanto el mal acá , no las renzillas :
Embiastesme el buen Lasso ,
Con el passando iré mi passo a passo.

V.

El qual gran don , yo quanto
Por os pagar ardia
Sabeis , mas recelaua juntamente ,
No me atreuiendo a tanto ,
Que el son que me aplazia
Por mi hiziesse aplazer a nuestra gente :
Aqui junto a mi fuente
Iugaua solo el juego ;
Sacaisme allà a la clara
Lo que antes no acabara ,
La soberuia amenaza , o el blando ruego :
En compañia tal ,
El bien será mas bien , menos el mal.

PASTORES DA EGLOGA.

PELAYO. SANCHO. RODRIGO.
SALICIO. BRAS. SERRANO.

PEL. DIME pastor de cabras alquilado ,
(Y no te enojes con la tal demanda ,
Que me echas vn mal ojo atrauessado)
A quien embiò Toribia la guirlanda

Que

Que ella traya ſobre ſus cabellos ?
Cantando , con que boz , clara , y quan blanda?
Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos que d'Amor ſon corredores ,
Que ſe yua el miſmo Amor embuelto en ellos?
Mañana de ſan Iuan , quando a las flores ,
Y al agua todos ſalen , quien tal gala
Vio nunca , y tal donayre entre paſtores ?
Ora que parecia alli Paſcuala ?
Y Menga que ? Coſtança , y la Perona ?
Aquellas , que a ſu ver quien las yguala ?
Que gracia , que blandura , y que perſona ,
Que color de vna Roſa a la mañana ,
Que al deſpuntar del Sol s'abre y corona ?
SANCH. Soldada tuya fue (cabeça vana)
Todo eſſe cuento , ſirues años , y años.
Y al fin poco ganado , y poca lana.
Simple , que no percundes los engaños
D'eſſas demoſtraciones apparentes,
Veſtidas por defuera en verdes paños ?
Tu duermes , y no duermen los parientes,
No los amigos , no , quien cada dia
A tus claras locuras para mientes.
Pelayo , oh , oh , que errè , Pelayo , es mia
Vna ora , es otra tuya , otra vernâ
D'otros , que anſi ſe truecan a porfia.
Quando el tiempo ſereno , y claro eſtâ
A vezes ſe recoge , y luego aſſuela
Todo con gran tormenta por do vá.
El feo turbion obſcuro buela ,
Todo lleua conſigo quanto aſſerra ,
Amenaza la villa , y el Aldehuela.

Mu-

Mudado aquel sossiego en tanta guerra
Tomete descuidado el temporal,
Ni quien eres sabras, ni de que tierra.
Correr no puede siempre el rio ygual,
Ni soplar puede siempre vn viento quedo,
Mas durar (mal peccado) suele el mal.
Và ledo; vá seguro, và sin miedo,
Soberuio, todo inchado vâ, que ansi
Se viene a ser mas triste de mas ledo.
PEL. A vós gracias mis ojos, con que vi,
Vno, que anda por ser yá del consejo,
Y yaze sin saber parte de si.
En el lazo se está como vn conejo
Sin poderse de alli descabollir,
Para si no lo tiene, y dá consejo.
SANCH. Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes, que vn baboso
Crer que fortuna siempre le aya a reyr?
Siempre le ha destar queda, por donoso?
Por el sabido mas de nuestra Aldea,
No, no, mas por mas lindo, y mas hermoso.
En fin pro te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en ora tan plaziente,
Si tu confiança el mal no te acarrea.
Toribia, ò que diré? braua Serpiente,
Puede tener amor? antes tendrá
El rio inchado, queda su corriente.
Y en seco a sus peces dexarâ
Cada vno de los dos, el Tajo, y el Duero,
Destemplóse el relox, quantas que dà?
PEL. Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca

A la gayta el nouillo plazentero.
Bayle el Buey pereçoſo , y viejo , en poca
Plaça , pues que ay vna lengua tan oſada ,
Tan atreuida , tan dañada , y loca.
Mas muerde ſierpe mala arrabiada ,
Seas quien ſueles : que ſerà quien fue
Toribia , ſiempre hermoſa , y ſiempre amada.
El perro , por coſtumbre a quanto vee ,
Y no vee , ladrar vá ſin dilacion ,
Corre acà , corre allà , no ſabe a que.
Mas eis aqui que pongo el mi çurron ,
Tomo el cayado , ſalga al campo quien
Defenderme quiſier eſta queſtion.
Toribia : (ay quien lo niegue ?) es quanto bien
Tenemos : (ay quiçà quien contradiga ?)
En bondad , y en beldad digo tambien.
SANCH. Tus palabras , parlero , vna hormiga
Al viento alçallas ha , no peſan mas :
La tu locura propria te caſtiga.
Pero , porque loquillo inchado eſtás ,
Solamente diré , que eſſa que perjura ,
Penſar , ni hablar mas della , es por demas.
No tienne de muger mas que figura ,
Con que engaña los ojos , vn bien tiene ,
Que ſea mucho el mal , mucho no tura ,
La tan liuiana coſa no ſoſtiene
Repoſo alguno , mas viene Rodrigo ,
Otro dia ſerà que te lo apene.
RODR. Yo voy huyendo , y và ſolo comigo
Eſte enemigo Amor , ſiempre riñendo :
Que no le entiendo,aunque harto le he tratado,
Siempre enojado , ſiempre murmurando ,
Siem-

Siempre caufas bufcando a fus fofpechas,
Cuentas eftrechas, zelos tan pefados,
Por mis peccados (como a el le pluguiera)
Vn bien me diera en que penfar pudieffe,
Si quiera fueffe acompañado, o folo:
Luego turbólo aquel plazer tamaño,
Vn cafo eftraño, que en el pecho trayo;
Era por Mayo el tiempo, y mis amores
Lleuauan flores, vino vn cierço frio
Que en daño mio todo lo há quemado;
Ah bien paffado! quando alcè mis ojos,
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudó affi todo d'otra mente?
Quien mi fuente turbó tan limpia, y clara?
A donde hallarà aquella gloria mia,
Aquella mi alegria en tal fabor?
Mientras que plugo a Amor, y a mi ventura
Poco fegura, huydiza, y vana,
Suerte villana, mas yo quien océeo?
Zagales veo, Amor crudo enemigo,
En buen abrigo me faltò el repofo,
Menefterofo aqui, y en toda a parte.

PEL. Rodrigo guarte, no te aya traydo
La mala fuerte quando yuas huyendo
Los hombres, donde el Drago era efcondido.
A donde con la fu lengua efgrimiendo,
Ni a los biuos, ni a muertos no perdona.
Ora penfando mal, ora diziendo.

SANCH. El mifmo es, que por Drago fe pregona
Hablando a fi, que bien hablar no fabe,
Su gefto lo defcubre, y fu perfona.

PEL. Ah, ah, no cale mas que affi fe alabe,

Ni que deſprecie a otro , que oy tal dia
Se puede todo ver antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia
A cantar , y baylar , ſi quiere à lucha ;
O ſi a puñadas , mas que plazer me hia.
Sino canta , no bayla , y ſino lucha ,
Ni tiene manos , que no tenga boca ,
Quiere tañer , tu juzga , y nos eſcucha.
RODR. Oh la , teneos , que deſcrecion poca
Es eſta vueſtra ? tiempo no tuuiſtes
Sin mi a la locura que ora os toca ?
Y ſi adrede eſperando me eſtuuiſtes
Iuſto ſerà tambien que de vós ſepa ,
Por que cauſa , o razon anſi reñiſtes.
SANCH. Yo me eſtaua arrimado aqueſta cepa
Penſando a la verdade nel refran viejo ,
Que cada vno en el ſu pellejo quepa.
Vinoſe eſte loquillo zagalejo
Hablò como quien es de buena entrada ,
Y no cupo por cierto en ſu pellejo.
RODR. El mal ſe vaya al mal , deſe paſſada
A toda furia , a todo encendimiento ,
Que la paſſion es ciega , y no vé nada.
Tu deuieras tener Sancho mas tiento ,
Que eres mayor de dias , y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna çampoña , y no ſe quien
Cantando la acompaña , Blas parece ,
Y Salicio el que canta , entr'ambos bien.
SAL. Quando ſe pone el Sol , quando amaneſce,
Siempre anocheſce en eſte valle aqui ,
Triſte de mi , de doze , o treze Eſtios ,

Los

Los ojos mios quando enxutos viſtes ?
Ojos tan triſtes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuytado, y quando, penſé que eran muertos,
Siendo cubiertos con tanta, y tanta agua,
En la gran fragua alçòſe mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se enciende tal hoguera, y que tanto arde ?
Tan tàrde yá, que quando todo falta
Llama mas alta ſube, y mas ſe esfuerça,
Toda otra fuerça, o mengue, o vença el dia,
Eſta congoxa mia ſolo atura,
Ay como la ventura và burlando !
Como eſperando vâ, ſi yerra, o no yerra !
Huyendo, o por la tierra, o por la mar,
Nunca aportar a parte fuy tan eſtraña,
Nunca a tamaña d'ayre differencia,
Que eſta dolencia, Amor, locura, o que era
Alli primeramente no arribaſſe :
Y me moſtraſſe, que era por demàs
Boluerme atràs, o eſcabollir por pies,
Prouè deſpues la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

RODR. Acá ſe vienen mis buenos hermanos,
O quantas quexas ay deſtos amores,
Que nunca vanas ſon, y ellos ſon vanos !
Duelen, mas que de veras, ſus dolores,
Mas ſea en ora buena la venida,
Llegaos mas acá buenos paſtores.

SAL. Sea la voluntad vueſtra cumplida,
Rodrigo eſtés con bien, Sancho, y Pelayo,
Todos plazer tengais, y larga vida.

RODR. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazeres buenos
Con que el tiempo nos huye como vn rayo.
Acà nueſtros amigos eſtan llenos
(Anſi lo digo a entr'ambos de conſuno)
De zelos arrabiados quando menos.
SAL. Dexemos los paſtores, que ninguno
Sin quexas de Amor vá, dadme las Aues,
Dad peces, y animales vno a vno.
Todos yazen debaxo de ſus llaues,
Y los Dioſes tambien, por eſte Apolo,
Al ayre derramò cantos ſuaues.
Pobre paſtor de Admeto, oyolo, y violo
Con çurron, y çampoña el rio Amphriſo;
Arrimado al cayado triſte, y ſolo.
Quantos los lloros ſon, quan poco el riſo!
Antes no nadas, mas ſon quexas viejas,
Guay de quien por ſeñor le quiere, o quiſo,
BLAS. O ſino me engañaſſen las orejas,
No me engañan por cierto, eſte es Serrano,
Balando le reſponden ſus ouejas,
Que çampoña, que voz, que ſuelta mano?
SER. Arrayad ojos yá por las alturas
Deſtos montes, moſtrad vueſtro luzero,
Huyan de oy mas daqui ſombras eſcuras.
Ó buena Delia, nazca el verdadero
Sol nueſtro, nueſtra luz, y nueſtro dia,
Y nueſtro reſplandor claro, que eſpero.
Hermoſa Delia, alta ſeña, y guia,
Apparece a los tuyos que deſmayan,
Amenazados yà de muerte fria:
Los ojos tuyos ſocorriendo vayan

A quien d'otro no biue, ni otro eſpera,
A todos dà remedio antes que cayan.
Si amanecieſſes, ſeria Primauera,
Y lleuaria flores quanto alcança,
Aquella claridad relampaguera.
La qual que quiera, o no, por donde lança
Su rayo, a todos và la vida dando,
Todos los bienes dá, ſaluo eſperança.
Por donde aſſomaran? que en aſſomando
Eſſos tus ojos, que ſus fuentes frias
Las Nymphas por los ver no van dexando?
Luego las Drias, y las Amadrias,
Paſſeando ſe ſaldran por las floreſtas,
Como las vimos yà quando nos vias.
Verſehan Oréas por ſus montes pueſtas,
A ver los ojos quales no ſe vieran
Iamas en tierra, eſtarſeha todo en fieſtas.
Mas yo que veo aqui? oh que me hirieran,
Subito de vna luz, como de rayo
Con que mis ojos yá ſu luz perdieran?
ó Delia, mientras los aueſo, y enſayo
A tanta claridad, que no ſoſtengo,
Detente que me muero, y me deſmayo:
Ah paz, paz con tus ojos, que no tengo
Aliento yà, que todo desbaratan,
Sino te vengo a ver? triſte a que vengo?
Ojos ſon eſſos tuyos, que arrebatan,
Comiençan alegrar, quitan ſoſſiego,
Comiençan a dar vida, y luego matan.
Cubre, ah cubre eſſos ojos, que tal fuego
Alçan al ſu boluer, que todo enciende,
Quien no ſe le deſuia, al ora es ciego.

Ó Delia , que el poder tuyo ſe eſtiende
A mas de lo que pienſas , no los abras ,
Tienen trato con Amor que no ſe entiende.
Que puedo mas dezir , ſi mis palabras
Me dexan yà ? ſi fuego ſe derrama
Por los montes , por prados , por las labras ?
Que no ſon ojos no , mas biua llama
De fuego , que ſiempre arde en ſus meneos ,
En ellos Reyna Amor , ama , y deſama.
Quien eſpera eſtos ojos Meduſeos ,
Que en piedras nos transforman con ſu brio ,
Por mucha , y deſuſada beldad feos ,
Si ſe puede dezir tal deſuario ?
RODR. ó buen Serrano , a buen tiempo arribado
Sea por ſuerte buena , y no por vana ,
Dáme la mano acá de bien llegado.
Por eſſos miſmos ojos , mas que humana
Beldad , y con razon tan alto erguidos ;
Delante quien no pára alma villana.
Ayudanos , que ſomos repartidos
Contigo aſſi a cantar como aqui eſtamos
A pares , lo demas juzguen oydos.
Defienden nos del Sol los verdes ramos ,
Del agua clara el dulce ſon combida ,
Y la occaſion a que gaſajo ayamos.
Del dia (pienſo) la mayor partida ,
En quexas ſe ha paſſado , y en renzillas ;
Sea agora en paz ſi quer la deſpedida.
Dexemos las queſtiones a las villas ,
Cantemos , y tañamos los paſtores
Entre tanto d'Amor las marauillas.
SER. Cantando vn tiempo fuy . los mis amores ;
Quan-

Quando todo eſte Cielo el Sol cubria;
Deſpues la Luna con los Ruyſeñores.
Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vana
Cantaſtes, yo tambien de compañia.
Haſta que de color de roxa grana
Abriendoſe los Cielos al naſciente;
Las aues ſaludauan la mañana.
RODR. Los milagros de Amor quien no los ſiente?
Quien no es eſcarmentado? y no quexoſo?
Mas no ſe ha de cantar del al preſente.
Cumplido el año del buen Nemoroſo,
Que ſolos nos dexò (y tan ayna)
Yendoſe al deſſeado ſu repoſo.
Que coſa ſe podria hazer mas digna
Del, y de nos, ſus buenos naturales,
Que cantar del agora ya la contina?
Quedarà por exemplo a los zagales,
Que de los ſemejantes hagan fieſta,
Y que tambien trabajen por ſer tales.
SAL. No puede ſer la cauſa mas honeſta,
Vno taña, otro cante, a quien la ſuerte
Cupiere, ſin eſcuſa, y ſin reſpueſta,
SER. Ora que ſea anſi, ſin mal, ſin muerte,
A quien la mas cumplida, eſſe nos taña,
Y cante aquel a quien la corta acierte.
RODR. La mayor cupo a Blas, como es tamaña,
La pequeña a Salicio. BLAS. Artes vſas?
RODR. Engañado ſe vea el que te engaña.
PEL. Suſo, ſuſo, a cantar, ſin mas eſcuſas.
SAL. Taña Blas, que yo dirè del Laſſo nueſtro,
Con buena ayuda ſuya, y de las Muſas,
Con grande perdon ſuyo, y grande vueſtro. SA-

SALICIO.

EN LA MVERTE DEL PASTOR NEMOROSO

GARCILASSO DE LA VEGA.

I.

Rezien ſubido al Cielo,
Paſtor tan raro acà,
Entre los mas, que aqui paſcen la ſierra:
Que anſi te alçaſte a buelo,
A ti en ſazon quiçá:
A nos por cierto no, ni a la tu tierra;
Temor el ſeſo afferra,
Y flaco entendimiento,
Que ſin ayuda d'arte,
Se diſpone a loarte,
Solos ſoſpiros derramando al viento,
Y eſpedaçadas quexas,
Que en memoria de ti ſolas nos dexas.

II.

El nueſtro Nemoroſo,
Que las Muſas de Eſpaña
Auian con regalos mil criado;
Dexado el buen repoſo,
Lleuolo a tierra eſtraña,
O fueſſe el fiero Marte, o fueſſe el hado,
Con ſu çampoña al lado
Con que fuerças tuuiera
De a la Muerte poder
Cantando enternecer,

Si

Si ni a la muerte ſuplicar ſupiera,
Mas antes quando viola
Ayrada, y toda fuego acometiola.

III.

No fueran los ganados
Dignos, no fuymos nòs
Paſtores de la tierra, ingrata gente,
Por los nueſtros peccados,
Que nos dexaſſe Dios
Gozar de tanto bien permaneciente;
Que tan ſuauemente
Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua,
A toda coſa biua,
Con la ſu dulce boz enterneſciera,
Y mientras el cantaua
Apolo el ſu paſtor d'alto eſcuchaua

IV.

Las Nymphas por las manos
Nayades, y Napees,
Al ſon andauan, al ſon deſandauan,
Los Faunos, los Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las baſtas ſobrancejas enarcauan:
Las aues que bolauan,
Rompiendo el ayre puro,
Por do ſobia el ſon,
Baxauan de rondon,
Dexando el Cielo por el ſuelo duro,
Cercandolo al redor
El Merlo, la Calandria, y el Ruyſeñor.

V.

Mas aquel claro pecho
A do tanta viſta huuo,
Que todo en eſta obſcura noche via;
Todo tuuo en deſpecho,
Todo en nada lo tuuo,
Saluo dos llamas en que ſu alma ardia,
Vna de que el tañia
La ſu dulce çampoña,
Otra de ſu valor,
Aquel, y aqueſte Amor,
A la ſu corta vida vna ponçoña,
Y anſi ſe partio luego ledo
Que ſiempre gran virtud ſe acabò cedo.

VI.

Allá por eſſos altos
No van los coraçones
Siempre en dudas, y en nueuos penſamientos,
Allá no ay ſobreſaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas ſiempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda:
Mas cierta, y buena ſuerte,
Segura de la muerte,
Y de canſacios deſta eſtrecha vida,
Y tiempo aparejado,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

VII.

Por otros freſcos Myrthos,
Y ſauzes mas creſcidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes:
En-

Entre raros ſpritos ,
Que adelante eran ydos ,
Deſtos que acá dexaſte differentes ,
Que nueuo gozo ſientes ,
A ti gozoſo viendo
Venir el Sanazaro ,
Que el Sebetho mas claro ,
Haze ir por ſus orillas diſcurriendo ,
Con el ſu Meliſeo ,
Del Reyno reſplandor Partenopeo.

VIII.

Quanto paſtor Toſcano ,
Que Arno , en la deleitoſa
Ribera ſuya , oyò como han cantado ,
Veran aquella mano
Tocar tan venturoſa ,
Que honraua ora la eſpada , ora el cayado ,
Dos que agora han alçado
Sena , y Florencia tanto
Por noble ſangre , y lengua ,
Daño tan grande , y mengua ,
Que igualalla no pudo nunca el llanto ,
Aunque fuera de ley ,
Iuan Ruſcula , y Lactancio Tolomey.

IX.

Qne daño incomparable ,
Ingenios tan ſubidos ,
Embiados acà tan raramente ,
La ſuerte ineuitable
A todos los naſcidos ,
Lleua , ſin perdonar con la mas gente ?
Suerte que tal conſiente !

Quan

Quan poco há que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan ſubito a deſora,
Nos ſon de viſta, y de eſperança fuera;
Ay huydiza, y vana,
Que huyes dende la noche a la mañana?

X.

Pero, buen Nemoroſo,
Mal por los tus paſtores,
Sin fieſtas, ſin plazeres, ſin cantares:
Dexados ſin repoſo,
Quien cantarâ d'amores?
Quien de las Nymphas, quien d'otros cantares?
Quien los nueſtros lugares
Aurá que venga a ver?
Quien las nueſtras majadas
Antes ſin ti, no nadas?
Pudiſte nos hazer, y deshazer:
Pues nos ſin ti que haremos?
Sino ſe puede mas, que ſuſpiremos.

XI.

Alçaſte el tu Toledo,
Correr mas claro hiziſte
El noble Tajo al gran padre Oceano;
Moſtrarſeha ſiempre al dedo
El lugar, do cayſte,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
Que ſe yua el Tajo vfano
De ſu naturaleza
Mas que del gran theſoro
De las arenas d'oro,
Co que al mar llega embuelto en ſu riqueza,

Que

Que de Numancia abona
Hasta la antigua, noble, y gran Lisbona.

XII.

Al tan antiguo aprisco
De Lassos de la Vega,
Tuyo, el nuestro de Sá viste ayuntado;
Si cae el mal pedrisco,
Al abrigado llega
El pastor, canta alli, huelga el ganado;
Elysa el tu cuydado,
Que acà tanto plañiste,
Quexoso de la muerte,
Cruel, ay dura suerte,
Quien no plañiò? despues do la subiste?
Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vaste a la vida.

XIII.

En los demas, Pastor, que te vá a ti,
Todo el mal es de España,
Si enriquecen tus huessos tierra estraña.

EPI-

EPITALAMIO PASTORIL,

A ANTONIO DE SÁ,

NO CASAMENTO DE SUA FILHA

DONA CAMILLA DE SÁ.

ECLOGA SEXTA.

I.

DERECHO ſucceſſor, firme columna
Deſta caſa de Sá, que ſiempre entera,
Edades diſcurriendo a vna a vna,
Los mouimientos tan ſegura eſpera,
Que ria, o que no ria la fortuna,
(Cogida, o deſplegada ſu bandera,)
Quanto eſperarſe puede, ya en vos ſobra
En quien corren apar deſſeo, y obra.

II.

Y no qual por aqui pechos vfanos
De ſus blaſones, y eſcudos pintados,
(De cuentos viejos quiçá, algunos vanos
Y por poder paſſar) mucho ha paſſados?
Quien hizo differencia de villanos
A caualleros blandos, y enſeñados,
Saluo esfuerço, valor, buena criança,
Y el ſaber abaxar, y erguer la lança?

III.

Vós, aunque abuelos tantos os contais
Nobles de toda a parte, como aqui
Bullicio algun ſe ſiente allà bolais,

Teſ-

Teſtigo puede ſer Ceuta, y Safi:
Con quanta diligencia, que buſcais
Grandes afrentas, y a la buelta anſi,
Porque en repoſo todos los recelos,
No os dexan bien dormir vueſtros abuelos.

IV.

Buelto de aquella empreſa valeroſa
Contra los Turcos, que van deſmayados,
Dais oy la hija al yerno por eſpoſa
Cercano en deudo, cercano en eſtados.
Quien puede dio licencia gracioſa,
El gran Paſtor de los ſiete collados,
Vernan nietos a vòs, ojos alçando,
Y a los ſuyos de ledos alagando.

V.

Cuentaſe de las fieſtas con eſpanto
Acá entre nós, mandadnos dar la puerta,
Oireis nueſtra gente allá entre tanto
Que otra fieſta maior ſe os concierta:
Aunque al palacio no conuenga tanto
La muſica Aldeana, a vn mal abierta,
Cantaran a ſu fuero los paſtores,
Ah de los mios Amores, Amores.

PASTORES
DEL EPITALAMIO.

NUÑO, Y TORIBIO. RIBERO, Y GIL.
ZAGALES, Y ZAGALAS.

Nuñ. ADO te lleuan Toribio los pies?
Mas yo que digo? ni ſe ſi eres eſſe,
Ni ſi te veo ſe, ni ſi me ves.
Ni de mi ſé tambien: ſi te parece
Otro tanto quiçâ, pero pariente,
En ti poco de ti yá remanece.
Tor. Pienſas que con los pies, y no otramente
Acá ſomos, y alla Nuño lleuados,
Como pienſa lo mas deſſ'otra gente?
Eres en grande error, y ſi guiados
Pienſas que himos tambien de nueſtros ojos,
Los que nos guian ſon nueſtros cuydados.
Que de antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas, que a buelo lleua el viento,
Si vna vez con plazer, mil con enojos.
A mi lleuauame ora aſſi ſin tiento
No (como dizes) pies, mas no ſe que,
Que a pocas no me ſobra entendimiento.
Nuñ. Lo que pariente yo diria que fue,
Es, que eſſa alma yà tuya en fuerte punto
Paſſóſe a cuerpo ageno, y de allà vé.
De allà reſponde a lo que te pregunto,
A ti miſmo eres hecho como eſtraño,
Biuiendo en otro, en ti yazes defunto.

Ma-

Mala dolencia, peligroſo engaño,
Antojadizo, ſin juyzio, o tino,
Oy mal, al mes peor, peor al año.
Yo no ſoy eſcolar, mas adiuino
Deſſe mal tuyo la carrera errada,
Qual ciego que indilgar ſuele el camino.
Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dexan la eſtrada.
Atente, ſi me cres, a las ſeñales,
Mas que a palabras deſtos traſportados,
Que mucho mas que el bien precian ſus males.
Dizeſe en general, que enamorados
A todos los demas juzgan por ciegos,
Y al contrario ellos ſon d'ojos quebrados.
TOR. Bien veo (ſi eſto es ver) aqueſſos juegos,
Dixe juegos, o que? antes locuras
De los paſtores, y aun de palaciegos.
No ſé darme a conſejo, voyme a eſcuras,
Haſta que eſtos antojos yuzo cayan,
Y a plaça vengan ſueños, y ſolturas.
NUÑ. Ciertos breuajes ſé, con tanto que ayan
A ti en ayuda, con beuer dos tragos,
Yo fio que la puerta al quicio trayan.
TOR. Quien ſabe que podra? ſon cuentos largos
Los mios, và mi mal muy de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos;
NUÑ. Que poquedad es eſſa? eres varon,
Vé, la verguença que es peor que el mal,
Lleuantate a peſar del coraçon.
Gana a la ſoledad odio mortal,
No te engañen las partes deleitoſas,

 Abri-

Abrigados al cierço, y al vendaual.
Los prados con las ſus flores hermoſas,
Las fuentes, y arroyuelos, diſcurriendo
Con las ſus ondezillas bulliciosas.
Abejas, que andan dulce miel cogiendo,
Con el zonido ſordo por las flores,
Y no vès que alli falte, ellas partiendo.
Y luego buelues ſoſpirando, Amores,
Quanto ſin coſta vueſtra, me podreis
Hazer el rico mas de los paſtores.
Tiene Amor en verdad eſtrañas leys,
Mas con paz de voſotros dicho ſea,
Pues lo tomaſtes tal, tal lo teneis.
Auiſote tambien quando alborea
Los oydos attapa al cantar blando
Del Merlo, y Ruyſeñor que al boſque arrea.
Mucho te ruego, y ſi puedo, mando,
Que arrojes de ti lexos la çampoña,
Ni vayas los tus verſos recordando.
Trae cada cantar ſu carantoña,
Que ajunta ſobre el alma vn graue peſo,
Es muſica a tu mal, clara ponçoña.
No confies te auiſo del tu ſeſo,
Y buſca a tus peligros compañia,
Que te ayude a librar de do eſtàs preſo.
Del buen amigo todo lo confia,
Deſcargate ſeguro en ſus oydos,
Que en noche tan obſcura cumple guia.
Vé pidiendo preſtados los ſentidos,
Que los tuyos yâ vez que los perdiſte,
No te pierdas tambien tras los perdidos.
Mas peccador de mi, que no me oyſte,

Eſ-

Eſtoyte hablando, pero que aprouecha?
El cuerpo aqui ſe eſtá, tu traſpoſiſte.
TOR. Conuieneme paſſar la puente eſtrecha,
Y (como dizen) bebella, o vertella,
En fin que fue verdad la tu ſoſpecha.
El alma mia áqueſta parte, y áquella
En vn punto lleuada, mal prodria
Eſtar queda, ſegura, y ſin querella.
NUÑ. Toribio contra el mal de fanteſia
(Que es ligero, y acomete hombre a deſora)
Cumple vela, atalaya, eſcucha, eſpia.
Y no dexarte traſportar cada ora,
Ay como yua Paſcuala tan loçana?
De tales ojos quien no ſe enamora?
Dime, ſi es freſca, apueſta, y tan galana,
Como no es tal a Diego, y es lo Helena?
Y a Pedro Helena no, es lo Iuana?
Eſſe tu cuerpo grande como aſcena
Cada paſſo a caerſe, arde el pauilo,
Vèſe la llama, la candela apena.
Ayudate zagal, ayrado dilo,
Contra ti miſmo, y ten de ti verguença,
Como bobo no eſtès preſo de vn hilo.
Vés que Amor al peor ſiempre enderença
Deſpierte la razon, lidien los braços,
Ayudala, ſi quier que vna ora vença.
TOR. Que cuentas ſon las mias, que embaraços?
Aqui eſtoy mal, peor ſi la mi tierra
Me dexo, haziendo el coraçon pedaços.
Que mirando deſpues d'aquella ſierra
Azia eſta, pienſo, con que anſia diria
Quien me aparta de ti, quien me deſtierra?

A do me lleua Amor ? que es la mi guia ?
El fueſſe el buen juez , peſara el hierro ,
El peſaſſe el tormento , y cuyta mia.
Anſi paſſando mal de cerro en cerro ,
Ora mirando acà , ora acullà ,
Todo ſe es aguçar hierro con hierro ,
Nuñ. Por demas ſon remedios , mi fé yà
A quien no quiere oyllos , ni aun vellos ,
Quien echa el olio en vazo , que ſe vá ?
No ſe ſaca del mal por los cabellos ,
Sino a quien ſe ayuda , y aun con fatiga ,
Quien remedios quiſiere ande tras ellos.
Date , date al trabajo , el cuerpo obliga ,
Sabe que reyna Amor en ocio blando ,
Luengo , y duro trabajo lo caſtiga.
Toma el açada , vee deſpedaçando ,
La dura tierra , labra , inxiere , y planta ,
Vee la ſiebe , pared , y el valo alçando.
Deſuelate la noche , el lobo eſpanta ,
Aticiale los perros , qual ſi vieſſes
Yà la oueja afferrar por la garganta.
Y ſi canſares vela , y nunca ceſſes
De trabajar al fuego en tu cabaña ,
Que mejor de trabajo es que murieſſes.
Nunca falta al paſtor , que bien ſe amaña
En que paſſe la noche obſcura , y fea ,
Aliuiaſe cantando , y el tiempo engaña.
No cantos , que el pezar triſte acarrea ,
Mas deſcuydados ſueltos , y vazios ,
Si es verde la ribera , verde ſea.
No te combido a los breuajes frios ,
Echizos ſuzios , magicos cantares ,

Que

Que remedios no ſon , ſon deſuarios.
Yeruas de allende de los nueſtros mares ,
Cogidas a la Luna , en las montañas
Buenas a quitar vidas , no peſares.
Cuentan las viejas entre ſus patrañas ,
De cierta encantadera , que boluia
Los que arribauan ende , en alimañas.
Era vna isla en la mar , y alli gruñia
El puerco , huuiaua el perro , el oſſo eſpanto
Daua , erguiendoſe en pie , el leon rugia.
TOR. Ó buen amigo , tu no vés que en quanto
Nós departimos , ſube vna auezilla
Cantando al Cielo , o mas parece llanto ?
Yá và tan alto , que no aturo a oylla ,
Ni vella , ſon de quando en quando á pena ,
Digo en buena verdad que huue manzilla.
Parecia eſpertillo que anda en pena
Por eſſos ayres , Nuño ſi lo oyeras.
NUÑ. Dizen por eſſo tal , hija ſey buena.
TOR. Ora Nuño , ora di , cuenta de veras ,
Que de veras te eſcucho , y eſtoyte atiento ;
Parece que me hablauas de hechizeras.
NUÑ. Contar dellas ſerá tener el viento ,
Que no huya , con la mano , mas ſi has gana;
Otro te contaré , dexo aquel cuento.
TOR. Perdona , que eſta mi cuyta villana ,
Cada paſſo arremete , y ſobreſalta ,
Al alma , yá mal cuerda , y quaſi inſana.
Y hazeme caer cad'ora en falta ,
Mas cuenta en fin , que attento eſcucharé ,
Aunque del pecho el coraçon me falta.
NUÑ. De Ribero has ſabido bien quien fue ,

Quan-

Quanto pudo en tañer, quanto en cantar,
Del, y Gil otro tal te contaré.
Y quando otro tal digo, has de penſar
Que no fueſſe el peor de nueſtros hattos,
Pues que ambos los puſieran a la par.
Acuerdome a la ſombra de vnos lattos
De ſauzes altos, verdes, y gracioſos,
Do ſe juntan paſtores muchos rattos.
Como vez que acontece a los ocioſos,
Hablar deſto, y de aquello, y mas zagales
Parleros por natura, y porfioſos.
Concluyeron al fin, que eſtos dos tales,
Nos cantaſſe cada vno ſu cancion,
Los bienes de Amor vno, otro los males.
A Ribero que andaua en ſu priſion
Se encargò que las quexas nos cantaſſe,
Y las dulçuras Gil al miſmo ſon.
Tor. Ay mi buen compañero, no treſpaſſe
Eſta buena occaſion al deſſeo mio,
Darmehas la vida que anda al paſſe, paſſe.
Nuñ. A la ribera de vn gracioſo rio
A quantos deſta vez fuymos preſentes,
Ribero todo demudado, y frio,
Temblando nos cantò verſos ſiguientes.

CANTA RIBERO LOS MALES DE AMOR.

I.

Mandaisme ora que cante,
Triſte que cantaré,
Y mas de Amores, que enemigos ſon?
Mandadme que lleuante

Sof-

Sofpiros , que efto haré ,
Conformandome al tiempo , y a la razon ,
Pues atinando al fon ,
Quexofo de mis daños ,
Dirè mis defconciertos ,
O que feran mas ciertos
D'Amor , mas como quier , por cierto eftraños.
Que me han efte mal fano
Pecho , todo metido a faco mano.

II.

Efto que Amor llamais
(Del qual me aueis forçado
Cantando ora tratar) mas razon fuera
(Si a fus obras mirais)
Que el fueffe antes llamado
Enemigo cruel , fino que yo muera.
Bien fabeis la manera
Que en bofques folitarios ,
Nos lleua dando gritos ,
Sufpiros infinitos ,
De que fon nueftros pechos tributarios ,
Si aquella es la fu cura ,
Bien mueftran los remedios , que es locura.

III.

Mirad pues a fus fuegos ,
Sus mudanças tan preftas ,
Sus geftos , fobrefaltos , y meneos ,
En verdad que fon juegos ,
Que corren fobre apueftas ,
Lleuados de los locos fus deffeos.
Viejos demonios feos ,
Teñidos , no teñidos ,

Los

Los geſtos traſportados ,
Los pechos ora inchados ,
Ora del todo en viſta conſumidos ,
Muerdeſe vno arrabiado ,
Otro eſtatua de piedra anda paſmado.

IV.

Viene otro murmurando
Conſigo , y no ſe entiende ,
Todos ſe burlan del , y el no lo vè ,
Otro verſos rimando ,
A la vihuela atiende ,
Siempre eſto aſſi ſerá , ſiempre aſſi fué :
Como me ayuntare
En vn tan breue eſpacio ,
Tantas diuerſidades
De ſus liuiandades ,
Que aun penſar mal ſe pueden ſin canſacio ?
Diré ſolo eſte poco ,
Que a todos eſtos locos manda vn loco.

V.

Tambien yo mal peccado
Allâ voy de conſuno ,
Que ni lo que hago ſé , ni lo que digo.
Tambien deſacordado ,
Quiçà mas que ninguno
Doy fuerças contra mi a mi enemigo,
Quando ſe ſiembra el trigo ,
Quando anda por las eras ,
Paſſa vno , y paſſa otro año ,
No ſientes el engaño ,
Sino quando del todo deſeſperas.
Sin yá triſte en ti ſer

Ir adelante mas , ni atras boluer.

VI.

Que valles no corri ?
Que bosques no busqué ?
Que peñas , que escondrijos de animales ,
Para me hurtar a mi ?
Qual destos cerros fue ,
Que no oyesse mis quexas desiguales ?
De que rios caudales ,
No rebolui riberas ,
Ora arriba , ora ayuso ?
Qual monte no repuso
A mis finales bozes lastimeras ?
Tan claro , que yo boluia
Ojos atras , por ver quien respondia.

VII.

Engaño poderoso ,
Meter yo mismo en seno
Vn fuego , que ende alçò llama tan braua ?
Amor tan gracioso ,
Amor tan blando , y bueno ,
Como en si tanto mal dissimulaua ?
Que cada ora me laua
De lagrimas el gesto ,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido ,
Esperallo lauar nunca , o tan presto ,
Onde esperança pone
Corriendo allâ me lleua , ella traspone.

VIII.

Del infierno , ay quien cuenta
Que por vn monte arriba

Vn canto a cueſtas ſube vn condenado,
Nunca el triſte ſe aſſienta,
Y quando a lo alto arriba
Reſuala, y buelue el peſo atras priado:
Preſtamente el cuytado
Torna a la ſu demanda,
Eis lo ſube del hondo
Con el canto redondo,
Eis lo que otra vez cae, y en balde anda:
Ygual embaymiento
Lleua, y trae el amante en ſu tormento.

IX.

Que he de dizer d'Amor que no ſepais?
Enemigo cruel,
Que los mas ſuyos, mas ſe quexan del.
Nuñ. Anſi cantò Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrompian
Triſtes ſolloços del ſu pecho amaro.
Trás lagrimas, mas lagrimas ſalian
Sin parar por el pecho, y barba ayuſo,
Con harta compaſſion de los que oyan.
Tor. Yo vi algunos verſos que el compuſo,
Quaſi todos lloroſos, tuuo vena
Blandiſſima, y aun mas blanda con el vſo.
Mas de Gil, que me cuentas? fue tan buena
La reſpueſta que alli vino arguyendo:
Pues que no le faltó gracia, ni lena:
Nuñ. Primero vuo que hazer, vnos diziendo
Que el ſu mal proprio cantara Ribero,
Y no de Amor, los otros defendiendo.
Affirmauan que aquel que paga el fuero
Es quien mas ſiente el mal, y la manera

De

De perder al afan , tiempo , y dinero.
Con todo Gil , bien vimos que quiſiera
Deſcabollirſe al reto porfiado ,
Y por ſu voluntad no falleciera.
Al fin tomó el rabel como forçado ,
Y afinando lo eſtuuo cuerda a cuerda ,
El alquillo bolaua , y anſi afinado
Acudia apuntando con la eſquierda.

CANTA GIL LOORES DE AMOR.

I.

No veis como al cantar
D'Amor el Sol ſe aclara ?
Como a buelo los paxaros ſe erguieran ?
No veis regozijar
Peces nel agua clara ?
Y como acà , y allá ſe arremetieran ?
Mas ah que me huyeran
El aliento , y la lengua ,
Dudando a la empreſa alta ,
A tal tiempo , tal falta !
A quien boluerme deuo en tanta mengua ?
Sino al freſco moçuelo .
Que aquï ſiento cercano andar a buelo.

II.

Amor , que en vn momento
Viſita eſte ayre puro ,
Del nombre ſolo quien no ſe enternece ?
Comun conſentimiento
Le dio deydad de juro ,
Y niñez , que jamas nunca enuejece ,

To-

Todo desaparece,
Y todo apriessa huye,
Para no boluer mas,
Yà fuera todo atras.
Sino que solo Amor lo restituye
De nueuo a nós boluiendo
Aquello, con que el tiempo se yua huyendo.

III.

En primauera vfana
Mirad que se enamora,
La misma tierra, ved como se arrea,
D'oro, de plata, y grana,
Viene Pomona, y Flora,
Y cada vna la viste a su librea:
Verá quien quier que vea
Toda cosa criada
D'Amor fauorecida,
Cobrando nueua vida
Los rios, y la tierra, y mar salada;
Saltan peces tan altos,
Que mas parecen buelos, que no saltos.

IV.

Las Aues, y las fieras,
Que nascen de ira armadas,
Luego en poder de Amor se pâran blandas,
Mas antes halagueras,
Las sañas oluidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Señor, que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,

Abra-

Abraſala de Amor , los odios quita ,
Que por dichoſa ſuerte
Todo eres vida Amor , deſamor muerte.

V.

Entre flores ſuaues
Si eſtás contra tu grado ,
No te podran tener ſuertes cadenas ,
Peſadas ſon , y graues
Las fieſtas al forçado ,
No ſon plazer para el , antes ſon penas ;
Malas coſas , y buenas
Haze Amor , y deshaze ,
De abſoluto poder ,
Quereislo claro ver ?
No llamamos plazer , ſino al que aplaze ,
Quanta noche eſclarece ,
Y quanto dia Amor claro eſcurece.

VI.

Ciertos emboluedores
Falſos , y fementidos ,
Entran hurtados (ſiendo Amor auſente)
El arrayal de Amores ,
Y anſi deſconocidos ,
Toman a engaño el ſimple , el innocente ;
Cauſa que tanta gente
Vaya con boz lloroſa
Demandando piedad ;
Tornad en vós , tornad ,
Que aun trabajos de amor , ſon dulce coſa ,
Catad que eſſos moçuelos ,
Que por Amor teneis , ſon malos zelos.

VII.

Amor nunca alabado
(Por mucho que ſea) aſſaz ,
Si a lo que ſe le deue ſe mirò :
Quien al mal prolongado ,
O fueſſe en guerra , o en paz ,
Venciò con ſufrimiento , ſi Amor nò?
Quien el palacio enchio
De ricos atauios ?
Aquellas opiniones ,
Las galas , y invenciones ,
Que ſerian ſin el ? ſon deſuarios :
El puſo ende las damas ,
Arde el palacio todo en biuas llamas.

VIII.

Y a nòs quien nos ſoſtiene
Entre tantos ſudores ,
Deſta vida canſada acá de fuera ?
Saluo eſte Amor que viene
Con los ſus lamedores ,
A esforçar vno a vno que no muera
Templad de vna manera ,
En ſus yguales modos
Eſtos nueſtros Rabees ,
Tocad vno deſpues ,
Sin tocar los demas reſponden todos,
Amor que no podrà ,
Si tanta fuerça a los conciertos dá ?

IX.

Es trabajo ſin fin que me aueis dado
Que alabança mayor
No nos pide Dios mas , que ſolo Amor ?

Nuñ.

Nuñ. Anſi nos cantò Gil, y a nòs boluido,
Dixo eſto, fue cumplir vueſtro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha ſido.
Tor. ó mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con tus dos dulces canciones
Todo tambien tañido, y bien cantado.
Nuñ. Si tan alto Toribio anſi las pones
Oyendolas a ellos, lo que hizieras?
No pude mas, conuiene me perdones.
Mas, ò no ſé ſi vez las cantaderas
Que allà aparecen? que freſcas zagalas
Veſtidas como a guiſa de eſtrangeras?
Dos Mengas, dos Eluiras, dos Paſcualas,
Semejan entre mil como eſcogidas
En cuerpos, geſtos, gracias, y en las galas.
A fieſtas deuen ir tan guarnecidas,
Y tan acompañadas, abalemos,
Tor. Ah Nuño, Nuño, y a fieſtas me combidas?
Vayanſe a ſu plazer, no las turbemos.
Nuñ. Otros tantos zagales reſpondiendo
Como a porfia vienen, ah no dexemos
Huyr lo que razon eſtá ofreciendo,
Anda, vamos a ver, no nos paremos.

I.

Zag. Ay razon que tal ſufra vna donzella
Criada a mil regalos, en el ſeno
De ſu madre, çahareña, hermoſa, y bella,
Flor no tocada, que venga vn ageno,
Y que la coja mientras ſe querella,
De lagrimas el geſto hermoſo lleno?
Que coſa ſucceder podra mas fea,
Entrada de enemigos el Aldea?

Zag.

II.

ZAG. Padres, madres, y hermanos, ſon vencidos
En ſus proprios amores verdaderos
Deſtos eſclauos que llamais maridos,
Vueſtros cautiuos mas que compañeros:
Todo dexan por vós embeuecidos,
Porque no os contentais con menos fueros,
Con vna mueſtra blanda, vna terneza
Venceis vigor, conſtancia, y fortaleza.

III.

ZAG. Ay zagalejas nueſtras tan preciadas,
Y vòs que lo penſais por ende altiuas,
Andais (al parecer) gloriſicadas,
Que no ſemejais quaſi a coſas biuas,
Perdeis lo todo como ſois caſadas,
Paſſaisos de ſeñoras a cautiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
A peſar de razon vence el engaño.

IV.

ZAG. No ſe puede negar que todo huye,
Quanto mas las liuianas voluntades,
Eſte tiempo gloton todo deſtruye,
No paran peñas, pararan beldades?
Mas quien los daños del nos reſtitue,
Sino ſolo el Amor por ſus bondades?
El ſolo nos defiende a la fortuna
A las bueltas del Sol, y de la Luna.

V.

ZAG. Eſſa reſtituycion de que aſcenais,
(Que ſon los hijos,) ay las ſus fatigas,
Ah los trabajos grandes que callais,
Diſſimulando cuytas tan antigas:

Que

Que vosotros sabeis que les causais
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçaria, juzgue Amor,
La parte flaca mas, lleua el peor.

VI.

ZAG. Passais dezid, ingratas, como en juego
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
Y cada vno en la su fuente de Amores;
No sabeis como vá derecha al fuego,
Arbol sin fruto, aunque lleue flores,
Y dize el que la cria, y que la escaua,
Que quiero mas aqui desta arbol braua?

VII.

ZAG. ó dulce libertad como te vas
Embuelta en nombres vanos, y pintados;
Que nunca buelues, ni pareces mas?
Corre el engaño todos los estados;
Si pudiessen boluer tiempos atras,
Como no sufren, ni consienten hados,
Tendrian su lugar buenos consejos,
Siendonos nós a nós mismas espejos.

VIII.

ZAG. Relampaguean fuegos, que nos ciegan,
Veys quanta gente, veis quanta señal?
Y todos de alegria, acà se allegan
A nòs, que no será soncas por mal?
Lo que estas mas dessean, esso mas niegan,
Por esso esposos, no les creais tal,
No os engañen los falsos sus enojos,
No lagrimas fingidas de sus ojos.

A ANTONIO PEREIRA, SENHOR DO BASTO.

EGLOGA SEPTIMA.

ALEIXO.

I.

ESTAS nueſtras çampoñas las primeras,
Que por aqui cantaran bien, o mal,
Como pudieran Rimas eſtrangeras,
Embialas el nueſtro mayoral
Que a ver os vengan, en todas maneras,
Que a mas de ſer el dia feſtiual,
Supo por ſer venido el mayor hijo,
Que anda toda eſta caſa en regozijo.

II.

Teneis mil bienes en que os emplear,
No andeis tan peſaroſo en vueſtros daños,
Que el vado es alto, y ciego de paſſar,
Tratad vueſtros peſares con engaños:
Boluio quien vueſtra caſa ha de heredar
Tan grande capitan en tiernos años,
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando venciò el hijo ſegundo.

III.

Del qual caſo eſpantoſo dicho ſea
Solamente de vna Aue que yua a buelo,
Acà, y allà por la mortal pelea
Sin tener de algun mal, algun recelo;

No

No ſiendo nunca viſta tal relea
Todo Agua, todo Fuego, todo Cielo,
Seas pues bien venido hermoſo aguero,
Bueluan nueſtros milagros de primero.

IV.

El mas moço que eſtà como en el nido,
Antes de tiempo ſer ſus alas prueua,
Con el deſſeo grande en alto erguido,
Que apenas le teneis, que no ſe mueua;
De dentro quanto aſſi eſtá cumplido,
Pero de fuera aun la pluma es nueua,
Eſto todos lo ven, que no ſon cuentos,
Abrid el pecho pues a los contentos.

V.

Vn rayo que deſciende en ſus deſuios
Hiere los altos (que la baxa gente,
No tiene cuenta) dize eſtos ſon mios,
Y luego el primer trueno que arrebiente;
Dexad los charcos turbios llouedios,
Beued de pechos en la pura fuente,
Poned la confianca toda en Dios,
Lo que ha de hazer el tiempo, hazedlo vós.

VI.

Entrarſehà aqui vn zagal muerto d'amores,
Sin que el lo ſepa bien, mas no os turbeis
Que a mas hà ſuccedido que a paſtores,
Nunca de Amor, ni con Amor burleis:
Quando no lo penſais ſe alça a mayores
Deſobligado de todas las leys,
No ay caſo tan dudoſo, é incierto a ſer,
Que ayudado de Amor no ſe haga crer.

PASTORES DA EGLOGA.

ALEXO. SANCHO. IUAN.
ANTON. TORIBIO. PELAYO.
NYMPHA DE LA FUENTE.

I.

Al. YO vengo como pasmado,
Y no sé lo que me diga,
Que el mi coraçon letiga
Entre cuydado, y cuydado.
Valasme Dios, que peccado
Pudo ser mio tamaño,
Yo no soy el que era, antaño?
Han me como barajado.

II.

Dias hà que no me entiendo,
No penetro este mal mio,
Al Sol muerome de frio,
A la sombra estoyme ardiendo.
A ninguna parte atiendo,
No sé dar con lo que fuesse,
Como si d'otren huyesse
Ansi de mi voy huyendo.

III.

Heme aborrecido el hato,
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos no nadas,

Que

Que no sé que ende me cato:
Que buena ganancia, y trato
Sospirar noches, y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me engañan cada rato.

IV.

Quiçá de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieran, por tal,
Que huuiesse a passar por ellos,
Y emboluerme hian con ellos
Del pan de los mis bocados,
O passé sobre finados,
No hize oracion por ellos.

V.

A caso de tal dolor
(Que en buen juyzio no cabe)
La benzedera si sabe
Lo que llorarà mejor?
Mas vamos a lo peor
No se que se me affigura,
Quiçà puede ser locura,
Quiçà puede ser Amor.

VI.

Soncas si he sido assombrado
De los cuerpos huydizos,
O me dieran bebedizos,
Que todo me han trastornado?
O quiçà si fuy aojado
En las bodas de mi tia
Quando cantaua, y tañia,
Buelue acà pastor cansado.

Pe-

VII.

Pero pues que me acordè
D'aquel dia de plazer,
Quiero a cantallo boluer,
Quiçá que defcanfaré.
Dias ha que no cantè
Con el coraçon no puedo,
Entonces cantaua ledo,
Ora como cantaré?

VIII.

Que fantefia tan loca
Bien es de zagal perdido?
El tino adolo, y el fentido?
Do la boz canfada, y roca,
Ay la mi ventura poca
En poder todo de enojos,
Quando anfi lloran los ojos,
Como cantarâ la boca.

CANTA.

Buelue acà paftor canfado,
Buelue, que a peligro vás,
Corres tan defatinado,
Que ayna te perderás.

VOLTAS.

I.

De quien huyes? o porquè?
Buelue acà, buelue al rebaño
Oye, fino vez tu daño,
Quien te auifa, y quien lo vé.

No

No te acuerdas del ganado,
Ni de ti; ſi anſi te das
Tal prieſſa, ſoncas priado
A la tu fin llegarás.

II.

Porque anſi te acucias dî,
Las mentes enagenadas,
Cata, que a pocas paſſadas
No aurà memoria de ti,
Buelue, buelue, ah porfiado,
Que ſino buelues atras,
Solo en ver a do has llegado
De miedo te morirás.

IX.

Yua aquel dia loçano,
Fue, ſi me acuerdo, por Mayo,
Luché, corri, como vn rayo,
Era moço rezio, y ſano,
Luego me vino vn affano,
Que a pocas muerto me tiene,
Bien dizen que el mal ſe viene
Como de ſuyo a la mano.

X.

Si aqui eſtuuiera mi hermana,
Que nos la lleuò ſu eſpoſo,
Con ella huuiera repoſo
Eſta mi cuyta villana.
Que tantas vezes liuiana
Se altera, y muda tan preſto
De la mañana al Sol pueſto
Del Sol pueſto a la mañana.

Quan-

XI.

Quantas vezes me dezia,
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche, y dia.
No sé que contado auia
Ciertas zagalas loando,
Yo boca abierta escuchando,
Siempre alli boluer querria.

XII.

Ay que locuras pensé,
Quanto aquel cuento me plugo;
Aora yà atado al yugo
Ararè, o rebentaré.
Mas ò que fuente; echarmehe
Cabe ella, en yerua tan fresca
Puede ser que me adormezca
Sino que descansarè.

XIII.

SANCH. VIEJ. En vano el viejo afanò,
La vista se me esuanece,
El muchacho no parece
Antes desaparecið,
Quantas vezes sin prouecho,
Que esto hecho,
Aqui vá, por alli vá,
Des que he corrido vn buen trecho,
Otro lo vido acullà.

XIV.

Con el hijo juntamente
Nascen cuydado, y fatiga,
Pero costumbre es antigua

An-

Andar tras su mal la gente,
Buena vida en vejez fuè
Por mi fé,
Ochenta años quando menos
Mal con hijos que engendrè,
Mal con los hijos agenos.

XV.

Vn Lunes por suerte estraña
(Aun no me dexa aquel dia)
De la lluuia me acogia
Por el pie de la montaña,
Ende de vna espessa breña
Çahareña,
Vna cabra que perdiera
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

XVI.

Fuyme allá, vi que plañia
Vn niño tierno alli dentro,
Por lo que tras ella me entro,
Que contra si me fue guia,
Que mas me auia yo destar,
Sino entrar,
Como yua por ver lo que era?
No pude allà diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

XVII.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el mil vezes la vida.
Que el su buen entendimiento

Es ſin cuento ,
Paſſa aſſi , y es caſo eſtraño ,
Tras mi la mi cabra ſiento
Receloſa de mas daño.

XVIII.

Mas piadoſa que el padre ,
Mas que deudo , ni pariente
No hablo de la otra gente ,
Y aun quiçá mas que la madre ,
Digoos en mi conſciença
Huue verguença ,
En vna cauſa tan digna
De piedad , que nos vença
Vna cabra monteſina.

XIX.

Era embuelto en ricos paños
El niño , y todo era tal ,
Que harto alli dezia mal ,
Y eſto hà ſus deziſiete años ,
Quien del tiempo no ſe vela ,
Como buela ,
Parece que fue eſto ayer
Dandoſe como d'eſpuela ,
Quc priſſa lleua a correr ?

XX.

Truxe el niño a mi Thereſa ,
Que podria ſer de vn mes ,
Veislo , que anda en quatro pies ,
Veislo , que ſe ergue a la meſa :
Veis los mayores alcança
En criança ,
En coſtumbres , y en ſaber ,

Ved

Ved de tan grande esperança
Lo que queda al recoger.

XXI.

Era locura pensar
Sus donayres, y sus sesos,
Ante tiempo aquellos pesos
En esto vienen parar.
Sabia mas que el Iurado
Bien jurado,
Ayudaua a Missa al Crego,
Aun que este es mal muy vsado,
Seres con tu hijo ciego.

XXII.

Pero en esto no me engaño,
Aunque es hijo en el amor,
Que el no parece pastor,
Aunque guarda mi rebaño.
Dixe guarda, antes guardò,
Tristeyo,
Que aora yà medio loco
Del ganado descuydò,
Y aun de si cale poco.

XXIII.

Dixome vno dessa banda
D'allá, que lo viera aqui,
Bien pueden dezir por mi
Vn perdido, tras otro anda.
Soy yà cansado, y soy viejo,
Que consejo
Tomaré, o que camino?
Veis el mi perro vermejo,
A la fé tras mi se vino.

XXIV.

Y tu hijo andas huyendo
De mi, de valle en collado,
Que mal consejo has tomado,
El porque yo no lo entiendo,
Sigues antojos liuianos,
No los sanos,
Consejos del viejo padre,
No se te acuerda d'hermanos
Ni la vieja de tu madre.

XXV.

Ha me dicho vn escolar,
Que sabe d'aquestos males,
Que siete rios caudales
Te conuiene de passar,
Y bañarte en la laguna
A la Luna
Nueua, y buscar siete fuentes,
Perenales, y en cada vna
Lauarte, y cobrar las mientes.

XXVI.

Vnos tienen tal sospecha,
Otros otra, y dicho me han
Muchas, y muchas diran,
Mas sin ti que me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa:
Niñez sin entendimiento,
Mocedad tan peligrosa
Que no escapa vno de ciento.

XXVII.

Este cuerpo flaco cansa

De

De andar, todo me deſpeo:
Mas puede tanto el deſſeo,
Que algo el coraçon deſcanſa.
Quiero dar buelta al lugar,
Y quiero dar
Bozes, ſi por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me deſeſpere.

XXVIII.

Ay Alexo, ay hijo, Alexo,
Quiçá, ſi de mi te eſcondes,
Dime, porque no reſpondes,
Si yo por ti todo atras dexo?
Alexo, Aquel viejo loco,
A que tan poco
De conſejo, y vida queda;
De llamarte eſtà tan roco,
Que no ſé, como mas pueda.

XXIX.

LA NYMPHA DE LA FUENTE.

Duerme el hermoſo donzel,
No zagal, no paſtor, no,
Mientras al ſueño ſe dio,
Mi alma dioſele a el.
El Sol es alto, y con el
Del dia, es ido vn buen trecho,
No ſé que de mi ſe hà hecho,
Serà lo que fuere del.

XXX.

Loca de mi, que a mirar
Me puſe, y dixe tal viendo,
Quien tanto aplaze dormiendo,

Deſ-

Deſpierto, que es de penſar?
Quiſeme luego apartar,
No ſé quien me buelue aqui.
Ah quan tarde que entendi
Que peligro es començar.

XXXI.

Mientras penſando imagino,
Sin rumiallo primero,
Amor falſo conſejero
Con ſus razones me vino:
Tornarſehà por ſu camino
El moço, como deſpierte
Que has de hazer tu? que es tu ſuerte
Eſtarte aqui de contino.

XXXII.

Luego mi fuente encantè,
Pero quando la encantaua,
Quien las palabras guiaua?
(El me es teſtigo) Amor fuè.
Aora que mas penſé,
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera ſufrir mi mal,
El ſuyo como podrè?

XXXIII.

Y quando el mio quiçá,
No pudiera ſufrir yò,
Pagara aquel que peccò
Que la razon anſi và:
Qual otra alguna valdrà
Que me quite deſta culpa?
Su beldad no me deſculpa,
Antes mas culpa me dà.

Fuer-

XXXIV.

Fuerça fue, que yo la senti,
Y miedo de mas enojos,
Baste al fin cerrar los ojos
Diziendo, Amor manda assi:
Quantas cosas, que yo me ohi
Contar del su gran poder,
Que podia yo ende hazer,
Donzella flaca, de mi?

XXXV.

Vna hermosura vsana,
Que a quien la vè, desatina,
Que parece mas diuina,
Mucho mas digo, que humana.
Cruel por cierto y villana
Pudieran dezir por mi:
Tenello encantado aqui,
Si lo hiziera mas sana.

XXXVI.

Tal fuerça esta agua tendrá
De oy mas, que luego en la viendo
Toda persona corriendo
Por beuer d'ella arderà:
Aquella sed matarà,
Y a otra nueua passando,
Nunca el cuydado mudando
Por este bosque andarà.

XXXVII.

Ora mis ojos dexeis
Pagar Amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que bien lo deueis:

Aues, que os anſi ſabeis
Cantando quiçá aliuiar,
Mientras me entiendo quexar
Ruegoos que me acompañeis.

CANTA.

D'Amor bien dizen, que es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en mi fuente encendiò fuego,
Quien podrà librarſe del?

VOLTA.

Poderoſo Amor altiuo,
Quien razon darme ſabria,
Si mi vida era agua fria
Como aora en fuego biuo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo breuages de hiel,
Todo guerra, ſangre, y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

XXXVIII.

ALEX. He dormido, ora que atiendo?
Quiero paſſar la montaña,
Quiçâ que en la parte eſtraña
Me eſtará el bien attendiendo.
Hea que a Dios me encomiendo,
Que en eſta tierra, zagal,
Dias há que te vá mal,
Mal deſpierto, y mal dormiendo.

XXXIX.

Yo ſoñaua que me via
Entre vnas cerradas breñas

De

De vna parte, y d'otra peñas,
Do nunca el Sol descobria.
Quando no me apparecia
Socorro de parte alguna,
Quexoso de la fortuna
En llantos me deshazia.

XL.

Mientras que lloro, y me quexo
Solo la muerte esperando,
Oya de quando en quando,
Que llamauan por Alexo.
Quiçà si d'aqui me alexo
Allâ que me irà mejor?
En cortesia de Amor,
Y de ventura lo dexo.

XLI.

Semejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sufriera puente:
Via la muerte presente,
En tan grande angustia puesto
Desperté, y fuy depresto
Libre de aquel accidente.

XLII.

Mi fé, sea lo que fuere,
Mal parece, y mal serà,
Que el coraçon me lo dà,
Haga Dios lo que quisiere,
Fuertemente me requiere
Soledad grande, y desseo
De quanto desde aqui veo,

Sufrirè lo que pudiere.

XLIII.

Que el coraçon ſe me encierra
A todos otros conſejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos;
Gran mal de vòs me deſtierra,
Si moriere en otra tierra,
Aqui los hueſſos me trayan;
Que mundos, penſais que vayan
Allá, traz aquella ſierra?

XLIV.

En fin dada es la ſentencia,
Sea ſimpleza, o locura
Prouaré la mi ventura
Pues me aquexa tal dolencia:
Prouaré por experiencia
Si eſte mal otro ayre enciende,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

XLV.

No cale tiempo perder
Mas del perdido, que es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos aguas correr.
Lo que ſe ha de acometer
De que ſirue el dilatar,
De los viejos es dudar,
De los zagales hazer.

XLVI.

Mataré en la fuente fria
Primero eſta ſed, que tengo,
Con que cuyta ora a ti vengo,

Fuen-

Fuente, de la tierra mia?
Si vendra aun algũn dia,
Que boluiendo por aqui
Beua mas alegre en ti
De lo que aora beuia?

XLVII.

FALA COMO ENCANTADO.

No veo al bosque salida,
La vista se me esuanece;
Por toda a parte escurece,
Mal se ordena esta partida.
Parece que se me oluida
Esto, que le yua a dezir,
Yo era para huyr,
Vòs no para ser huyda.

XLVIII.

ANTON. Sospirado has compañero,
IUAN. No sé como no lloraua;
Sabes porque sospiraua?
Porque aqui cantò Ribero,
A que nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora se los apoca.

XLIX.

ANTON. Esso falta Iuan pastor,
Soncas, porque sospirar,
A que puedes tu alçar
Y a los ojos sin dolor,

Y a que los puedes baxar ?
Donde los pondrás enxutos ,
Adelante , o cara atraz ?
Las plantas niegan ſus frutos ,
El ſembrar es por demas ,
Los ayres andan corrutos ,
Los hombres cada vez mas.

L.

D'aquel gran pino a la ſombra
Que a tal dicha ſe plantò ,
Que el prado , y çarças cubrio
Y los vezinos aſſombra ,
No ha pero mucho nò.
Vine por Ribero ver
Como otras vezes ſolia ,
(Quan preſto que huye el plazer)
Conſigo aqui te tenia
A cantar , y a tañer
Mientras la ſieſta cahia

LI.

Rebueluo en el penſamiento
Lo que cantaſtes , eſtando :
Mi fé fueſſeme oluidando ;
Del ſon me acuerdo , y del cuento ,
En buſca del cantar ando ,
Mas atinemos al ton ,
Amigo , que juro a mi ,
Eſte era el tiempo , y ſazon ,
El lugar eſte era aqui ,
Las palabras de rondon ,
Ellas ſe vendran por ſi.

Iuan.

LII.

IUAN. Porque eſſe contar fue llanto
Como del Ciſne ſe cuenta,
En ſu poſtrimera afrenta,
Yo te ayudarè con quanto
Es cantar en la tormenta.
Bien ves que mundos ſon eſtos,
Nunca tales fueran, creo,
En las mudanças tan preſtos,
Truecan ſete a cada octeo,
Vi de aqui mil buenos geſtos,
Quando miro, vno no veo.

LIII.

Mas las quexas a departe
A lo que mandas vengamos
El cantar, que aqui cantamos:
Fue (ſabes) d'eſtraña parte,
Donde vn tiempo ambos andamos
Y dirte he como paſſò,
Acertóſe, que yo tañeſſe
Aquel modo, y el cantò
Rogòme que reſpondieſſe.
ANTON. Yà, yà, yà comienço yo,
Como ſi Ribero fueſſe.

I.

Amor burlando và, muerto me dexa
Tiene de que por cierto, a ſu merced,
Como de ſeñor vine, aora ved,
Si es juſta ſu razon, ſi la mi quexa,
Y lo que mas me aquexa,
Que eſtà ledo, gozoſo, y aplaziente,
Y aun vfano, qu'es eſto? el que vencio

Lu-

Luchando pierde , y gana el que cayò ?
Enemigo ſeñor , que tal conſiente.

II.

IUAN. Enemigo ſeñor , que tal conſiente
Mas antes fauorece tal maldad ,
Todo ſe rige por la voluntad ,
Y ſi eſto fue alguna ora es al preſente :
Vn paſtor innocente ,
La çampoña tañia en regla eſtrecha
Del cierto , y buen tañer , y aſſi cantaua ,
Plugo , mas vn zagal que alto ſiluaua ,
Ved razon ante Amor de que aprouecha.

III.

ANTON. Ved razon ante Amor de que aprouecha,
Vn ciego , vn ſoſpechoſo , vn voluntario ,
Al mayor ſeruidor , mayor contrario ,
Antojadizo , lleno de ſoſpecha ;
Eſte porque coecha ,
Por atreuido eſt'otro , y mal mirado ,
Otro por no ſé que , veislo adelante ,
Quien ſe pone a penſar , que no ſe eſpante ,
Sin ventura , que hara , quien lo ha prouado.

IV.

IUAN. Sin ventura, que hará, quien lo ha prouado,
Y lo prueua cada ora ? eſtraña ſuerte ,
Puede auer quien aſſi corra a la muerte ,
Cuydoſo d'otro , y de ſi deſcuydado ?
Todo me han traſtornado ,
Antes de los mis dias viejo , y cano ,
No dexa en ſu ſer coſa eſte accidente ,
Pudiera enternecer vna Serpiente ,
Llamando noche , y dia vn Nombre en vano.

AN-

V.

ANTON. Llamando noche, y dia vn Nombre en vano,
Fue tanta el anſia de las mis entrañas,
Que enternecidas vi las alimañas,
Paſſando dellas ſeguro, y cercano:
Y ſolo fue liuiano
Aquella fiera humana, y fementida,
A quien Amor ha dado ſus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien todo lo lleuò, lleue la vida.

VI.

IUAN. Dime zagala, y como puedes ver
El Sol, porque has jurado, y las Eſtrellas,
De dia viendo a el, de noche a ellas?
Quando puedes dormir? quando comer?
Que pienſas al tremer
De tierra, como ogaño? o ſi arde el cielo,
Pienſas que es burla? o que? no pienſes tal,
Que ſi vn rayo fue vano, otro hizo mal,
Y donde el no cayò, caye el recelo.

VII.

ANTON. Aquellos ojos tuyos, que al paſſar
No ſé lo que callando me dezian,
Aquellos que la mi alma embayan,
Vn tiempo a mi plazer, otro a peſar,
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color,
Mudarte a cada paſſo, en vn momento,
Soltaſte todo oluidadiça al viento,
Y viues, muero yo, ſufrelo Amor.

VIII.

IUAN. Haſta quando ſerè tan ciego yo? haſta
Quan-

Quando, tan ſin razon, y ſin ſentido?
El tiempo, y la razon piden oluido,
Amor ſolo no quiere, y ſolo el baſta,
Quien anſi me contraſta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomè a la mano eſquierda, y eſſa ſigo?
Los oydos tanbien cierro al caſtigo
Con mis cuydados vanos de concierto.

IX.

ANTON. Mas dexadas vn poco las peleas,
Dime, y qual ſeñor fue nunca tan brauo?
Qual? que dixeſſe anſi, eres mi eſclauo,
Yo no ſoy tu ſeñor, ni ſé quien ſeas;
A palabras tan feas,
Te trae el tu rancor, ſoberuia es eſta,
Que ſe pueda ſufrir en dicho, o en hecho?
A que ſomos venidos, tiempo eſtrecho?
Aſſaz baſtaua el mal, ſin la reſpueſta.

X.

IUAN. Quando luego te vi, vite piadoſa,
Deſpues por te querer, por te adorar,
Subitamente te ſenti mudar:
Que es eſto? es querer bien tan mala coſa?
Ah, vida doloroſa,
Ora ſe vaya el carro ante los Bueyes,
Los Peces retoçar vengan al prado,
A los Rios paſcer vaya el ganado,
Ohi, ohi d'Amor eſtas ſus leyes!

LIV.

ANTON. No ſiguio Ribero mas,
Antes como traſportado
Eſtuuo vn rato callado,

Pien-

Pienſo que te acordaràs ,
Hablaua el poco , y d'eſpacio ,
Mas ſiempre a tiempo , y lugar ;
Ah buen paſtor , ſi caçar
No ſe dexara al palacio !

LV.

TOR. No penſaſtes deſta vez ,
Que nadie os huuieſſe oydo
Cantar , pero juro a diez
Que mi parte me ha cabido.
Digoos que aqui me eſtuuiera
Todauia ,
Haſta que paſſado el dia
La noche os deſpartiera.

LVI.

Seguios dende a buen rato ,
Que os vi venir paſſeando ,
Dexé al moço mi hato ,
Y tras vos vine aſſechando ,
Luego entre mi lo penſé ,
Eſtos que van
Solos , quiça contaran ,
O ſi tal fueſſe ? y tal fue.

LVII.

Puſeme aqui a eſcuchar
Tras eſta çarça eſcondido ,
El ſon , y el canto a notar
Eſtoy como embeuecido.
Harto de tiempo paſſò ,
Que en eſto andaua ;
Lo que tanto deſſeaua
A caſo ſe me offreciò.

LVIII.

ANTON. Toribio, vengas en paz,
Todo el bien de nueſtra Aldea,
Llegate, ayamos ſolaz,
Que en ti todo bien ſe emplea.
Y porque eres verdadero
Te pregunto,
Como parecio te a punto
El cantar nueſtro eſtrangero?

LIX.

TOR. Anton, a dezir verdad,
Pues con ella me eſconjuras,
Gran bien es la claridad,
No te pienſo hablar a eſcuras,
Quanto a mi, no ſoy mas de vno
Quanto a todos,
Digo que en lo de dos modos
Se quiere juzgar cada vno.

LX.

Vna vez, yo fuy en Villa,
Qu'es meneſter mas palabras
Dieranme ende vna eſcodilla
De vnos como pies de cabras.
Yo dudaua de comellos,
Mas deſpues
Comi vno, y dos, y tres,
Comi las manos tras ellos.

LXI.

ANTON. A ti todo ſe te entiende
Que ás hecho dello mil prueuas,
Mas muchos otros por ende
Alaban las coſas nueuas.

TOR.

TOR. Si , mas con tu paz concluyo ,
Que no luego ,
Primero ſe ſopla el fuego ,
El deſpues arde de ſuyo.

LXII.

IUAN. Andar contra la coſtumbre ,
Es nadar contra la vena ,
Forçado es que te deslumbre ,
Aunque tengas buena lena ,
Y mas en tierra do tanto
El vſo vale ,
Si alguno del hilo ſale
Encomiendeſe a buen ſanto.

LXIII.

TOR. Vn Rapoſo dio mil ſaltos
Por alcançar los parrales ,
Nunca pudo que eran altos ,
Dixo de las vuas males :
Que eran verdes , mal bocado ,
Mi fé amigo ,
Claramente te lo digo ,
Hablas como laſtimado.

LXIV.

ANTON. Ora el murmurar dexemos ,
Que es mal , que mucho ſe piega ,
De cantar tambien te plega
Yâ que nós cantado auemos.
No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien ,
No nos mates a deſſeos.

LXV.

IUAN. Alguno ha de començar,
Nòs bien, o mal yà cantamos;
Tu tambien has de cantar,
Vnos de otros no riamos,
El ganado ſesteará
Por la calor,
Aunque al cantar de Amor
Quien corriendo no vendrà?

LXVI.

No lo digo, porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos
Mas porque ardo entre dos fuegos,
Que mucho eſcuſar quiſiera.
No cantar, criança es mala,
Y cantar mal,
El ſe lo dize, que es mal,
Vueſtra meſura me vala.

LXVII.

IUAN. No te aprouechan eſcuſas,
Yo lo juro, eſto lo jura,
El lugar es de las Muſas,
Sombras, aguas, y verdura.
No te puedes eſcuſar,
Ni es razon,
Mira que te eſcucha Anton,
Empieça amigo a cantar.

LXVIII.

TOR. Auiendo de cantar yo
Ante vós, aunque me atreuo
A mucho, de que ſinò
D'Amor cantar puedo, y deuo?

Dio-

Dioses, Luna, Sol, y vientos
Todo manda,
Qual dirè, Amor en que anda?
No, mas la de mis tormentos.

CANTA.

Del mi tormento vencido,
Lo que sé, lo que no sé,
Quanto mandardes diré.

VOLTAS.

I.

Mas mirad que si dixesse
Aquello, que no pensára,
Que essa crueldad tan clara
No pensé que en vós la huuiesse.
Quereis saber lo que fuesse,
Y desse modo a la fé,
Sabreis lo que nunca fue.

II.

En pena, que tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga,
Harè, que mandais que haga,
Dirè, que mandais que diga,
Lo que siguiere se siga,
Que en tal tormento a la fé,
Lo que haga, o diga, no sé.

LXIX.

ANTON. No te quiero dar loores
Toribio, ni dezir mas,

Sino qne con tus amores,
D'amores muerto nos has,
Hablo anſi como lo entiendo,
Hable el maeſtro.

IUAN. Si callando, no lo mueſtro,
No lo moſtrarè diziendo.

LXX.

ANTON. Pues yo, quanto a mi, depreſto
Te lo digo aqui delante,
Que he de ſer villano en eſto,
Porfiando que mas cante.
Ayudame ora a rogallo,
Iuan te ruego,
Y ſino baſtare el ruego,
Ayudame ora a forçallo.

LXXI.

IUAN. No faltarè de mi parte
Alomenos, al rogar
Com quien Dios tambien reparte
No ſe deue de negar.

TOR. Fuerça es eſta, a la fé mia
Soy tomado,
Baſtará vueſtro mandado,
Quanto mas tal corteſia.

CANTA.

Mientras que tanto a los ojos
Me obligo, y tanto al cuidado,
Ved amor qual me ha parado.

VOL-

VOLTAS.

I.

Para qu'es mas? yo ſoy muerto,
No penſé que era el mal tanto
Hanme traydo en concierto,
Soltòſe todo en mas llanto,
Deſcuydéme, y entre tanto
Que amor me vio deſcuidado
Vio tiempo, y tuuo cuydado.

II.

Hame traſtornado el pecho
Sin dexar coſa en ſu ſer,
Es ſuyo, pudolo hazer.
Mas grã crueldad ha hecho,
Yo anſi de que aprouecho,
Cruelmente lo ha penſado,
Que mejor fuera acabado.

LXXII.

TOR. Amigos ya cantado he,
Hize lo que me mandaſtes,
Por el vueſtro amor canté,
Y vòs por mi no cantaſtes:
Perdonadme ſi me atreuo
En tal razon,
Que en verdad es mi opinion,
Que en lo vno, y otro os deuo.

LXXIII.

IUAN. Mucho te lo agradecemos,
Y deſtos, y otros cantares,
Mil vezes te cantaremos
Si tu mil vezes mandares.

TOR.

TOR. Tambien yo de ſer villano
Tengas miedo,
Como dizen dale el dedo,
Y tomarate la mano.

LXXIV.

IUAN. Si muchos tales paſtores
Huuieſſe en nueſtras montañas
No ſe irian los loores
Todos à tierras eſtrañas.
ANTON. Aqui buenos naturales
Suele auer,
Mas juzgar ſin aprender
Nos daña nueſtros zagales.

LXXV.

A riſa màs que a pezar
No ſe como defenderme,
Que ſe le quiere ygualar
El que duerme al que no duerme,
Trabaja con cuerpo, y eſprito
Noche, y dia,
La caça mata porfia,
Y a buen bocado, buen grito.

LXXVI.

Viene el delicado, y tierno,
Que paſſó ſu tiempo en vano
Tendido al Sol en Inuierno
Por la ſombra en el Verano,
Entonces medio dormiente
Como jaze,
Dezir ſolo no me plaze
Es razon muy ſufficiente.

LXXVII.

IUAN. Es lo que dezis ſin falla,
Mas cada vno allá lo vea,
Aunque Toribio ſe calla,
Dios ſabe lo que el deſſea,
De cantares eſtrangeros
Gran ſed mueſtra,
Si la deuda a caſo es nueſtra
Pagarlahemos ſin dineros.

LXXVIII.

ANTON. Qualquiera coſa que venga,
Que Toribio de mi mande,
Por mas que cierta la tenga
Y antes que pequeña grande,
Sea como ſe acertare,
Malo, o bueno,
Que hurtaré yo de lo ageno,
Quando el mio no baſtare.

LXXIX.

IUAN. Con deſſeo de ver tierras
Huue de paſſar los puertos.
Puſeme a las blancas ſierras,
Rios de yelo cubiertos,
Allà que paſtores vi,
Tan enſeñados
A cantar verſos rimados,
Que plazer que ende ſenti?

LXXX.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamoslo a cantar,
Tomó la çampoña en mano,
Tocô, boluiola a dexar,

Todos, ſobre todos, yo
Deſſeando
De oyr mas, y porfiando,
El buen viejo anſi cantò.

I.

Los manjares de Amor ſon coraçones,
Humanos ojos ſon las claras fuentes,
En que el mata la ſed, ſus dulces ſones,
Son los ſoſpiros de los innocentes,
Que el trata cruelmente en ſus priſiones,
Todos enagenados de las mentes,
Cuydados, zelos, cuytas, eſto os dà,
Lo que no tiene Amor como os darâ?

II.

No veis que và deſnudo, y que non lleua,
Sino con que haga mal, y bien ninguno?
Saetas, arco, y fuego con que os prueua
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os is dando la nueua,
Que es falſo, que es ſin fé, que es importuno,
Que es eſto me dezid hombres perdidos,
Yá que ojos no teneis, tened oydos.

III.

Y tu que fingimiento es eſte tuyo,
Niño deſnudo, deſarmado, y ciego?
Huyes ſi voy a ti, buelues ſi huyo,
Aora vencedor, vencido luego.
Ah que no tiene Amor coſa de ſuyo!
Nos las armas le damos, nos el fuego?
Quereis ſu diuĩndad ver tan loada?
Abri los ojos bien, no vereis nada.

No

IV.

No os pongan miedo ſus eſpantos vanos ;
Bolued por vos vereis como eſuanece ,
Vn cuerpo d'ayre ſin fuerça , y ſin manos ,
A quien oſado en campo ſe le ofrece ,
Vn engaño comun de los humanos ,
Vn como encantamiento , que enloquece ,
Niebla , que ſolo vn ſoplo la lleuanta ,
Niño , que otros como el , niños eſpanta.

LXXXI.

Cantado que el buen viejo huuo ,
Toda aquella nueſtra gente
Como perſonage eſtuuo ,
Yo tambien por conſiguiente ,
En fin , que licencia toma ,
Y adeuino ,
Que era paſtor peregrino ,
Que iua en romaria a Roma.

LXXXII.

Mas no es bien que paſſe anſi ,
Y que ſolo Anton ſe quede
Sin cantar , que juro a mi ,
Si quiere , que ſabe , y puede ,
Sino , que nos quexaremos
Al mayoral ,
Mas la çampoña , zagal ,
Tomado ha , bien lo tenemos.

LXXXIII.

ANTON. Aueis tan corteſes ſido ,
Vno luego , otro deſpues ,
Que aunque aya quedar corrido
Sea antes que deſcortes.

Mas la çampoña Aldeana,
No os dirà,
Sino vn cantar de acà
Deſtos de la tierra llana.

CANTA.

Quando tanto alabas, Clara,
Elas, que a luchar ſe deſnuda,
La mortal de la mi cara,
Que frios ſudores ſuda?

VOLTAS.

I.

Ora alabas tal blancor
Diſcurriendo pieça a pieça,
Que no queda ſin loor,
De los pies a la cabeça.
Quien tal del mundo penſara,
Aunque cada ora ſe muda?
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda?

II.

Llamasle madexas d'oro,
El hablar blando, y ſuaue,
Las fuerças de vn brauo toro,
La ligereza de vna Aue,
Comigo el alma no para,
Huyendo a ſu cuyta aguda,
Quando tu aficion diſpára,
Y al geſto ſale deſnuda.

Tam-

III.

Tambien de los mis enojos,
De las mis vaſcas, y fuegos,
Son teſtigos muchos ojos,
Que los ven haſta los ciegos.
Las mudanças de mi cara,
El mi pecho, que amenuda;
Los mis ſecretos declara,
Sola mi lengua eſtá muda.

IV.

Triſte, y en lucha tan eſtrecha
A braços con los ſentidos,
Que Blas caya, que aprouecha,
A quien tiene ojos, y oydos?
Y aunque yo dello dubdara,
No dexas lugar de dubda,
A quien de tus ojos, Clara,
Nunca los ſus ojos muda.

V.

Entre dos males tamaños,
Que no ſé dellos qual vença,
Grandes miedos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me paſmara,
(Que era de paſmar ſin dubda)
El ſeſo al mal ayudara,
Que aora me deſayuda.

LXXXIV.

Tor. Mejor es, que hombre ſe calle,
Que hablar poco en tus loores,
Mas bendito ſea el valle
Que lleua tales paſtores.

Anton. Yo me eſtaua como vn bobo ;
Anſi eſcuchando ,
Mas quien viene allà trotando
En la conſeja ? es el Lobo ?

LXXXV.

Pel. Amigos vengo paſmado ,
Y aun medroſo , y no poco ,
Que anda aqui cerca , emboſcado
Vn zagal , dadlo por loco ,
Y aunque ſon muy diuerſos
Los modos de enloquecer ,
A quanto pude entender
Anda componiendo verſos

LXXXVI.

Iuan. Dale por mal remediado ,
Si tal dolencia es , qual dizes ,
Comerſeha engoloſinado ,
Las manos como perdizes ,
Quando arden todas tus venas ,
Y luego temblan de frio ,
Para todo ay coſas buenas ,
A eſſe mal todo es baldio.

LXXXVII.

Anton. D'eſſe morirſehan de riſa
Todos , del en ſu perſona ,
Quando ſus verſos entona ,
Y el eſtaſſe vn Rey en Friſa.
Dexale Pelayo hermano ,
Que pueſto que el mal no es poco
El querer curar vn loco
Es trabajar ſiempre en vano.

Co-

LXXXVIII.

PEL. Cosa es que os espantarà,
El camino no es tan luengo,
Si quereis vamos allâ,
Y sino visto lo tengo.

TOR. Vamos, andad, abalemos;
Que gana tengo de oyllo,
Lleguemos allà Carillo,
Que harto de tiempo tenemos.

LXXXIX.

PEL. Venid que bien lo podreis
Ver, y juzgar quanto abonde,
Mas no sienta que lo veis,
Porque al momento se esconde,
A la fé yo dixe, y hize,
Veis que en la frente se hiere,
Semejame, que hablar quiere,
Escuchad bien lo que dize.

XC.

ALEX. I. Engañóme el mal estraño;
Pensé cuytado que os via,
Mas bien, que no mal seria
A durar solo el engaño.

XCI.

IUAN. Si la vista no me embrusca;
Mirolo de luengo en ancho,
Este es Alexo el de Sancho
De quien el viejo anda en busca.

XCII.

ANTON. Quiçà, si es assombramiento,
Ni veo que otro ser pudo,
Que no se via entre ciento

Otro

Otro zagal tan ſeſudo.
IUAN. Moço, para dar conſejo
No es coſa muy ſegura,
Mal aſſiento haze locura
En la cabeça del viejo.

XCIII.

ALEX. II. Los mis deſſeos ſandios
Que adrede a ſu mal ſe dieran
Para vós, que nunca vieran
Guardan eſtos ojos mios.

XCIV.

TOR. O buen de mi, y que bueno;
Que coſas dezir ſe dexa?
Quien del mal tambien ſe quexa
No eſtá de ſi muy ageno.

XCV.

ALEX. III. Que remedios ſe conuienen
A tan varios penſamientos,
Que vnos ſe van com los vientos,
Otros con ellos ſe vienen.

XCVI.

ANTON. No veis com que anſia ſoſpira
Que hermoſo, que bien diſpueſto
Veislo allá buelto tan preſto,
Veislo, que buelto acà mira.

XCVII.

ALEX. IV. A todas partes penſando
Verte miro, y no te veo,
Sino muere eſte deſſeo
Morir me he yo deſſeando.

XCVIII.

IUAN. Segun ſuenan las palabras

Ami-

Amigos deſte muchacho
Es que Amor le dà empacho,
Ni él buſca aqui otras cabras.

XCIX.

ALRX. V. El mi coraçon liuiano,
Fueſſeme, no ſé tras quien,
Van buſcando eſte ſu bien,
Tras el los ojos en vano.

C.

ANTON. Ora ved lo que he penſado
En eſto que vi que es poco;
Empero nunca vi loco
Que no fueſſe enamorado.

CI.

ALEX. VI. Eſte mi mal tan eſtraño,
Eſta mi cuyta ſi os vieſſe,
No puede ſer que dolieſſe
Por mucho que fueſſe el daño.

CII.

IUAN. Yo os digo eſto en mi tino,
Eſcuchame ora ſi os plaze,
Cierto amor mucho mal haze;
Pero ſabed que es diuino.

CIII.

ALEX. VII. Que la mi vida ſe vea
En tanta cuyta, y fatiga,
Pues la ventura enemiga,
Pues Amor quiere, anſi ſea.

CIV.

ANTON. Amor maluado, y no tal,
Como dizen, y ſe nombra,
No lo dexa a Sol, ni a ſombra,

Ha-

Haze como ſuele mal.

CV.

ALEX. VIII. Por vn boſque tan ſombrio,
Por puertos tan mal ſeguros,
Entre enemigos tan duros,
Que deſcuido es eſte mio?

CVI

TOR. Catad, catad mis paſtores,
Por cierto bien le entendiſte,
Iuan quando luego dixiſte
Que ſu mal era de amores.

CVII.

ALEX. IX. Sea pues lo que ſe fuere
Coraçon mio engañado,
Que eſte ſoberuio cuydado
Todo lo que quiere, quiere.

CVIII.

PEL. No ſe puede mas burlar,
Que a la fé que no es buen juego
Vamos a buſcar vn Crego,
Que lo venga a eſconjurar.

CIX.

ALEX. X. Aquel cuydado, que en medio
De mi pecho el alma abrio,
A quantos males me dio,
No me dio ſolo vn remedio.

CX.

ANTON. Habló contigo, o con quien,
No ves que dixo el zagal,
Anſi ſe quexa del mal
Que me parece que es bien.

Mi-

CXI.

IUAN. Miraua a la clara fuente,
Que tan hermosa en la peña
Biua, del alto despeña,
Allá te espero pariente.

CXII.

TOR. Yo tambien allá me iré,
Que nunca tuue tal sed,
Sino la mato, sabed
Que muerto della seré.

CXIII.

PEL. Tu tambien corres Anton,
No veis la priessa que lleua.
ANTON. No me ternan que no beua
Quantos en el mundo son.

CXIV.

PEL. Qu'es esto? miedo he que ciegue
De sed, antes de beuer,
No hago sino correr,
Y no sé quando allá llegue.

CXV.

QUEDAN ENCANTADOS.

ANTON. Viste jurar Violante,
Viste, que fue por demas,
Como quieres tu que cante?
Ó rios bolued atras,
Vos montes id adelante.

CXVI.

TOR. El bosque arde al rededor,
Tira Amor tiros a pares,
Piedad, piedad señor,
Quando mas crueldad pensares,

Mien-

Miembrete, que eres Amor.

CXVII.

Pel. Por eftos buenos abrigos,
Ay que zagala, Leonor,
Son malos ojos teftigos,
Biua, reyne, y vença Amor,
Y mueran fus enemigos.

CXVIII.

Fuerte ceguedad eftraña,
Que nos a todos deftruye,
Vemos que es incierta, y vana
Vemos que la vida huye,
Y andamos de oy en mañana.

A NVNALVEREZ PEREIRA.

EGLOGA OITAVA.

Basto.

I.

Pollas ribeiras de huns rios
Por onde cantão as aues,
Por entre bofques fombrios,
Depois de contos mais graues
Ouui deftes mais baldios.
E porque eu tambem me afafto
Do pouo, que me nam reja,
E tras fi me leue a rafto,
Vede do tempo em que gafto
O que me às vezes fobeja.

Em

II.

Em quanto hum joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega,
Outro murmura na praça,
E co mal deste se rega,
E co bem dest'outro embaça.
Hum de si se preza tanto
Que só cuida que enche as festas;
Outro sospira, & faz pranto,
Co a natureza entretanto,
Fallemos pollas florestas.

III.

Grande sinal de saude
He ter tudo a parte posto,
Olho sómente à virtude,
Ledo, ou triste, o mesmo rosto,
Que nam ha quem volo mude.
Por demais tudo aporfia,
Cum peito tam liure, & sam,
Que tomou tam certa guia,
Daqui nasce a presunçam,
Cuidam que da fidalguia.

IV.

A virtude he paga igual
De si mesma sem mais troca,
Mas tratemos ora d'al,
Sabese, que vos nam troca,
O bem, nem menos o mal.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho say,
Nam olha a quem diz tomay
Á esquerda, ou á direita.

V.

Ambos nós temos à banda
De Gil, que ahi vos enuio,
Por onde a menos gente anda,
Eu porém nam aporfio,
Que a cada hum ſeu goſto manda.
Mas nam faltam contendores
Seja a rezam a que vença,
Eſtemſe à parte os fauores,
Ouui vós os meus paſtores,
Outrem para a deſauença.

PASTORES DA EGLOGA.

BIEITO. GIL. BASTO.

VI.

BAST. COMO corre, e como atura
Quem vay apos o ſeu goſto,
Quer por frio quer quentura,
E no ſuor do ſeu roſto
Buſca às vezes má ventura
Sem guia, & ſem eſconjuro
Cos medos ſe deſafia,
Só vay afouto, & ſeguro,
De noite pollo eſcuro,
Por montes hermos de dia.

VII.

Eſte appetite que digo,

Quem

Quem o deſſe à mà maleita ;
Que traz mil artes conſigo ,
Guarte delle que t'eſpreita
Por dar daueſſo contigo.
Roſtro ao ſi , & roſtro ao nam ,
A fortuna he feita aſſi ,
Mal a conhece o vilam ,
Cuidas que a tens na mam,
Eſtáſe rindo de ti.

VIII.

Onde quer o demo jaz ,
Para auer de embicar nelle ,
Topey cum Lobo roaz ,
Fuyme cos meus cães tras elle
Tiue de fadiga aſſaz ,
Eis que traſpoem , eis que aſſoma ,
Desfaziame correndo ,
Toma aqui cão , alli toma ,
Cego da porfia , em ſoma
Fuyme traſpondo , & perdendo.

IX.

Iſto , a quem nam acontece ?
Seja porem na mà ora ,
O tempo deſaparece ,
Eſtamſe rindo os de fora
A nòs nam no lo parece.
A correr , & dar à choca ,
Eſte deſafia mil ,
Vende aquelle , compra , e troca ,
Outro traz graças na boca ,
D'outro falla o Arrabil.

Cui-

X.

Cuida, que as namora todas,
Hum que ſe tem por fermoſo,
Vaiſe ás feſtas, vaiſe ás bodas,
Tenhome eu co dadiuoſo
Que vnta o carro, andão as rodas
Grandes couſas capa em colo
Conta (ſe ellas aſſi ſam)
Que me dam volta ao miolo,
Deue de me ter por tolo,
Eu a elle porque nam?

XI.

Como Lontra, jaz no rio,
Hum que o ſeu gado mal paſſa,
Elle peſca, ora com fio,
Com cana ora, ora com naſſa,
O outro anda ſempre em cio.
Outro resfriada a chama
Parte, e deixa a molher noua
Dando voltas polla cama,
Elle por neve, & por lama,
Corre cos ſeus cães á proua.

XII.

Vay aſſi, já ha muitos dias,
Que naõ torna atraz ninguem,
Bebemos das bem querias
Que cada hum conſigo tem,
Damos deſſas rezões frias.
O bom Gil ſendo mais moço
Muyta da terra correra,
Vendo hum, vendo outro aluoroço
Co ſeu fardel ao peſcoço

A

A ſer paſtor ſe acolhera.

XIII.

Ora elle, aſſi paſtor ſendo,
Se primeiro andara mal,
Foy apalpando, foy vendo
Entre nós, que era outro tal.
Tambem ſe foy delambendo,
Hũa vez lama, outra pò,
Sempre homem anda achacado,
Deu inda mais outro voo,
Por melhor ouue andar ſó,
Que aſſi mal acompanhado.

XIV.

Era grande amigo ſeu
Bieito, & vendo a mania tal
Conſigo hum dia lá deu,
Tiueram grande porfia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não ha quem ſenam defenda
A pareceres alheos,
Antes dez quedas que emenda,
Contaruos ey da contenda
Sem meter verbos nos meos.

XV.

BIEIT. Que he iſto Gil, que aſſi triſte
Te nos fez eſte anno Abril,
Não ſey que demo tu uiſte,
Que ja nam pareces Gil,
Dize onde te nos ſumiſte?
Vlo aquelle grande amigo,
Vlos os boſes lauados,
Daquelles do tempo antigo,

Que o segredo, y o perigo
Nam nos trazia encubados.

XVI.

Assi tam só te vieste,
Tomaste forte burram,
Tontos amigos vendeste
Por nam sey que, nem que nam,
Que nem a mi só o dixeste.
Ora dize se te apraz,
Depois de tanto Sol posto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal que traz,
Sempre consigo mao rosto.

XVII.

Tu olhasme de traués,
Parece que a mal o tomas,
Mas se tu Gil inda este es,
Nam ey medo, que me comas,
Por mais mudado que estes.
Que inda que certo hajas feito
Huma tam forte mudança,
Que te tem como desfeito,
Deste nome de Bieito,
Se quer has de ter lembrança.

XVIII.

Muytas vezes imagino,
Gil amigo, em ti cuidando,
Na brandura, & bom ensino,
Que repartias estando
Duas oras cum menino.
Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos

Cos iguais, & nam iguais,
Quando eſtauas bem cos mais
Das que em ti fallar a todos.

XIX.

Que ſe fez do teu cantar?
Ninguem nam cantaua aſſi,
Mas para que he preguntar
Senam, que ſe fez de ti,
Onde te iremos buſcar?
Nam ha ora tanto eſpaço
Quando Genebra caſou
Com Gregorio teu collaço,
Quem teue roſto aos do paço,
Quem tangeo, & quem cantou?

XX.

Morreote o gado meudo?
Foy hum andaço gèral,
Nam ſe pode lograr tudo,
Virà bem apos o mal,
Sofre, que ſofre o ſèſudo,
Arrenega dos aſſanhos,
Lá os deuias ter prouados,
Naõ ſaõ os males tamanhos,
Se eſte Março não foi d'anhos,
Outros viram melhorados.

XXI.

Gil. Seja, amigo meu Bieito,
Eſta vinda em ora boa,
Eu digo amigo eſcolheito,
Como quem o leite coa,
Que deça limpo ao ſeu peito.
E reſpondendo ao que dizes,

Vezme fardel, & cajado,
Bom final he que as perdizes
Nam vou armando boyzes
Ando apos efte meu gado.

XXII.

Efpreito, andando, o que quer,
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por effes andorriais,
Faça como lhe aprouuer;
Que por certo homem dirà
Nas coufas que naõ faõ certas
Ex nos câ, & ex nos là,
As vezes no pior fe dà,
As vezes tambem acertas.

XXIII.

O mais, que peza, ou que val,
(A nos parecenos muito)
Diz Toribio, & diz Pafcoal,
Palauras vãs, & fem fruito,
E as vezes inda fem fal.
Quando a bibora no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Não temas que inche, ou que engorde
Nam hajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

XXIV.

Ves tu coufa, que eftê queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece,
Tudo tem no cabo a queda.

Nas

Nas Villas hum baylo dançam
Em que todos ao ſom andam,
Huns cà, outros là ſe lançam,
Como o tanger não alcançam,
Mais pés, nem braços não mandam.

XXV.

Do ſangue, & leite empollado
O Bezerrinho viçoſo
Corre, & ſalta pollo prado,
Depois laura preguiçoſo,
Tira o ſeu carro canſado.
Cos dias, & co trabalho
O brincar d'antes lhe eſquece,
Nam he jà, o que era ao malho,
Corteſe, leueſe ao talho,
O boy velho, que enfraquece.

XXVI.

BIEIT. No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem o mao, ſe nam vas bem,
Pior iras mais auante,
Torna atras, que te conuem.
Nam o tenhas por amigo
A quem te anda ſempre à vontade,
Diſſimulando contigo,
Lembrete do dito antigo,
Que enfada muito a verdade.

XXVII.

Mal vay, quem ſempre empeora,
E que lingoa a dos paſtores,
Hum olho ri, outro chora,
Vem hum diz, que ſam amores,

Ou-

Outro diz, que he mal de fóra.
Hum ſe troce, o outro diz
He mao jogo eſte das lingoas
Ou tal fiz, ou tal nam fiz,
A cada canto hum juiz,
Vemſe em tanto à praça as mingoas.

XXVIII.

GIL. O moço que entra em terreiro,
E nam toca o chão de leue,
Pollo ar voa o pandeiro
A toda a feſta ſe atreue,
Elle ſó co ſeu parceiro.
Eſte tal bayle, eſte cante,
Eſte ſeus jogos ordene,
Corra, voe, & paſſe auante,
Eſte voltee, eſte eſpante,
Eſtes dé penas, & pene.

XXIX.

Mas a quem ja ſe vem das pontas
Nam acha o que ſoya em ſi,
Comece entrar n'outras contas,
Ouui já milhor, & vi
Suar, & paſſar afrontas.
Vez o tempo como foge,
Corre o dia apos o dia,
Queres que homem nam s'anoje,
Que me não conheci oje
N'ũa fonte em que bebia.

XXX.

E porque tudo te conte
De quanto me aconteceo,
Quando me tal vi defronte,

Dos

Dos olhos agoa correo
Mais que corria da fonte.
Paſſouſeme a ſede em fim,
Que me aquella agoa trouxera
E a tal deſacordo vim,
Que quando torney em mi
Grande eſpaço o Sol correra.

XXXI.

BIEIT. Come de toda a vianda,
Nam andes neſſes antejos,
Nam ſejas tão vindo á banda
Temte ás voltas cos deſejos,
Anda por onde o carro anda.
Vez como os mundos ſão feitos,
Somos muitos, tu ſó es,
Poucos ſaõ os ſatisfeitos,
Hum eſquerdo entre os direitos,
Parece que anda ao reuez.

XXXII.

Dia de Mayo choueo
A quantos agoa alcançou,
A tantos endoudeceo,
Ouue hum ſó que ſe ſaluou,
Aſſi entam lho pareceo.
Dera viſta ás ſameadas
Eſſas que tinha mais perto,
Vio armar as trouoadas,
Alongou mais as paſſadas,
Foyſe acolhendo ao cuberto.

XXXIII.

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz,

Vi-

Vinha outro que o efcornaua,
Hi tambem era o juiz
Que de rifo fe finaua.
Bradaua elle homens olhay,
Hiamlhe co dedo ao olho,
Dixe entam, pois afsi vay,
Nam creo logo em meu pay
Se me defta agoa nam molho.

XXXIV.

Apayxonado qual vinha
Achou n'um charco que farte,
O confelho auido o tinha,
Molhoufe de toda a parte,
Tomoua como mezinha.
Como o viram, là correram,
Hum que falta, outro que trota,
Quantas graças que fizerão,
Logo todos fe entenderam,
Eylos vam n'ũa chacota.

XXXV.

Gil. Tu fabes que me obrigara
A efta vida de paftor,
Vinha muy corrido á vara,
Cuidey que era ella milhor,
Como quem a nam prouara.
Determinauame jà
De andar com minhas ouelhas,
A conta fahiome má,
Màs fadas ha cà, & là
Como bem dizem as velhas.

XXXVI.

Andey daquem para àlem,

Ter-

Terras vi, & vi lugares,
Tudo ſeus aueſſos tem;
O que nam exprimentares,
Nam cuides que o ſabes bem,
E às vezes quando cuidamos
Que algũa couſa entendemos
A cabra cega jugamos,
Acheyvos cá fortes amos;
Querem que os adoremos.

XXXVII.

Para as couſas que acontecem
Quando os buſcas, ora o ſono,
Ora achaques mil te empecem,
Ao troſquiar achas dono,
Nas preſſas nam te conhecem.
Tudo lhes o demo deu,
Té rezões màs que nos dam,
Quando te hão miſter es ſeu,
Quando os has miſter es teu,
Que nam tens amos entam.

XXXVIII.

Eſſa vez que ſaem á rua,
Eſtremece toda Aldea,
Elles bebem, & homem ſua,
Doelhes pouco a dór alhea,
Querem que nos doa a ſua,
Inda que o dano he em groſſo
Poderão diſſimular,
Iſto parceiro nam poſſo,
O entendimento que he noſſo
Naõ no lo querem deixar.

XXXIX.

Pollo qual co meu fardel
Fogi das voſſas Aldeas,
Naõ trago nos beiços mel,
Que naõ ſou creſta colmeas
Nem poſſo ſer miniſtrel.
A ſaudade naõ ſe eſtrece,
Mas cahiome hum coraçaõ
Em ſorte que muito empece,
Que outro ſenhor naõ conhece,
Saluo juſtiça, & rezaõ,

XL.

Entaõ queixome a ti logo,
Que em caſos, que aconteceraõ
Vime por elles no fogo,
Bradei, & naõ me valeraõ
Brados, queixumes, nem rogo.
Aſſi me ſahi, meu quedo,
E quedo, & farà hum dia,
O que outro naõ fez, e ey medo
De ver mór vingança cedo
Do que j'agora queria.

XLI.

BIEIT. Trouxeſteme ora á lembrança
Aquelle amigo foaõ,
Que ao tempo deſſa mudança
Tua, foyte aſſi à maõ,
Como a quem os dados lança.
E lembrame ora bem tudo,
(Que era eu hi no tal enſejo)
Inda que entaõ me fiz mudo,
Faloute como ſeſudo,

Pa-

Pareceme ora que o vejo.

XLII.

Seja (diſſe elle) em boa ora,
 Que eu tambem entre eſte gado,
 Fazendo contas cada ora,
 Cada ora me acho enganado
 Deſta eſperança trédora.
 E dirte ey que me acontece
 Quando neſte valle eſtou;
 Qualquer outro, que aparece
 Muito milhor me parece,
 Naõ he aſſi quando là vou.

XLIII.

Aſſi diſſe aquelle amigo,
 Agora digo eu que ey medo,
 Quando debates contigo
 Que te eſtem moſtrando ao dedo
 Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
 Não queiras ir muito ao fundo,
 Inda que ora tanto entendas,
 Neſta ſó rezaõ me fundo,
 Naõ has de emendar o mundo
 Por mais rezões que deſpendas.

XLIV.

Perigoſa he a dianteira,
 Deixa ir diante os mais velhos
 Com a paixaõ tençoeira,
 Nunca ajas os teus conſelhos
 Sempre foy má conſelheira.
 Quem conſigo traz rancor,
 E em eſpreita anda do mal
 Nunca lhe falece dór,

Mas

Mas ſe o bem igual naõ for,
Seja o coraçaõ igual.

XLV.

GIL. Se cos teus olhos naõ vejo,
Nem ouço cos teus ouuidos,
Todo o debate he ſobejo,
Regeſte por teus ſentidos,
Tambem pollos meus me rejo.
Comes tubaras da terra,
Eu naõ nas poſſo comer,
Nem hum, nem outro naõ erra,
Pera que he ſobre iſto guerra?
Come o que te bem ſouber.

XLVI.

Naõ digo que cada hum faça,
Quanto lhe à vontade vem,
Que eſſa ſeria má graça,
Mas entendo o ſaber bem
Do que ſe vende na praça.
Porque o tempo fez aballo,
E ſomos em forte enſejo,
Inda leuanto outro vallo,
Que nos doentes nam fallo
A quem mata o ſeu deſejo.

XLVII.

Bem vejo que a verdade era
Ir pollo fio da gente,
Cos muitos te reſpondera,
E o amigo, & o parente
Que murmurar naõ tiuera.
Porem aſſi ſò não minto,
Não finjo, não liſongeo,

Se

Se ſou farto , ou ſou faminto ,
Que mao he , o meu deſtinto
Antes ſeguir , que o alheio ?

XLVIII.

Vou fugindo ás armadilhas ,
Que vi com manha eſconder ,
Nam quero ouuir marauilhas
As vezes muy màs de crer.
Da má mãy naſcem màs filhas ,
Querem que homem ouça, & crea ,
Não ja eu , crea o noſſo Ioane ,
Crea o baboſo d'Aldea ,
Que tras ſempre a boca chea
Das filhas de Dom Beltrane.

XLIX.

Olha ſe a rezam concrude ?
Es doente , teu pay nam ,
Digo outro tal da virtude
Polla ventura es tu ſam ,
Porque teu pay tem ſaude ?
Naõ , que cumpre outra mezinha ,
Olhe cada hum por ſi ,
O bem nam he como tinha ,
Nam ſe pega tam aſinha ,
O mal pode ſer que ſi.

L.

Leme primeiro outra lenda ,
Deixaräote os teus paſſados
Do gado , & vinhas de renda ,
Olha que andaõ meſturados
Os encargos co a fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe ,

Por

Por ſi ſe deſeja a honra ,
Nam dizer bons donos tiue ,
Que quem como elles nam viue
Tanto mais ſua deshonra.

LI.

BIEIT. Pois contigo a rezam val ,
Vejamos qual mais conjunta ,
Olha , que todo animal
Fraco , ou forte aos ſeus ſe ajunta
Por deſtinto natural.
As pombas andam em bandas
Altos vam os grous em haz ,
Eſtas andorinhas brandas
Naõ querem de nós viandas ,
Querem companhia , & paz.

LII.

Toma exemplo no teu fato ,
Que o trazes junto em rebanho
Naõ rez , & rez polo mato ,
Té o carneiro tamanho
Se atras fica he lambeato.
E inda ham miſter maſtins ,
Inda funda , & cajado haõ ,
Que a eſtes lobos roins
Que decem d'outros confins
Te ajudem aſſentar a maõ.

LIII.

Eu vi ja ſobre iſto apoſtas ,
Contaſe do Elefante ,
O que tras a torre ás coſtas
Que ha miſter quem o leuante
Se dá conſigo de coſtas.

Se-

Senaõ foſſe eſſa preſtança
Da falla, e rezaõ do homem,
Por forças elle que alcança,
Miſter ha fazer liança,
Senaõ maos bichos o comem.

LIV.

Em eſta aliança tal
Que te digo, inda naõ meto
Saluante a do meu igual
Dos outros não me entremeto
Mas fique dito em geral.
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra cahimos
Do chorar nos ajudamos,
Socorro, & ajuda pedimos,
Nós ſós pera que preſtamos?

LV.

Fuyme hum dia á Villa, Gil,
E logo ao ſayr de caſa
Mais verde que hum perrexil,
Cuidey que mataua a braſa
De galante, & de gentil.
Bem paſſey cos viandantes,
Mas depois, quando là cheas
Viruas d'outros galantes,
Se eu viera vfano d'antes,
Naõ torney tal às Aldeas,

LVI.

Dezia hum vendome aſſi
Bom vay o do barretinho
Nunca o tam fidalgo vi,
Chamauaõme outros ratinho,

Hũs

Hũs aſſi, outros aſſi,
Finalmente por acerto,
Vi algũs noſſos de cà,
Deixeyos chegar mais perto,
Metime entrelles por certo,
Que tarde me colhem la.

LVII.

Hum bacorote orgulhoſo
Deu viſta ao gado ouelhum,
De quexiquer eſpantoſo,
Trombejaua elle hum, & hum
Andaua todo brauoſo.
Vem hum dia o lobo, & apanha
Pella cabeça o doudete,
Abrandoulhe aquella ſanha,
Brada, â dos meus, em tamanha
Preſſa, ninguem arremete.

LVIII.

Vinham os porcos d'Aldea
Mais atras, grunhir ouuiram,
Hum eſcuma, outro esbrauea,
Eſtes ſi, que lhe acodiram,
Perdeo o lobo a ſua cea,
Elle ſolto vio que o gado
Da lam branca eſtaua olhando
De longe, inda amedrentado,
Antes (diſſe) ſer mandado,
Que em tal perigo, tal mando.

LIX.

GIL. Fallaſme nos animaes,
A quem nòs brutos chamamos
Que guardam leys naturais,

Noſ-

Nosoutros naõ nas guardamós
A isso obrigados mais.
Estes homens com quem tratam
Homens naõ, mas leõis brauos,
Por força tudo rematam,
Os leõis nam se resgatam,
Nem se vendem por escrauos.

LX.

Para que mandem, nem rejam,
Nam vam as agoas tingidas
De seu sangue, se pelejam,
Nam alçam forcas esguidas
Em que ás Aues manjar sejam.
Nam tem repartida a terra
Por marcos tam desiguais,
Por sangue, por fogo, e guerra
Com que hum tem de serra a serra
Outro nada, ou dous tojais.

LXI.

He cousa para espantar
Da ley que entre si tem gralhas
Que vendo a hũa queixar,
Decem correndo em batalhas
Matamse polla saluar.
Ora te direy assi,
Quem diz o que vio, não mente;
Guarda de imbicar aqui,
Que verás passar por ti
O amigo, & o parente.

LXII.

Quem nunca ouuio hum rifaõ
Mais corrente, e mais vsado,

Que he darem todos de mão,
Quantos vem, e quantos vam
Ao carro que eſtá entornado.
Fallo, porem em géral,
Que alma, dizendo, iſto afronta
Nam quero que cuides al,
Amigos do meu ſinal,
Nam vam elles neſta conta.

LXIII.

Muitos dos vaos apalpey,
Aos trabalhos me diſpuz,
Deſque cuidey, & cuidey
Dixe comigo, ora ſus,
Se erros fiz, erros paguey.
Cuida homem, que bem eſcolhe,
As ſingellas ſó conſigo,
Eu nam ſey, porque ſe tolhe
O fugir a quem ſe acolhe
Donde vem certo o perigo.

LXIV.

Andando ſó não me empecem
Maos olhos, nem más palauras,
Não me empecem ſe engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas quando me adoecem.
Porque tudo diga em ſoma,
Nam ey medo que o cabrito,
Me furte o vezinho, e coma,
Aqui ſe a paixam me toma
Poſſo bradar voz em grito.

Que

LXV.

Que me nam ouça ninguem
Sòmente as Aues, que tais
Duas auentagens tem
Desses outros animais
Voar, & cantar tambem,
Ou o som d'agoa que cae
Rompendo pollos penedos
Dece ao fundo, ao alto sae,
Ella a grande pressa vay,
Elles para sempre quedos.

LXVI.

Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda; assi
A mudo eu. Guiomar, nem Ana
Naõ daõ voltas por aqui
Mais leues, que ao vento cana.
Cantando dos seus solaos
Que me façaõ merecer
Muitos destes varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de tolher.

LXVII.

Deixame ver este Ceo,
E o Sol em que vay tal lume,
Que a vista nunca sofreo,
Aquillo he vso, & costume,
Que tantos tempos correo.
Que claridade tamanha!
Que fogo nelle aparece!
Quanto rayo o acompanha!
Dizem que o mar de Espanha

Ferue quando nelle dece.

LXVIII.

Cobrefe logo de eſtrellas
Tudo quanto delle vemos,
Naſcem dellas, põeſe dellas;
Olhamos, mas que entendemos,
Nem da Lũa, que eſtá entr'ellas,
Que ſe renoua, & reueza,
Ora em fio, ora em creſcente,
Ora em ſua redondeza,
Cada mes com que certeza
Semelha a da noſſa gente.

LXIX.

Do mais, dizia Paſcoal,
Sabes que he o que nos come
Saõ mimos, que naõ he al,
Onde quer ſe mata a fome,
Matamſe apetites mal.
Pollo Sol, & polla neue
Natureza a grande madre,
Que em fim tambem no lo deue
A tudo acudir ſe atreue,
Por mais que eſte ventre ladre.

LXX.

Do que ao meu gado ſobeja,
Vou viuendo anno por anno
Pouco, ou muito, que elle ſeja
A ninguem não faço dano;
Que naõ ſe ha do pouco enueja.
Parece a vida em verdade
Dos maſtins gado, & paſtor,
Como de communidade,

Com

Com tal fome, & frialdade,
Tudo pode, e manda Amor.

LXXI.

Leuo o meu gado, elle ſigo,
Que inda ſaõ mais embaraços,
Dos que eu quiſera comigo,
Paſſey por tantos dos laços
Que olhar ſómente he perigo.
No meu ſamarrão metido,
Que mais quero? ſou paſtor,
Cà nunca chega apellido
De fogo, nem de arroydo,
Mal ſe for, mal ſe não for.

LXXII.

Aqui por eſtes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virmeão ver os meus amigos,
Ao Sol nos eſtenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E deſpois dos meſes mil
Quiçaes que inda dira alguem
Olhando eſte meu couil,
Por aqui cantaua Gil
Sem queixia de ninguem.

LXXIII.

Quando tudo era fallante
Paſcia o ceruo hum bom prado;
Hi veo hum cauallo andante
Quis comer algum bocado
Posſelhe o ceruo diante.
Outra rezão não lhe deu,
(Que eraõ pacigos gèrais)

Sal-

Saluo posso, e quero, he meu,
Este meu, & este teu
Tanto ha ja que nos fez tais.

LXXIV.

Vendo tão pouca prestança
O cauallo d'antes forro
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro
Por terra a seus pés se lança.
Não pode á justa querella
Deixar de se pór no meyo,
Mas foy necessaria a sella,
Poslha, & fezse forte nella,
Toma a redea, proua o freo.

LXXV.

Assi dam volta ao imigo,
O ceruo, quando tal vio,
Homem ao cauallo amigo,
Deixoulhe o campo, & fogio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde, & corre o seco,
Fóra, fóra o contendor,
Ficoulhe porém senhor,
Não foy tanto o outro enxeco.

LXXVI.

Quem ha tal medo á pobreza,
Tal á fome, & frialdade,
Que por ouro, e por riqueza,
Dá a só rica liberdade,
E mais outrem que assi preza.
Se lhe vés herdades largas,

Não

Não lhe ajas enueja à troca,
Que embaração as roupas largas,
Faz ſangue o freo na boca,
As eſporas nas ilhargas.

LXXVII.

Mas jà ves como o Sol anda,
Amigo he tarde, folga ora,
Deixemos eſta demanda
Mal auinda para outra ora
A cea ſerá mais branda.
Com dos peixinhos paſſarás
Do rio, nam d'almocreues,
Que as villas fazem tão caras,
Beberás nas fontes claras,
Sonharás ſonhos mais leues.

LXXVIII.

BIEIT. Volueſme as couſas do enues,
Ques por força que te crea,
O que tu quiçais nam cres,
O coraçam he n'Aldea
Lá me ham de leuar os pés.
E tu dize o que quiſeres,
Troce cá, & troce lá,
Defende teus pareceres,
Mas onde hi não ha molheres
Vida, nem goſto nam ha.

LXXIX.

Aquella gracioſidade
O parecer, que nos furta,
Com tanta força a vontade,
Que tanto o juyzo encurta,
Nam he de todo vaydade.

Suſpiraſte , hora eu te entendo ,
Nòs nos veremos deſpois ,
Por ora a Deos te encomendo.
GIL. Nam te quero eſtar detendo.
BIEIT. Voume , que he tarde , aos meus bois.

LXXX.

BAST. Contouſe iſto polla terra
Em juntas d'outros paſtores
Ex logo hum , logo outro afferra
Sobre quais rezões melhores
Deu , quem acerta , ou quem erra.
Porem lido o Calendario
Viſto tudo , & contas feitas ,
Fica aſſentado em Summario ,
Gil por homem voluntario ,
Homem Bieito ás direitas.

A ELREY DOM IOAM TERCEIRO.

CARTA I.

I.

Rey de muitos Reys ſe hum dia
Se hũa ora ſó mal me atreuo
Ocuparuos, mal faria,
E ao bem commum nam teria
Os reſpeitos, que ter deuo.

II.

Que em outras partes da ſphera
Em outros Ceos differentes,
Que Deos tègora eſcondera,
Tanta multidam de gentes
Voſſos mandados eſpera.

III.

Que ſois vós tal, qu'elles ſós,
Iuſto, & poderoſo Rey,
Oũ lhes deſdais os ſeus nòs,
Oũ cortais, porque entre nòs
Vòs ſois noſſa viua ley.

IV.

Onde há homens ha cobiça,
Cá, & lá tudo ella empeça,
Se á ſancta, ſe a igual juſtiça
Não corta, ou nào deſempeça
O que a mà malicia enliça.

V.

Senhor que he muito atreuida,

E onde ella nòs cegos deu
Cortar he cousa deuida :
Exemplo o jugo de Mida
Que el Rey vosso auó fez seu.

VI.

Ora eu , que respeito auendo
Ao tempo mais que ao estillo ,
Irey fugindo ao que entendo ,
Farey como os cães do Nilo ,
Que correm , e vão bebendo.

VII.

A dignidade real
Que o mundo a direito tem ,
Sem ella tersehia mal ,
He sagrada , & não leal ,
Quem limpo ante ella não vem.

VIII.

Não fallemos nos tyrannos ,
Fallemos nos Reys vngidos ,
Remedeão nossos damnos ,
Socorrem os affligidos ,
Cortão pollos maos enganos.

IX.

As vossas vellas , que vão
Dando quasi ao mundo volta ;
Raramente contarão ,
Gente d'outro algum Rey solta ,
Sem cabeça o corpo he vão.

X.

Dignidade alta , & suprema
Quem hà que a não reconheça ?
Viose em Março Antonio Thema

De

De pòr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

XI.

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
Que inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.

XII.

Hum Rey ao Reyno conuem,
Vemos, que alumia o mundo
Hum Sol, hum Deos o sostem,
Certa a queda, & o fim tem,
O Reyno onde ha Rey segundo

XIII.

Nam ao sabor das orelhas,
Arenga estudada, e branda,
Abastão as rezões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rey seguem as abelhas.

XIV.

A tempo o bom Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha;
Forças, & condição boa
Derão ao Lião coroa
Da sua grey montezinha.

XV.

As aues, tamanho bando
D'outra liga, & d'outra ley,
Por vencer todas voando
A aguia foy dada por Rey,
Que o Sol claro atura olhando.

Quan-

XVI.

Quanto que ſempre guardou
Dauid, lealdade, & fé,
A Saul, quanto o chorou,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboe.

XVII.

Onde cayra o eſcudo
Do ſeu Rey inda que imigo,
Inda que ja mal ſeſudo
Sayndo de tal perigo,
E ſubindo a mandar tudo.

XVIII.

O ſenhor da natureza
De quem Ceo, e terra he chea,
Vindo a eſta noſſa baixeza
Do Real ſangue ſe preza:
Por Rey na Cruz ſe nomea.

XIX.

Sobre obrigações tamanhas
Velemſe com tudo os Reys,
Dos roſtros falſos, das manhas,
Com que lhe querem das leys
Fazer teas das aranhas.

XX.

Que ſenão pode fazer,
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a juſtiça quer,
Senhor não chamão valer,
Saluo ao que lhes val na praça.

XXI.

E por muito que os Reys olhem

Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vós ſenhor ſe encolhem
D'uns Gigantes de cem braços
Com que daõ, e com que tolhem.

XXII.

Quem graça ante elRey alcança,
E hi falla o que naõ deue,
Mal grande da má priuança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beue.

XXIII.

Quem joga onde engano vay,
Em vaõ corre, e torna atrás,
Em vaõ ſobre a face cay,
Mal ajaõ as manhas màs
Donde tanto dano ſay.

XXIV.

Homem de hum ſó parecer,
D'hum ſó roſtro, hũa ſó fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo pode ſer,
Mas de corte homem não he.

XXV.

Gracejar ouço de câ
De quem vay inteiro, & ſaõ,
Nem ſe contrafaz mais là
Como eſte vem aldeaõ,
Que corteſaõ tornará?

XXVI.

As ſanctidades da praça,
Aquelles roſtros triſtonhos,
Cos quais eſte, e aquelle caça,

Pe-

Pera Deos ſenhor he graça,
Pera nòs tudo ſaõ ſonhos.

XXVII.

E os diſcurſos que fazemos,
Pode ſer, nao pode ſer,
Mais diante o entenderemos
Agora mortos por ver,
Então todos nòs veremos.

XXVIII.

Senhor, eyvos de fallar,
(Voſſa manſidão me esforça)
Claro, o que poſſo alcançar,
Andão pera vos tomar,
Por manhas, que não por força.

XXIX.

Por minas trazem ſuas azes
Os roſtos de tintureiros,
Falſas guerras, falſas pazes,
De fora manſos cordeiros,
De dentro Lobos roazes.

XXX.

Tudo ſeu remedio tem,
E que aſſi bem o ſabeis,
E ao remedio tambem,
Quereylos conhecer bem,
No fruto os conhecereis.

XXXI.

Obras, què palauras naõ,
Porém ſenhor, ſomos muitos,
E entre tanta multidão,
Treſmalhãoſevos os fruitos,
Que não ſabeis cujos ſaõ.

Hum

XXXII.

Hum que por outro ſe vende ,
Lança a pedra , e a mão eſconde ,
O dano longe ſe eſtende ,
Aquelle a quem doe , e entende ,
Com ſó ſoſpiros reſponde.

XXXIII.

A vida deſaparece ,
E entre tanto geme , & jaz ,
O que cahio , & acontece ,
Que d'um mal que ſe lhe faz ;
Outro mòr ſe lhe recrece.

XXXIV.

Pena , & galardão igual ,
O mundo a direito tem ,
A hũa regra géral ,
Que a pena ſe deue ao mal ,
E o galardão ao bem.

XXXV.

Se algũa ora aconteceo
Na paz , muito mais na guerra
Que a balança mais pendeo ,
Fazſe engano às leys da terra
Nunca ſe faz ás do Ceo.

XXXVI.

Entre os Lombardos auia
Ley eſcripta , & ley vſada ,
Como ſe ſabe oje em dia ,
Que onde a proua falecia
Que o prouaſſe a eſpada.

XXXVII.

Alli no campo às ſingellas ,

Em fim morrer, ou vencer,
Foſſe qual quiſeſſe dellas,
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas?

XXXVIII.

Ao noſſo alto, & excellente
Dom Denis Rey tam louuado,
Tão juſto, a Deos tam temente,
Falſa, & malicioſamente,
Foy grande aleyue aſſacado.

XXXIX.

Elle poſto em tal perigo,
Rey que Reys fez, & desfez
Contra o malicioſo imigo,
Foylhe forçado eſta vez
Chamarſe a eſta ley que digo.

XL.

E juntamente ás Cidades
A quem cumprio de acudir,
Pollas ſuas lealdades,
Que tam más ſaõ as verdades
As vezes de deſcobrir.

XLI.

Neſte tempo quem mal cae,
Mal jaz, & dizem que à luz
Por tempo a verdade ſae,
Entretanto poem na Cruz
O juſto, o ladrão ſe vae.

XLII.

Da meſma caſa Real,
Em verdade hum grande Iffante
Tratado as eſcuras mal,

Bra-

Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.

XLIII.

Em fim vendo a induſtria, e arte
Quanto que podem, chamou,
Hum leal Conde de parte,
Só co elle ſe apartou
Foy viuer a milhor parte.

XLIV.

Onde tudo he certo, & claro,
Onde ſam ſempre hũas leys,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto deſemparo
Forão tres ſeus filhos Reys.

XLV.

Ó ſenhor, quantos ſuores
Paſſa o corpo, & alma em vão,
Em poder d'enuoluedores,
Em fim batalhas, que ſam?
Saluo deſafios mòres.

XLVI.

Com a mão ſobre hum ouuido,
Ouuia Alexandre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que ſe buſcão d'artes.

XLVII.

Guardaua elle o outro inteiro
Á parte não inda ouuida,
Não vay nada em ſer primeiro
Quem muyto ſabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.

XLVIII.

A tudo dam nouas cores
Com que enleam os ſentidos;
Ah maos, ah enliçadores,
Ante os Reys voſſos ſenhores
Andais com roſtros fingidos!

XLIX.

Contais, gabais, eſtendeis
Seruiços, & lealdades,
Olhay que não nos daneis,
Fallay em tudo verdades
A quem em tudo as deueis.

L.

Senhor, noſſo padre Adam
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer, ou não,
Hi ſua fraca rezão
Porém liuremente diz.

LI.

Sempre foy, ſempre ha de ſer,
Que onde hũa ſó parte falla,
Que a outra aja de gemer,
Se hum jogo a todos iguala,
As leys que deuem fazer?

LII.

Vidas, & honras guardais,
Debaixo de voſſo emparo,
D'eſtranhos, & naturais,
Sospiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.

LIII.

Tambem apos aquella arde

A

A cobiça da fazenda,
Por mais que ſe velle, e guarde,
Tinha ella milhor emenda
Senão foſſe mal, & tarde.

LIV.

Géralmente he preſumptuoſa
Eſpanha, & diſſo ſe preza,
Gente ouſada, & bellicoſa,
Culpamna de cobiçoſa,
Tudo ſabe voſſa alteza.

LV.

Penſamentos nunca cheos,
Não tem fundo aquelles ſacos
Inda mal, porque tem meos
Para viuer dos mais fracos,
E dos ſuores alheos.

LVI.

Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos ſalteadores,
Com nome, e roſtro de honrados
Andar quentes, e forrados
Das pelles dos lauradores.

LVII.

E ſenhor não me creais
Se as não achão mais finas,
Que as de lobos ceruais,
Que arminhos que zebelinas;
Cuſtão menos, cobrem mais.

LVIII.

Ah ſenhor, que vos direy
Que acode mais vento ás vellas,
Nunca ſe deſcuide o Rey,

Que inda não he feita a ley,
Ia lhe saõ feitas cautellas.

LIX.

Então triſtes das molheres,
Triſtes dos orfãos coytados,
E a pobreza dos Meſteres,
Que nem fallar ſam ouſados
Diante os mores poderes.

LX.

Os quais quem os aſſi quer,
Quem os negocea aſſi,
Que farà quando os tiuer?
Noſſos ouuerão de ſer,
Tomaramnos para ſi.

LXI.

Ora ja que as conſciencias
O tempo as leuou conſigo;
Venhamos às penitencias,
Senhor, ſe eu vira caſtigo,
Boas ſam as reſidencias.

LXII.

Mas eu vejo cà na Aldea
Nos enterros abaſtados,
Muito padre que paſſea,
Em fim, ventre, & bolſa chea
Abſoltos de ſeus peccados.

LXIII.

Se ſe hão de reconciliar
Huns cos outros tem ſeu trato;
Baſtalhes ſó aſcenar,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo de confeſſar.

LXIV.

Senhor, esta vossa vara
Em quais mãos anda, tal he,
A boa he Aue muy rara,
Sabey que esta nunca he cara,
Que seja muita a merce.

LXV.

Liure de toda a cobiça
A Deos temente, & a vós,
Sem respeito, e sem preguiça,
Vara direita sem noos,
Se quereis que aja hi justiça.

LXVI.

Tomay senhor o conselho
Do bon Gethro ao genro amigo,
He verdade, he Euangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humilmente vos digo.

LXVII.

Que estas leys Iustinianas,
Senão ha quem as bem reja,
Fóra de paixões humanas,
Sam hum campo de peleja
Com rezões francas, e vfanas.

LXVIII.

Morre o nobre Conradino
Co parceiro em tudo igual,
Cada hum de tal morte indino
Pello pesado, ou malino
Doutor, que interpreta mal.

LXIX.

Diz o Texto: O sangue cesse

Por

Por batalha a guerra finda,
Vem com grosa outro interesse,
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisam certo o tiuesse.

LXX.

Mas, senhor, milhor o temos
Sendo vòs o que mandais:
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

LXXI.

Que por Amor se encadea,
(Não he nome errado, ou nouo)
Se por liure se nomea
Nam tem Rey amor de pouo
Tanto, em quanto o mar rodea.

LXXII.

Aqui nam vemos soldados,
Aqui nam soa atambor,
Outros Reys, os seus estados
Guardaõ de armas rodeados,
Vós rodeado de Amor.

LXXIII.

Acharnosham as diuinas
No meo dos corações
Entalhadas vossas quinas,
Estas saõ as guarnições,
De vós, & dos vossos dignas.

LXXIV.

Tem na verdade o Frances
A seu Rey amor aceso,
Nam lho nega o Portuguez,

Po-

Porém traz guarda Escocez
Que nam he de pouco peso.

LXXV.

O Padre Sancto assi faz,
A quem certo se deuia,
Alto assossego, alta paz;
Mas tem guarda todauia
Com que vay seguro, & jaz.

LXXVI.

Que se pode ir mais auante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
His amado, & his temido.

LXXVII.

Huns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gosto
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deos, e por vós morremos.

LXXVIII.

Outro si para os reuezes
(Queira Deos que não releue)
Em vós tem os Portuguezes
O bom Rey de Athenieses
Codro, que outrem algum não teue.

LXXIX.

Do vosso nome hum gram Rey
Neste Reyno Lusitano
Se pos esta mesma ley:
Que diz o seu Pelicano
Polla ley, & polla grey.

Mas

LXXX.

Mas eu ſou d'hũs guarda-cabras
Que ſe vão de ponto em ponto
Querem ſó duas palauras,
Que dos gados, que das lauras
Depois nam tem fim, nem conto.

LXXXI.

Aſſi que ſeja aqui fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdeſtes mea ora em mi,
Das que chamão ſucceſſiuas,
Eſtes que ſabem Latim.

A ANTONIO PEREIRA.

SENHOR DO BASTO.

CARTA SEGUNDA.

I.

COMO eu vi correr pardaos
Por cabeceiras de Baſto,
Crecer em cercas, & em gaſto
Vi por caminhos tam maos,
Tal trilha, e tamanho raſto.

II.

Neſſa ora os olhos ergui
A caſa antigua, & a torre,
Dizendo comigo aſſi,
Se nos Deos nam val aqui,
Perigoſo imigo corre.

Não

III.

Não me temo de Caſtella
Onde guerra inda não ſoa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro deſta canella
O Reyno nos deſpouoa.

IV.

E que algum embique, & caya
(Longe vá o mao agouro)
Fallando por eſſa praya,
Das riquezas de Cambaya,
Narſinga, das ſerras d'ouro.

V.

Ouues Viriato o eſtrago
Que cá vay nos teus cuſtumes,
Os leytos, meſas, & os lumes
Tudo cheira, eu oleos trago,
Vem outros, trazem perfumes.

VI.

Niſto os trajos dos paſtores
Com que ſayſte á peleja,
Vencendo tais vencedores,
Saõ trocados, e aos louuores
Não ha já quem te aja enueja.

VII.

He entrada pollos portos,
No Reyno clara peçonha,
Sem que remedio ſe ponha,
Huns doentes, outros mortos,
Outro pollas ruas ſonha.

VIII.

Fez no começo a pobreza

Ven-

Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo á riqueza,
Que nos torne a catiuar.

IX.

Estas serras, & os penedos,
Vistas, se vos fazem feas,
Ia torceis rostro às Aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que jà disse Cyneas.

X.

A quem nos conuites dado
Aprouar se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forca assi merecesse.

XI.

As vozeyras montarias
Derribar Aues, que vam
Cantando inuerno, & veram,
Que al he, senam remir dias
Do enfadamento aldeam.

XII.

Que trabalhosos concertos
Os de villãos mal criados,
Os de villãos mal cubertos,
Os de villãos pouco certos,
Muitos desarrezoados.

XIII.

Direis, & não volo nego,
Porem quereis que vos diga
Este mundo he armado em briga

Nam busqueis nelle assossego
Nem em hũa alta ermida antiga.

XIV.

Mas com tudo ha differenças
Entre os de cà, & os de là;
Cà nas mais das desauenças
Vos ereis o das sentenças,
Là em baixo outrem as dá.

XV.

Tereis em troca manjares,
Composições delicadas
Do ar do paço ajudadas,
E por tempestuosos mares,
Com mil perigos buscadas.

XVI.

Conuites, de quem conuida,
Amostramvos hi suas tendas;
Quanta cousa he alli perdida?
Ceas imigas da vida,
Imigas mais das fazendas.

XVII.

Disto o cheiro, disto a cór,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Todas a saberem mal.

XVIII.

Onde se ha de lançar tanto,
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando me leuanto,
Ou ey de morrer d'espanto,
Ou senam m'espanto mato.

Que

XIX.

Que contas vaõ tam erradas,
Enfaſtia o que ſobeja,
Quem come o que naõ deſeja:
Soyam ſer conuidadas
Vontades, agora he enueja.

XX.

Entra com voſco a manhã,
He ja dia, & pedis vellas,
Na tal cea corteſaã.
Quanta iguaria que ha vaã
Afora a das eſcudellas.

XXI.

Os bons conuites antigos,
Antes de ſe tudo alçar,
Eram para conuerſar
Os parentes, & os amigos;
E nam para arrebentar.

XXII.

E de viuer juntamente
Ouueram conuites nome,
Claros aos olhos da gente,
Porque viſſem que ſómente
Alli ſe mataua a fome.

XXIII.

Aquella vſana Raynha
Irmam do vil Tholomeu,
Que o rico pendente deu,
Prodigamente á coſinha
De hum grande banquete ſeu.

XXIV.

Vendo tudo irſe a perder,

Os

Os amigos conuidaua,
Naõ ja pera os ver comer;
Mas pera juntos morrer
A tal conuite os chamaua.

XXV.

A voſſa fonte tam fria
Da barroca em Iulho, e Agoſto,
Inda me he preſente o goſto,
Quaõ bem que nos hi ſabia,
Quanto na meſa era poſto.

XXVI.

Alli nam mordia a graça
Eraõ iguais os juizes,
Naõ vinha nada da praça,
Alli da voſſa cachaça,
Alli das voſſas perdizes.

XXVII.

Alli das frutas da terra,
Que tem cada tempo a ſua,
Colhida em ſazam cada hũa,
Nunca á viſta o ſaber erra,
Nem o nome de nenhũa.

XXVIII.

ó ceas do parayſo,
Que nunca o tempo vos vença,
Sem falla trocada, ou riſo,
Nem carregadas do ſiſo,
Nem danadas da licença.

XXIX.

Deshi o goſto chamando
A outros móres ſabores,
Liamos pollos amores

Do

Do brauo , e furioſo Orlando
Enuoltos em tantas flores.

XXX.

Liamos os Aſſolanos
De Bembo , engenho tam raro ,
Neſtes derradeiros annos ,
E os paſtores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

XXXI.

Liamos ao brando Laſſo
Com ſeu amigo Boſcão ,
Que honrarão a ſua nação ;
Hiame meu paſſo a paſſo ,
Aos noſſos , que aqui não vão.

XXXII.

Se eu iſto eſtimado agora
Vira como d'antes era ,
Por meu conto auante fora ,
Mas não diz ora com ora ,
Vamſe como ao fogo cera.

XXXIII.

Que troca , ver lá Paſquinos
Deſta terra cento a cento ,
Quem o vee ſem ſentimento ;
Tratar os liuros diuinos ,
Com tal deſacatamento !

XXXIV.

O que ſenam deue ouſar
A ler , ſe em giolhos não ,
(Que graças pera chorar !)
Torcem , fazendo fallar
Ao ſom de ſua paixam.

Eſ-

XXXV.

Esquecidos do conselho
Podera dizer mandado
Sendoo, porque foy vedado
No sanctissimo Euangelho,
Aos cães não deis o sagrado.

XXXVI.

Almas, que sonhando andais,
O muito naõ no troqueis
Por nadas como o trocais,
As perolas Orientais
Aos porcos nam nas lanceis.

XXXVII.

Iugareis, ó gente cega,
Sempre o jogo foy defeso,
Que tem todo o dia preso,
O triste que nelle emprega
O seu tempo todo em peso.

XXXVIII.

E desdo grou, tè a folosa
Homens de seiscentas córes,
Só no jogo não tem grosa,
Conuersação perigosa,
Missa d'arrenegadores.

XXXIX.

Mal sem emenda he o jogo
Entre seus males mayores,
Hum Rey de grandes louuores
Mandou que pusessem fogo
A casa, & aos jugadores.

XL.

Das leys antigas amigo,

Des-

Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre aqui consigo
Vay caminho das eternas.

XLI.

Deixemos mil outros jogos
Que la vão mil outros tratos;
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos,
De Herodez para Pilatos.

XLII.

E aquelle grande aluoroço
D'atambor, que a guerra chama;
Leua o velho, & leua o moço,
E primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.

XLIII.

Ó vida dos lauradores,
Se elles conhecessem bem
As auentagens que tem,
Aquelles sanctos suores
Que sanctamente os mantem.

XLIV.

Tratando co a madre antiga
Que de quanto em si recebe
Não entre engano, ou mà liga;
Por seu custume se obriga
A pagar mais do que deue.

XLV.

Aquelles mayores nossos
Antigos padres primeiros,
Eram no começo inteiros,

Eram ſanctamente groſſos
Sem mal como os ſeus cordeiros.

XLVI.

Regidos da natureza,
Nam tanto papel eſcrito
De que hum reza, & outro reza,
Tè canſarem ſem certeza
Donde jaz ſómente o fito.

XLVII.

Foy ſem malicia, & ſem erro
A boa idade dourada,
Seguio logo a prateada,
Não tardou muito a de ferro
Que tudo trouxe à eſpada.

XLVIII.

Quanta ſombra, que aparece,
Tapayme a boca co as mãos,
Ora atras, que nam me eſquece,
Tambem por cà ſe adoece,
Vam porem ares mais ſaõs.

XLIX.

Por iſſo a gentilidade
Que em tudo philoſophaua,
Ao Deos da ſaude alçaua
Templo fora da Cidade,
Hi por ella ſe offertaua.

L.

E aquelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nem ás feſtas,
Nem à cidade mais vem,
Sempre ſó por fóra o vem
Caçando pollas floreſtas.

LI.

Hi que encontre cum Liam,
  Cum Vſſo que ſe erga em pé,
  Certo que menos mal he,
  Que onde elles tão baſtos ſam
  Que entr'elles ſe durma, e ſtè.

LII.

Da couſa má claramente
  Logo quem a vé ſe vella,
  Chegaſe a que branda ſente,
  Por iſſo á antiga ſerpente
  Pintam roſtro de donzella.

LIII.

Quando os antigos alguem
  Louuauão, não de ſenhor,
  Não de rico era o louuor,
  Chamauãolhe homem de bem,
  E inda bom laurador.

LIV.

A noſſa gente, que quis
  Arremedar os louuores,
  Que agora parecem vis
  Aos bons Reys Sancho, e Diniz
  Chamauãolhe lauradores.

LV.

Os valeroſos Romanos,
  Que hum tempo o mundo regeram,
  Donde cuidais que eſcolheram
  Cincinatos, & os Serranos,
  Que ante ſi em campo puſeram?

LVI.

E aquella ſua grandeza,

Que

Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza,
Sobrenomes de riqueza
Não pos, antes da lauoura.

LVII.

Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais á antiga,
Na villa o villão s'abriga,
Onde tem nome de erança
Mantemno a sua fadiga.

LVIII.

Ascende a fragoa o ferreiro
Ao tempo, que o galo canta,
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronceiro,
Que inda se enuolue na manta.

LIX.

Viue a nobreza por fóra,
Segura, os despouoados,
Correndo, os Lobos ousados,
Por derredor donde mora,
Mantem liure o campo aos gados.

LX.

Da mà gente auentureira,
Que ás escuras tem seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noite à feira,
Ou dormindo no mulato.

LXI.

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostaua,
Onde o sono a conuidaua,

Contente da cobertura
Taõ rica que lhe o Ceo daua.

LXII.

Bebiam d'agoa com as mãos
Nas ſontes inda em velhice
Milhor, que por vaſos vãos,
Lauaua ella os peitos ſaõs
Antes da gargantoice.

LXIII.

Iacob fugindo ao irmaõ
Que o mal tinha ameaçado
Paſtor ao campo auezado
Paſſou o rio Iordaõ
N'ajuda do ſeu cajado.

LXIV.

Como o Sol no mar deceo,
Comeria do fardel,
D'agoa no rio bebeo,
Sobre pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.

LXV.

Natureza nos puſera,
Como os olhos nos abrio,
Diante tudo o que vio
Que neceſſario nos era,
De tudo o mais ſe ſorrio.

LXVI.

Como hũa Aue já auezada
A toda a delicadeza,
He milhor a juizada;
Foge à gayola dourada,
Vay buſcar a natureza.

Hũa

LXVII.

Hũa deſpoſiçam má,
Longa infirmidade, & dôr,
Que de mal vay em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza não for?

LXVIII.

Cega da minha fadiga,
Que em vão tantas rezões gaſta,
Que fazeis, que vos obriga,
Deixar eſta madre antiga,
E ir buſcar a madraſta?

LXIX.

Dos voſſos nobres auós
As Cruzes em ſangue abertas
Vos poem obrigações certas
Que não nas deixeis cá ſós
A ſer do muſgo cubertas.

LXX.

O que porem nam diram,
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a d'um tal irmão,
Que não ouue o nome em vão
Do gram Nun'Aluerez Pereira.

LXXI.

Por toda eſta grande Eſpanha
Froays, que ſoyão chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey Mouro a patranha
Mas voſſo antigo ſolar.

LXXII.

Do qual, não ha muitos annos

Hum,

Hum, que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos
Hum paſſo dos Caſtelhanos
Á eſpada defendeo.

LXXIII.

Ao Reyno cumpre em todo elle
Ter, a quem o ſeu mal doa,
Não paſſar tudo a Lisboa,
Que he grande o peſo, e com elle
Mete o barco n'agoa a proa.

LXXIV.

E mais his vos muito a ponto
Para qualquer appetito,
E eu ja ouui hum conto,
Que a quem eſpreita, e eſtá prompto
Não vades mudar o fito,

LXXV.

Tereis lá conuerſações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas,
Paſſarão deriuações,
Se ja nam forem paſſadas.

LXXVI.

Traſpoſeram os amores,
E deixaram o paço ás cegas,
Ficarão por mantedores,
Rouxinois aſſouiadores,
Pollas hortas de enxobregas.

LXXVII.

Vereis barcos ir á vella,
Huns que vaõ, outros que vem;
Como que ſe deſauem,

Com

Com hũa viraçaõ ſingella
Tanta força a arte tem.

LXXVIII.

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção
Polas xarcias dos nauios,
O que ſaõ, ſenam bogios
Poſto que vos al pareção.

LXXIX.

Nam ey por perda eſta leue,
Que ſejam palauras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senam dizey, quem ſe atreue
A dór eſperalla mudo.

LXXX.

Sam ellas porem já muitas,
Fellas ir crecendo a magoa,
Lembremvos as voſſas frutas,
Lembremvos as voſſas trutas,
Que andão ja por voſſas n'agoa.

A SEU IRMAM
MEM DE SÁ.
CARTA TERCEIRA.

I.

EM quanto de hũa ſperança,
Em outra ſperança andais,
Trazervos quero á lembrança,

Que

Que he mui leue, & não s'alcança
Voa ſempre auante mais.

II.

Cuidais que eſtais ja com ella,
Quando volo mais parece,
E quereis lançar mão d'ella,
Mete remos, mete vella,
N'um ponto deſaparece.

III.

Mas nam pode o coração
Soltar aſſi leuemente
Tamanha deleitação,
Ah que a tiue na mão
Se fora mais diligente?

IV.

Dos Alquimiſtas ſe diz,
Que he doce a fadiga vaã,
O deſejo he mao juiz,
Deixay que o que oje não fiz
Eu o farey amanhã.

V.

Não lhes val ver a fazenda
Perdida apos experiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha pera a tenda
D'aſſopros fazem ſciencias.

VI.

Aporfiou, & ſobio
Phaeton no carro do dia,
Que elle por ſeu mal pedio,
Sentioo a terra, & ſentio
Hum rio de Lombardia.

Não

VII.

Não ſoube Hycaro reger
As azas, que ouue de ſeu,
Quis ſobir, veo a decer,
Aos peixes deu de comer,
Ao mar o ſeu nome deu.

VIII.

Apos o que ha de cahir
Por aleuantar andamos,
Sem repouſar, ſem dormir,
Alma, que pode ſobir,
A eſta as azas quebramos.

IX.

Em quanto hum buſca ſeus danos,
Outro ja tè os olhos jaz
Por muitas ſortes d'enganos,
Morte que não conta os annos
Vem, e leua o que lhe apraz,

X.

Quantos a que era deuida
Dos noſſos deixo os alheos,
Ao menos por nos mais vida,
Que por conta não ſabida
Tinhão jà ſeu annos cheos.

XI.

Viſtes hũa claridade
Que de cà té là correo
Como rayo, em tal idade,
Tanto ſaber, tal bondade
Aſſi deſapareceo.

XII.

Alma bemauenturada

Da-

Daquelle moço tam nobre ,
Chegou a hũa alta aſſomada ,
Tudo lhe pareceo nada
Quanto ſe dalli deſcobre.

XIII.

Hum Conde que inda alumia
Aſſi morto o Reyno , e a lingua
Outro depois de alta vea
Tinham ſua conta chea
No tempo da noſſa mingua.

XIV.

Ao menos para esforçar
Os engenhos que atras vem ,
Que ſoe a terra de os dar ,
O váo he mao d'acertar
Senão no moſtrar alguem.

XV.

Pollo que a eſte abrigo
Onde me acolhi canſado
E mais inda com perigo
E aquellas letras , que ſigo ,
Deuo que nunca me enfado.

XVI.

Deuo à muito minha amada
E ſó rica liberdade ,
Que tiue aos dados jugada ;
Aqui ſómente he mandada
Da razão , & da verdade.

XVII.

Nas cortes não pode ſer ,
Os tempos vedes que correm ;
Vedes que a todo correr ,

Vão

Vão muitos atè morrer
Por fugirem donde morrem.

XVIII.

Ora pòr peito à corrente,
Que ſejais forçoſo, & ſam,
E de ſangue inda feruente,
Grão nadador, claramente,
He quebrar braços em vam.

XIX.

Canſar, e ſonhar priuanças,
Dar de golpe á liberdade,
Rica por vãs eſperanças,
Eſſes jogos, eſſas danças
Paſſaõ com a mocidade.

XX.

Ando alimpando a pouſada
Lembrame quem diz que eſtà
Ante a porta, bate, e brada,
Se a ſentir deſpejada,
Por ventura que entrará.

XXI.

Olhay as Aues do ar
Almas a quem nunca eſquece
Eſte auer, eſte ajuntar
Vede las ledas cantar
Dizeime que lhes fallece?

XXII.

Fracos de fé, de fraqueza,
Vem eſtes voſſos ſuores,
Eſtes medos á pobreza,
Olhay como a natureza
Veſte ricamente as flores.

An-

XXIII.

Andando neſtes enleos
Em quantos erros cahimos,
Sem conto, ſem fim, ſem meos
Dormimos ſonos alheos,
Os noſſos não nos dormimos.

XXIV.

Queremos o que outrem quer,
O que nam quer engeitamos,
Eſtamos ſómente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E inda quando choramos.

XXV.

Como de caſa ſahia,
Sempre de ſeus olhos agua
A Eraclito corria,
Pollo que ouuia, & que via
Que de tudo tinha magoa.

XXVI.

Em fim vendo o pouo incerto
A preſſa, que a errar leuaua,
Nam ſofreo tal deſconcerto,
Fugio para o campo aberto
Liure ſem muro, e ſem caua.

XXVII.

Anaxagoras, que vião
Ter cos pouoados guerra,
Seus cidadões reprendião,
Porque a hum tal homem não viáo
Lembranças da ſua terra.

XXVIII.

Da para quem eu naſci

Te-

Tenho grande, refpondeo,
Nam me julgueis por daqui,
E dizendolhes affi
Moftraua co dedo o Ceo.

XXIX.

Sam Hieronymo alumiado
Daquella diuina luz,
Paffaua a vida apartado,
Das letras acompanhado
Que nos confagram a Cruz.

XXX.

Aquelle peito feguro,
A quem todo o mundo he rifo
Ás torres altas, & ao muro,
Carcer lhe chamaua efcuro
E aquelle hermo hum parayfo.

XXXI.

Da noffa tam rica herança
Cegos, que razam daremos?
Como nos nam faz lembrança,
Hũa tam certa ordenança,
Do Sol, & do Ceo que vemos?

XXXII.

Elle pofto, a noite traz
Configo tantas eftrellas,
Com que fermofa fe faz,
Qual defcuido pode em paz
Alçar os olhos a vellas?

XXXIII.

Nam fe gafte mais pauio,
Apos noffa alma efquecida;
Lançada do fenhorio,

Tornemos atras ao fio
Desta a que chamamos vida.

XXXIV.

Ponhamonos em razam
Cousa he, que verá hum cego,
Queremos repouso, ou nam?
Queremos, todos diram
E ninguem busca assossego.

XXXV.

Dizeyme, quando será
Que nos lembre, & que nos doa;
Quaõ certa que a queda está
Seguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa.

XXXVI.

Que vejamos os que démos
Cousas sem preço por preço,
Que lhe tam baixo pusemos,
A que estado nos decemos,
E de quam alto começo?

XXXVII.

Entre os brutos animais,
Nam se ouuerão por seguros
Os homens racionais,
Eram brauos, & eram mais,
Fizerão as armas, e os muros.

XXXVIII.

Agora, porque vos conte,
Quanto vi tudo he mudado,
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vezinhos defronte,
Vi lobos no pouoado.

Hum

XXXIX.

Hum Rato vſado á Cidade,
Tomouo a noite por fora,
(Quem foge á neceſſidade)
Lembroulhe a velha amiſade
D'outro Rato, que alli mora.

XL.

Faz hum homem a conta errada
Muitas vezes, & acontece
Creſcimento na jornada,
(Diz) e entrando na pouſada
Cidadam logo parece.

XLI.

O pobre aſſi ſalteado,
D'um tamanho corteſam,
Em buſca d'algum bocado,
Vay, & vem ſempre apreſſado
Sem tocar cos pés no chão.

XLII.

Ordena a ſua mezinha
Poslhe nella algum legume,
Meſura quando hia, & vinha
Deulhe tudo quanto tinha,
Pede perdam por coſtume.

XLIII.

Diz, quem tal adiuinhara
Contra o corteſam ſeuero,
Que tanto andara, e buſcara,
Tè que algũa couſa achara,
A quem tanto deuo, e quero?

XLIV.

Cumpre porem neſta meſa

Que

Que aja mais fome, que gula,
Temlhe a fogueyrinha acesa,
Faz rostro ledo à despesa,
Vea o outro, & dissimula.

XLV.

E dizendo està consigo,
Que gente a d'entre penedos,
Quanto á de Pedro a Rodrigo?
Que bem diz o exemplo antigo,
Que não saõ iguais os dedos.

XLVI.

Ora depois de comer
Jazendo detras do lar,
Começa o nobre a dizer,
Dous dias, que has de viuer
Aqui os queres passar?

XLVII.

Na aspereza do deserto
Que naõ sey quem o soporte,
De vrzes, & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tam certa a morte.

XLVIII.

Viue amigo a teu sabor,
Mais he que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior,
Vayte comigo onde eu for,
Lá verás, que cousa he vida.

XLIX.

E depois que ambas prouares
(Que eu d'outrem não adiuinho)
Quando te enganado achares

Aqui

Aqui tens os teus manjares,
Hi tambem tens o caminho.

L.

Ay disse, eis o vilão
Em aluoroço, & balança,
Hia, & vinha o coração,
Ora si, & ora não,
Venceo porem a esperança.

LI.

E que pode hi al fazer,
Viue com tanto suor,
E mal pode inda viuer,
Mal pode o anno vencer,
Sempre a sayda he mayor.

LII.

E diz, quem não se auentura
Não ganha, quem ha que o negue?
Escolherão hora segura,
Forão polla noite escura,
Guia o rico, o pobre segue.

LIII.

Entrão por paços dourados,
Cheyrosos inda da cea,
Tristes dos casais colmados
Do Sol, do vento queimados,
Pobre, & faminta d'aldea.

LIV.

Voume por meu conto auante
Mostralhe o cidadam tudo,
Que tras no bucho hum Iffante,
Quem quereis que não se espante
Anda o villamzinho mudo.

LV.

Que taõ ſómente em prouar
Das couſas que mais lhe aprazem
Ia começão de engeitar
Fartos pera arrebentar
En lans eſtrangeiras jazem.

LVI.

Niſto o deſpenſeiro chega,
Que eſtes bens não durão tanto
Veos, mas a preſſa o cega,
Hũ tiro, ou dous mal emprega,
Correos de canto em canto.

LVII.

Os cães á volta ſe erguerão,
Ladrão, que he alto ſerão,
As caſas eſtremecerão,
Todos juntos lá correrão,
Foy dito que os gatos não.

LVIII.

Sabia o de caſa a manha,
Sabia o paço, & fogio
O ratinho da montanha;
Aos pés em preſſa tamanha
O coraçam lhe cahio.

LIX.

Em fim paſſado o perigo
Da morte, que ante ſi vira,
O coytado ſó conſigo,
Pollo ſeu repouſo antigo,
Que mal deixara, ſoſpira.

LX.

Minha ſegura pobreza

Se

Se chegarey a ver quando
A vós torne, e eſta riqueza,
Mal, que o mundo tanto preza,
Fuja ſe puder voando.

LXI.

Ay baldias eſperanças,
Meu entendimento fraco,
Deixemos tais abaſtanças,
Tais riquezas, tais moſtranças
Deos me torne ao meu buraco.

A IOAM RODRIGUEZ DE SÁ DE MENESES.

CARTA QUARTA.

I.

DOS noſſos Sás Coloneſes
Gram tronco, nobre columna,
Groſſo ramo dos Meneſes,
Em ſangue, e bens de fortuna,
Que he tudo entre os Portugueſes.
Mas vòs que ſempre vos riſtes
Do pouo, que nam vé mais,
Ricamente alma veſtiſtes,
O mais tendes por demais.

II.

Aos grandes, aos valeroſos
Paſſados, de quem herdaſtes
Sobre nomes tam luſtroſos

Desque nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos.
Bem podereis descansar,
Que tempos foram de páz,
Podereis rir, & jugar
Como se na terra faz.

III.

Mas entrastes n'outra afronta
D'outra nobre cede cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vosso assossego,
Como de Catam se conta.
As letras que nam achastes
Vós as metestes na terra,
A nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinhão guerra.

IV.

Dizem dos nossos passados
Que os mais naõ sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu nam gabo, o nam saber
Como algũs às graças dados.
Gabo muito os seus custumes
Doeme se oje nam sam tais,
Mas das letras, ou perfumes
De quais veo o dano mais?

V.

Destes mimos Indianos
Ey gram medo a Portugal,
Que venhão a fazerlhe os danos,
Que Capua fez a Anibal
Vencedor de tantos annos.

A

A tempeſtade eſpantoſa
De Trebia, de Traſimeno,
De Canas, Capua viçoſa
Venceo em tempo piqueno.

VI.

Dom Afonſo d'Aragam
Rey nunca louuado aſſaz,
D'animo, & de coraçam
Tratava os liuros na paz
As armas na ocaſiam.
Ouuindo d'um Rey, que a mal
Tinha aos Reys, que foſſem lidos
Dito he dixe de animal,
Nam de Rey dos eſcolhidos.

VII.

Hum Marquez de grande conta
Por ſeu esforço, & ſaber
Para a paz, & para afronta,
A lança, ſoya dizer,
Cos liuros não ſe deſponta.
Eſte era a quem Ioão de Mena
Fez grande veneraçam
Quando ja tinha alta pena,
Bem aparada, inda nam.

VIII.

Dous vencedores do mundo,
Ceſar, & Alexandre o grande,
Das letras foram tè o fundo
Em que fortuna nam mande
Ponho aqui Bruto o ſegundo,
E ponho os dous Scipiões
Fim (como dizem) fatal

De Carthago, e dous Catões,
Podera pôr Anibal.

IX.

A fortaleza louuada
Anda em braços co a prudencia
Irmaã sua muito amada,
Põena auante a experiencia,
Tudo sem saber he nada.
Por forças nós que podemos?
Isso que he do saber veo:
O bem todo está no meo,
O mal todo nos estremos.

X.

Os Poetas tocão tudo,
Iaz porem mais alto o crauo;
Olhando pollo meudo,
O seu grande Achiles brauo
Ensinao Chyron sesudo.
Que lhe abrande aquella sanha
Sua, natural, que he muita
Em hũa coua soterranha,
Canta o velho, o moço escuita.

XI.

Veados correm co vento
Igualmente, & dos leões,
Hum só tem força por cento
De nós, tem seus corações,
Nòs temos entendimento.
Por onde entre nós deuemos
Estimar aquelles sós,
Que na parte, em que vencemos
Nos vencem elles a nòs.

XII.

Quando daua homens a terra,
O que ja tanto nam faz,
Da paz tratauão na guerra,
Tambem da guerra na paz,
Agora em tudo nos erra.
Que tirando algum abrigo
Muy raro, no mais de fraca,
Semeais, eſperais trigo,
Naſce joyo, & eruilhaca.

XIII.

Diogenes em claro dia,
Hia buſcando à candea,
O que ninguem o ſabia
Em Athenas (em que Aldea?)
Indo, & vindo aſſi dezia.
Voume por aqui buſcando
Entre tantos homens hum,
Neſte vão canſaſſo ando,
Inda não achey nenhum.

XIV.

Deixemos queixas antigas,
Quero vos dizer de mim,
Que deſtas voſſas amigas
Digo as letras, pera o fim
Ajunto como as formigas.
Porque ninguem me lançaſſe
Como a cegarrega, em roſto,
Em Dezembro que bayllaſſe,
Pois que cantara em Agoſto.

XV.

Perdido tudo no mar,

Sain-

Saindo o grão Zeno a nado;
Vendo a fazenda ondejar,
Assi, disse despejado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentindo algum fruto,
Cada hora espero que creça,
Andey fora, o vento muito
Fezme grão mal â cabeça.

XVI.

Tirame a philosophia,
Que me promete saude,
Dame a mão, ella me guia,
Ouço fallar a virtude
Se a visse, sararmehia.
Diz Platão que he dos melhores
Que de só pôr olhos nella,
Altos, & acesos amores
Sempre teria com ella.

XVII.

Como digo, eu só d'ouuir
Ando como homem pasmado,
Desejoso de a seguir
Chorando tudo o passado
Temendo tudo o por vir.
Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto huns maos imigos
De casa a que muito temo

XVIII.

A minha guia, este ascento
De viuer assi cà fora,
Louua, & dame atreuimento

D'ir

D'ir auante hora por hora
Em que assi cego, & attento,
Sobre tudo os bons Doutores
Sanctos, louuão tal tenção,
Para cuidar nos amores
Tão certos no galardão.

XIX.

Quem tanta força tiuesse
Como cumpre à vida actiua,
Que aos encontros se tiuesse,
Virtude era ella mais viua
De mais fruto, & interesse.
Por Raquel, que não por Lia
Sete, & sete annos serui,
Pode ser por ella hum dia,
Que inda voasse daqui.

XX.

E entre tantos conselheiros
Busco que andem às verdades
Nestes liuros meus parceiros
Naõ nas praças das cidades
Amigos auentureiros.
Amigos de louuaminhas
Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as Andorinhas
Vam, & vem com tempo feito.

XXI.

Sophistas me sam defesos.
Com seus enganos, e scismas,
Eylos soltos, eylos presos:
De fé, que naõ de sophismas,
Quer Deos os peitos acesos.

Que

Que nas agoas encharcadas,
Hi ſe ajuntam como rans,
Fazem grandes matinadas,
Tudo ſam palauras vans.

XXII.

As Muſas me nam defendem,
Deixemos as demaſias,
Que a todo o ſaõ peito ofendem
Mandam rir de couſas frias
De alguns, que agudezas vendem.
Entendimentos diuerſos
Com que artes nos encantam,
Pſalmos que ſam ſenaõ verſos,
E os Hymnos que a Deos ſe cantam.

XXIII.

Aquelles cantares finos,
A que Liricos dixeram,
Os Gregos, & os Latinos,
Dizeyme donde os ouueram;
Senam dos liuros diuinos?
Quantos que delles ao ſeu
Trouxeram as aguas à mão
Regou Pindaro, & Alceu,
Regou ſeus campos Platão.

XXIV.

Mas o que eu por ora aprendo
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas foſſem dignos meus olhos
De cegar ſobr'elles lendo.
Que de ſeus miſterios altos
Aſſi lubrigando vejo,

Que

Que naõ ſou pera tais ſaltos
Porem ſoſpiro, & deſejo.

XXV.

Era em grande differença,
Se caſaria, ſenam,
Ouue de ſayr ſentença
Que a ſó huma o coraçam
Deſſe, e deſſe às mais licença.
Iſto dito, Amor mais raro
Deu ſinais como era alli
Outro ſom do Cordel claro
Outro das frechas ouui

XXVI.

Amor, que eſtás ſempre auindo
Com Deos, que he a pura verdade
Sejas por ſempre bem vindo,
Ao entregar da vontade,
Que entrego ende aqui ſentindo
Poem do teu fogo a eſta caſa,
Faze quanto nella ha teu
Que Deos he fogo que abraſa
Sey o de hum priuado ſeu.

A PERO CARVALHO.
CARTA QUINTA.

I.

NO lugar onde me viſtes
D'agoa, & do monte apertado,
E d'outras paixões, que ouuiſtes
Tenho mais dias contado
De ledos, que nam de triſtes.

II.

Iſto que ora ouuis de mi
Olhay ſe ouuis lá d'alguem,
Buſcay, preguntay ſem fim,
No deſejado Almeirim,
No farto de Sanctarem.

III.

Que tençam todos tomaſtes
A terra, que me criou
De quem tanto praguejaſtes?
Porque, porque vos liurou
Da peſte, com que hi chegaſtes?

IV.

Foſtes mal agaſalhados?
Não certo, que atè as fazendas
Vos dauaõ paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe voſſas rendas.

V.

Homens que ſempre aos proueitos,

E

E a vosso interesse andais
Vestidos de falsos peitos,
Quam pouco que vos lembrais
Dos saõs, dos comuns respeitos.

VI.

Por esta causa se vee
Differença nos conselhos,
E chega inda o mal até
Desacreditar nos velhos
A saã prudencia, & a fé.

VII.

O que eu por parcialidade,
Nem outro respeito digo
Da antigua, e nobre Cidade,
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.

VIII.

Como vos partistes dahi
Logo abrigados achey,
Onde me desencolhi
Seguramente dormi,
Seguramente veley.

IX.

Cidade rica do sancto
Corpo do seu Rey primeiro,
Que inda vimos com espanto
A tam pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto.

X.

Rey, a quem se Deos mostrou,
Rey, que tantos Reys venceo,
Rey, que taes Reys nos deixou,

O bom filho hi se lançou,
Que até Seuilha correo.

XI.

Outro Rey nosso sem mal,
Que lhe empeceo a bondade
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra Cidade
Que lhe fosse tam leal?

XII.

Qual a sua fé saluou,
Por tanto perigo, & medo,
Qual outra tanto esperou,
Qual outra as chaues mandou
Ao Rey ja morto em Toledo.

XIII.

Mas tornando ao abrigado
Onde me furtey aos ventos
Hi depois de mi tornado,
Que rir, que esmorecimentos
Do tempo tam mal gastado!

XIV.

E o fogo, que se ora ascende,
A presteza das mudanças
Mal, que tão longe se estende,
As vidas curtas defende
Tomar longas esperanças.

XV.

Giges na sua abastança,
Que de toda a parte ajunta,
Inchado em tanta bonança,
Apolo hum dia pergunta
Polla bemauenturança.

Tal

XVI.

Tal fumo Apolo entendendo
Iulgou por melhor eſtado
O de Glao, que paſtor ſendo,
Se hia cantando, & tangendo,
Olho ſòmente ao ſeu gado.

XVII.

ó ricos que eſta riqueza
Eſtá no contentamento,
Mais tem quem mais a deſpreza,
Não foge o rico auarento
Por mais que fuja à pobreza.

XVIII.

Onde mais pode caber
Sinal he de lugar vão,
Que ſe pode ainda encher,
Os coraçóes hão de ſer
Ricos, que os cofres não.

XIX.

Por faminto que venhais
Morto com ſede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
O monte dà que comais.

XX.

Quem à appetites dà crença,
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca eſpereis que ſe vença,
Sinal de hũa má doença,
Quanto mais agoa, mais ſede.

XXI.

Tem cobiça a boca aberta,

Iſto que te aſſi parece,
E tras que andas tanto á lerta,
Luz de fora, & reſplandece,
Dentro não ha couſa certa.

XXII.

O juyzo, & a rezão ata,
Tudo deixa eſcuro, e em erro,
As leys de Deos deſacata,
Do tão mole ouro, & da prata
Fez duras priſões de ferro.

XXIII.

Eſta entrada em noſſos peitos
Fez nelles eſtragos tais,
Que hermos ficão, e desfeitos
Abertos por mil portais
A todo vento ſogeitos.

XXIV.

Que nam fará? pois trocar
Nos fez a paz polla guerra,
Fez hũs aos outros matar,
Paſſou de viuenda ao mar
Homens naturais da terra.

XXV.

Eſcrauos, mais que os eſcrauos
Por rezam, & por juſtiça,
Deixayvos de tantos gabos,
Que vos vendeo a cobiça,
A mar brauo, e a ventos brauos.

XXVI.

Eſpritos vindos do Ceo
Poſtos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo,

Por-

Porque nada vos vendeo,
Melhor fora antes de graça.

XXVII.

Metais de tam baixa liga,
Que nos na terra eſcondera
Natureza, mãy, & amiga,
Entre nós, & elles puſera,
Tanto trabalho, & fadiga.

XXVIII.

Seruio de mór appetito,
(Differão fortuna, e enueja)
Em fim ſeu feito, ſeu dito,
Pera al criado o ſprito,
Iſto ſó ſonha, & deſeja.

XXIX.

E porem que ſam? engano,
Que mais hũa mãy fizera,
Afaſtauanos o dano
Aos filhos que à vida dera,
Aceſa de amor humano.

XXX.

Mas que pode aproueitar,
Se lhe fazemos tal guerra,
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra.

XXXI.

Nas Minas altas que digo
Reuolta a terra té o centro,
Que faz o homem enemigo
De ſeu repouſo lá dentro
Com tal trabalho, & perigo?

XXXII.

Debaixo da terra fria
Aja vergonha a rezam,
Aja alma que mais deuia,
Que deixando atras o dia
Polla noite auante vam.

XXXIII.

Não tem termo homens oufando
De feu fifo em defemparo,
Tudo forão apalpando,
Té pollo ar folto, & raro
Ouue quem foffe voando.

XXXIV.

Gente que não teme nada
Cos medos fe defafia,
Por mares fem fundo nada,
Paffou a Zona torrada.
Anda por paffar a fria.

XXXV.

Não he pera tanto a vida
Quanto milhor efcolheo
Quem na dorna ao Sol voluida
Viueo mais rico, & morreo,
Que Craffo, que Creffo, & Mida?

XXXVI.

Fugindo Crates ao ouro
Mais que hum couarde do ferro
E as coufas de mao agouro,
Lançou ao mar gran thefouro,
Quem farà agora tal erro?

XXXVII.

Por força a Cidade auida,

Ref-

Refpondeo ao enemigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudo o meu leuo comigo,
Deixo a fortuna corrida.

XXXVIII.

Aos d'Efparta naturais,
Refponde Apolo a feu rogo,
Se a liberdade eftimais,
Velayuos defte ouro mais,
Que do ferro, nem do fogo.

XXXIX.

Do grande Epiteto o nobre
Efprito, fó liure, & franco
N'um corpo coytado, & pobre,
Efcrauo, & ainda manco,
Quanta de riqueza encobre?

XL.

Da fua fraça cafinha
Ledo fae, ledo á ella torna,
O mefmo que hia effe vinha,
Cafa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?

XLI.

Iefu Chrifto bufca obreiros,
Não nos quer defpedaçados,
Quer os feus de todo inteiros
Dos corações alugados,
Poucos fam os verdadeiros.

XLII.

Gente de vontade dura
(Diz elle) que não andais?
Em quanto efta luz vos dura,

Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.

XLIII.

Não seria eu isto vendo
De juyzo, & rezão saã,
Andar mais dias perdendo,
Comecey ante menhã,
Não sey que andaua fazendo.

XLIV.

Hiame enjoado assi
Ao som por onde os mais andam
Olhe bem cada hum por si,
Que estes bens falsos daqui,
Senão saõ mandados mandam.

XLV.

Os desejos sam sem termo,
A esperança he saborosa,
Eu contenteyme deste hermo
Polla rezão que a Raposa
Deu ao Leão, que era enfermo.

XLVI.

Meu Rey, meu senhor Leão
Olho cà, & olho là,
Vejo pegadas no chaõ
Que todas para là vão,
Nenhũa vem pera cà.

XLVII.

Essa Cyrces feiticeira
Da corte tudo tresanda,
Deste faz Onça ligeira,
Lobo outro, que á carniça anda
Outro cão que a caça cheira.

Al-

XLVIII.

Alguns Papagayos vam,
Outro vſo direito em pé
Cada hum de ſua feição,
Outro gatinho hermitão
Deſtes que vem de Guiné.

XLIX.

Cantam ao paſſar Sereas,
Qne fazem adormecer,
Correndo todas as veas,
De tal ſono as deixão cheas,
Que ſenão pode homem erguer.

L.

Vou co penſamento, & venho
E ao meu medo deuo muito,
Por quem liure me ſoſtenho,
Pello que vi, & que eſcuyto
Niſſo, que tenho, aſſas tenho.

LI.

Do com que eu folgo, outros rim,
Cada hum terà ſua eſcuſa:
Iá vos dey muitas por mim,
Eſtas couſas ſam em fim,
Como dellas homem vſa.

LII.

Sejão rezões poderoſas,
Olhay, que o ferro ſe deu
Para couſas proueitoſas,
Depois eſte meu, & teu
Fez delle as armas danoſas.

LIII.

O fogo, que nos foy dado

A tantas neceſſidades,
Que ſer não pode apreſſado,
Fará, & fez no paſſado
Em pó ja muitas cidades.

LIV.

D'eſte engenho, que diremos?
De quem nós tais gabos damos
Com quem tudo acometemos?
Quantas vezes delle vſamos
Mal, e como nam deuemos?

LV.

Dom do ceo noſſo eſpecial,
E veyo a ſer todauia
Eſte homem racional,
Tam agudo no ſeu mal,
Como ontem n'artelheria.

LVI.

A fins tão deſordenados,
Que remedios ſe offerecem?
Diz S. Paulo, homens errados
Se os odios entre vós crecem,
Comeruos eis aos bocados.

LVII.

O nome da ocioſidade
Soa mal, mas ſe ella ſaá
Bem occupada, he bondade,
Socrates da liberdade
Lhe chamaua ſempre irmãa.

LVIII.

Douvos Enio por author,
Quem não ſabe vſar do ocio
Canſa, & anda derredor,

Vem

Vem a ter mayor negocio,
Que hum grande negociador.

LIX.

Porque eſte ſabe apos que anda,
Aquelle aſſi nam ſe entende,
Quanto anda, tanto deſanda
Não ſe obedece, nem manda,
Ora ſe apaga, ora aſcende.

LX.

Vello ir, vello tornar,
Vello canſar, & gemer,
E em buſca de ſi andar,
Cobrar a còr, & perder,
Que ſenão pode topar.

LXI.

Mas eu porque paſſa aſſi,
Que ſeja muito, direy,
Dias ha que me eſcondi,
Co que li, co que eſcriui
Inda me não enfadey.

A DOM FERNANDO DE MENESES.

CARTA SEXTA.

Guadalquibir arriba a rica praya
Viſtes tam perigoſa, & as marauilhas
De que contais, que ouuindo homem deſmaya.
Viſtes armadas tantas armadilhas
Aos olhos, & entre outros entremeſes
Peſcar com redes d'ouro das Antilhas.
Senhor meu Dom Fernando de Meneſes,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,
Em tempo d'Eſpanhoes, & de Franceſes.
Os jardins de Valença d'Aragão,
Onde Amor viue, & reyna, onde florece,
Por onde tantas embuçadas vão.
Mas iſſo aſſi, direy que mais parece
As couas de Seuilha ſoterranhas,
Onde a vida em prazer deſaparece.
Quem nam dirà tambem que ſam patranhas
As couſas, que alli viſtes ſer verdade?
Sabeis de que lhe vem? de ſer tamanhas.
Eſpreita onde vé a rica ocioſidade
Amor, a ſeus prazeres ſolta, & a vaã
Deſenfreada prodigalidade:
Imiga das leys ſanctas, & da ſaã,
E boa temperança, & vida pura
Deſſ'outra vida Seuilhana irmaã.

Aquel-

Aquelles ſam ſeus parques, hi aſſegura
  Os ſeus eſtados grandes, as ſuas cortes,
  Alli he gram ſenhor, dura o que dura.
Por ahi paſſea, & vay a ſeus deportes,
  Viue alli Salamandra no ſeu fogo,
  Que a elle a vida dá, & aos ſeus mil mortes.
De quem ſe elle apodera, entrando logo
  A liberdade foge, & nunca mais,
  Em quanto o hi ſente torna a riſa, ou jogo.
Mas tornemos ás nouas que me dais
  Das ſenhoras, das caſas, & das ſedas,
  Pedraria, que cega os auençais.
Para onde correm todas as moedas,
  As d'ouro poderoſo, & prata fina,
  Em ricas praças ricas almoedas.
Quem ſe alli chega aos lanços deſatina,
  A primeira auentura he a do ſiſo,
  Que logo perde, tudo à banda inclina.
Alli o ſaber, alli o brando auiſo,
  As boas partes todas quantas ſam,
  Nobreza, & parecer he tudo hum riſo.
Vendendo ellas o ſeu ſempre em pregam,
  Couſas que em tendas ſe acham por hum nada,
  Regateiras crueis, por quanto as dam?
Que cegueira eſta he ja tam coſtumada,
  Em todo tempo, em toda ley, & idade,
  Quem mais leua na bolſa, eſſe arrecada.
Não fallemos naquella infirmidade
  De ſeus validos, que he como ſe acerta,
  Por appetites ſó, por liuiandade.
Que nam ſe pode dar hi regra certa,
  Senão que aſſi lhe apraz a quem ſe obriga,

Que

Que dos mais he cada hum como se offerta.
Quem dirâ ora que nisto a gente antiga,
Que tanto vio, vio pouco, do custume
Cega, & desta bayxa humana liga?
Entrando o tempo mais, entrou mais lume
Suspirouse melhor, veo outra gente
De que o Petrarcha fez tam rico ordume.
Eu digo os Proençaes, que inda se sente
O som dos brandos versos, que entoaram
As suas Musas brandas, brandamente.
Despois, ah que vergonha, em fim tornaram
A cayr muitos neste amor vicioso,
O fino, os peitos finos o saluaram.
Escreuem, que hum Philosopho famoso
Tentado dessa Lays, por quem se chama
O porto de Corinto perigoso.
Dessa a quem todos ver vinham por fama
De sua fermosura, ficou tal
Que vencedor tornou, vencida a dama.
E mais quando o perdam era géral
A todos neste caso, tanto a vsança
A dar culpa, & desculpa pode, & val.
Porem de hũa tamanha confiança
De si, de tal constancia, em tais amores,
De hum só seja aqui dito em tal lembrança.
Enxamea este mundo, & dá das flores
Como lhe apraz a grande natureza,
Dos sanctos naó me meto em seus louuores.
Que nam se atreue a tanto esta rudeza,
Do baixo estillo meu, da fraca vea,
Que entendo, & não me engana sua pobreza.
Ora estais jà na corte onde se atea

Pa-

Para vós outra fragoa, outra contenda,
 Outra prisaõ mais nobre, outra cadea.
Onde, nem tudo leua a grande renda,
 Nem a negociação, que isso seria
 Tirar poder ao Amor, dallo à fazenda.
Amor he senhor grande, & nam se guia
 Por interesses vijs, dar, & tomar,
 E seu trato nam he de mercancia.
Amor he hum bem, que corre sem parar,
 Que não sabe pór nodoas de sospeitas
 Na fé, nem inquirir, nem duuidar.
Nam ergue ao ar figuras contrafeitas
 Como vemos as tardes nuuens raras
 Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Nam tem contra sinais, nem Almenaras,
 Nam manda escuitas fora, ahi he paz boa,
 Correm das fontes claras, aguas claras.
Quam longe do outro cego que ao ar voa,
 Tudo desassossegos, & queixumes,
 Cuidais que his vento a popa, his vento a proa.
Tudo desconfianças, & ciumes,
 Huns nadas que porem fendem d'agudo,
 Reyna no pouo, & segue os seus custumes.
Este tudo he fallar, o outro he mudo,
 Ouçanse os coraçóes, que ouuidos tem,
 Mais certos, & outros olhos que vem tudo.
Que os peitos passam, da banda d'alem,
 Como o Sol dando faz n'ũa vidraça,
 Os claros coraçóes claro se vem.
Verdade he que estes tempos nam dá graça,
 Essa que dar soya no passado
 Que sayr nam no deixa tanto à praça.

Te-

Temese d'hum enemigo apoderado
  Da rezam, que sò sonha India, & Brasil,
  Tè que cada hum de là torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil,
  E mil, este interesse que aja mal,
  Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
Os Momos, os serões de Portugal
  Tam fallados no mundo onde sam idos,
  E as graças temperadas de seu sal?
Dos motes o primor, & altos sentidos,
  Os ditos auisados cortesaõs,
  Que delles? quem lhes dà sòmente ouuidos?
Mas deixemos ora ir queixumes vãos,
  Assi foy sempre, assi sempre será,
  Trocamse os tempos, fogem d'antre as mãos.
Nam vedes quantas voltas que o Sol dà,
  Ora aparece, ora desaparece,
  Que debaixo do Ceo cá quedo está?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece,
  Dam volta as cousas todas a reueses,
  N'um poço sobe hum balde, & outro dece:
Mas vós, ò bom Dom Ioam, vós de Meneses
  Dom Manoel, que tais tempos lograstes,
  Chamaruos ey ditosos muytas vezes.
Que com tanto louuor aqui cantastes,
  E com tal voz, que ainda eu alcancey
  Os derradeiros eccos, que deixastes.
Depois de fora parte aqui escuitey,
  E ouui cantares, foram elles tais,
  Que eu tambem trasportado os meus cantey.
Ora outra vez a vós senhor que andais
  Naquella viua força dessa idade,

De

De que os amores ſe apoderaim mais.
Nam me ſeja contado iſto a vaydade,
Mas eu nam vejo aqui couſa mundana,
Que tam pouco pareça á humanidade.
Quem cuydando terá por obra humana
Hũa alma que tam firmemente eſcora
Que o poder da fortuna nam na abana.
Alçaſe o eſprito, & vay de fos em fora
De todos os ſentidos, ſó por ſi,
Ouue, & vee de que viue ora por ora.
De tudo quanto o mundo preſa, ri,
Tudo lhe he (como dizem) neuoa, & vento,
Paſſouſe a corpo alheo, & viue alli.
Buſcou, & pos tam alto o fundamento
Que por couſa que veja, ou que aconteça
O meſmo he no prazer, que no tormento.
Hi ſe acaba o ſeu bem, onde começa,
Faz como Aguia aos filhos que os engeita,
Se a viſta ao Sol d'algum vee que enfraqueça.
Aſſi toma aos cuidados conta eſtreita,
E aquelle, que ſer bom claro nam vee,
Nam he dos ſeus, a conta em nada he feita.
E aſſi ſó abraçado com ſua fé
Sem querer nada mais, hi ſe adormenta,
Que riqueza grandiſſima aquella he
Que hũa parte ſó viua, outra nam ſenta.

A HVA SENHORA MVITO LIDA

EM NOME DE CERTO SERUIDOR SEU.

CARTA SETIMA.

Cuidando em vòs ſenhora no alto engenho
Delicado ſaber, na tanta eſtima,
Não ſey com que ouſadia ante vòs venho.
Por dom da natureza, poſta a cima
De tudo o que aqui vemos deſcuberto,
A que he tam neceſſaria a voſſa lima.
Occaſiões eſperando, & algum acerto
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males paſſey? quam encuberto?
As eſperanças foramſe cos ventos
Dias ha, ſe eu tiuera viſta algũa,
Mas bem he que aſſi vam vãos penſamentos.
Senhora, quanto Sol, & quanta Lũa,
Em quanto eu cuido, & temo, ſe me vam
Viuendo triſte ſem vida nenhũa.
Cuidaua eu que valeſſe eſta rezam
Com quem tanto ella val, val pouco em fim,
Nomes cuſtoſos, que remedio nam.
Comigo a braços a que eſtado vim?
Lidando noite, & dia, em fim quebrados
Huns me moſtram ao dedo, outros ſe rim.
Sam fogos como os que vemos pintados,
Nao chego a dizer mais, digo o que poſſo
Os d'alma ſó ſam os viuos, & os callados.

Não

Não ſey como não viſtes eſte voſſo
Eſprito (em tanto tempo) onde aſſi val
Eſte nome de meu, & inda de noſſo.
Nem como andais cuidando tanto em al,
Que não viſtes eſta alma em tantos dias,
Que a vòs ſò tem por bem ſeu principal,
E não ſe vos moſtrou por tantas vias,
Tanta verdade, experiencia tanta,
Apurada em taes fogos, & agonias?
Eſſa viſta, que o mundo todo eſpanta,
Aquelle entendimento tam profundo
Quem o cega aſſi niſto, quem o encanta?
Hercules tam fallado pollo mundo,
Que trabalhos venceo? porem a dura
Madraſta não canſou tè verlhe o fundo.
Em fim vendoo no fogo, ja ſegura
Seus olhos farta, mas as immortaes
Honras, que ſe lhe deuem, torna eſcura.
Iulgamſe as couſas pollos ſeus ſinais
Milhor, que por palauras, que farey?
Tudo me lembra, & tudo por demais.
Tyrania cruel, aſpera ley,
Que aſſi quer o que quer, braua opiniam,
Abaſta, aſſi me apraz, aſſi mandey?
Tirando ſeu lugar ſempre à rezam,
Mas a culpa he d'Amor, que enuolue tudo,
Deixay chamar os ſeus por elle em vam.
O duro, o brando, o ſem ſiſo, o ſeſudo,
O velho com ſuas lagrimas piadoſas,
O moço aos ſobreſaltos bronco, & mudo.
Amor tem cheo d'armas victorioſas
(Em padrões altos) tudo ao derredor,

Poſ-

Pollas façanhas ſuas eſpantoſas.
Poderoſo, abſoluto, & ſò ſenhor,
Os Deoſes tem os fados ſobre ſi,
Liuremente o que quer, ſò pode Amor.
Os ſanctos juramentos, ora aſſi,
Ora aſſi feitos, paſſa em graça, & riſo
Tê d'alagoa ſubterranea ri.
Não ſe pode fallar eſtando em ſiſo
Nas gaandezas d'Amor, cumpre que eſté
O entendimento do corpo diuiſo.
O que ao baixo o liuel noſſo ſe vé,
Tudo tambem he baixo: eſtes ſentidos
Leuemente enganados, nam dão fé.
Os remos n'agoa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue,
De mãos, & aſſi ſe enganão os ouuidos.
Bem ſabeis vòs, ſenhora, o que ſe eſcreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro ſe atreue.
Frutas pintou hum delles, que de dia
Vinhão as aues comer, outro d'hum veo
Pintado fez, que a ſua obra eſcondia
Vede quanto a arte pode? nam valeo
Alli viſta, & ſaber, o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz ledo o vencedor (foſte baſtante
A enganar aues) que victoria a minha
Enganando vn pintor tam poſto auante.
Aquelle leue Grego que hia, & vinha
Com tanta ligeireza, & tal feruor,
Que os pés voauão, & quedo o corpo tinha.
Qnando cuidauão que auia de traſpor,

Inda desse lugar não se mouera,
De que esperaua premio apos louuor.
ElRey Agesilao que não pusera
Nisso cuidado, mais não disse então,
Que affirmar, que jogral lhe parecera.
Ora tornando atras, pouco mais sam
Os nossos olhos, que esses dos morcegos,
Pois que hũas cousas vem, & as outras não.
Seus thesouros, & seus ricos empregos
Alcançamse por sorte grande, & rara,
Iazem em muy profundos, & altos pegos.
Tanto ha que canso, que me desempara
O mesmo tempo, as forças desfallecem
Ay quanto custa hũa esperança cara!
Queixas a algũs de fóra isto parecem,
E quiçais que o serão, só alma o sente,
E estes olhos coytados que amollecem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Desses que vemos tantos a milhares
Regidos só do caso, & do accidente.
Ondas, que aos ventos vão correndo os mares
Andabatas que ferem ás escuras,
E sem certeza dão por esses ares.
Estas serião as desauenturas
Que Heraclito choraua em vida andando,
E Democrito ria, por loucuras.
Com muitas outras, que fazem grão bando,
Posto que serão sempre as principais
As dos que assi se perdem, outrem buscando.
Meus desatinos, onde me leuais,
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andorriais?

Tomaſtesme jazendo à minha fonte,
 O caminho não mingoa, antes mais crece,
 Por muito que a rezão clara deſconte.
E não me baſta o mal que me acontece,
 Que he tanto em dano meu, ſenão a vergonha
 Que de mi, & que d'outrem me recrece.
Que ſorte tão eſtranha de peçonha,
 Ando em buſca de mi, não ſey por onde
 Em quanto eſta alma treſualia, & ſonha.
Aqui ſómente a vaã ecco reſponde,
 Que parece tambem que anda ella em buſca,
 Não ſey porque cauernas ſe me eſconde.
Quando o mundo eſclarece, & quando embruſca
 Se eu ſoſpiro, ſoſpira, ah crueldade,
 Tambem dirà por mi, eſte que buſca;
Triſte, que ja não ando apos piedade,
 Sou em poder da dór, entendo o erro,
 Entendo o dano, entendo a vaydade.
Sigo hũas ſombras vãs, que nunca afferro,
 De hũa ſó folha que atraueſſa tremo,
 O tempo gaſta as pedras, gaſta o ferro,
 Por mi ja nada, por vós tudo temo.

A IORGE DE MONTE MAYOR,

EM REPOSTA DE OUTRA QUE LHE ESCREUEO,

Que deue andar impressa nas suas Obras.

CARTA OITAVA.

MONTE Mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxiesses dulces aguas de Pegaso.
Que harê? que al responder tembla la mano,
Trabaje por escusa, si la hallara,
Buscando lo que no ay, cansase en vano.
No dissimularé la verdad clara,
Yendo a te responder atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçara.
Temia lo que aun temo, que diria,
El que oydos alçasse a la respuesta,
La tierra tan preñada que paria?
Soltóse todo en risa, tanto cuesta
Esperar mucho, viendo por antojos,
Quanto a mi, quien me loa, me amonesta.
Poniendome delante de los ojos
Como en pintura lo que seguir deuo,
Y en traje de loores, son abrojos.
Forçado a responderte al fin me mueuo,
Del ierro a sabiendas vienen, van sudores,
La pluma agora, agora el huelgo prueuo.
Si con Monte Mayor trato de amores,
Quando le alcançarè? và de corrida,

De laurel coronado, de yedra, y flores.
Y ſi tratar quiſieſſe de la vida,
Que ſolo es vida cierta, y tan ſegura,
La entrada es alta, ciega la ſalida.
Ó buen Mondego, que en la Eſtremadura
Nueſtra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiſte gran ventura.
Que al fin del mundo agora has dado vn fruto,
Que lo hinche de olor todo, y que lleuantà
La niebla de la ſierra, y el campo à enxuto.
Mientras tañendo vá, mientras que el canta,
La ſu Marfida por los campos llanos,
Regados de tu agoa, a quien no eſpanta?
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos,
El mi Diego eſparzio ſin aluedrio,
Atado alli d'Amor de pies, y manos.
Con mejor ſuerte eſt'otro, del tu rio
Paſſó los altos puertos, buelue lleno
De gloria al patrio nido ſuyo, y mio.
Aziendo como el ayre tan ſereno,
De nueſtra Luſitania en lexas tierras,
Qu'ande de boca en boca, ſeno en ſeno.
Fue Monte Mayor yà nombrado en guerras
Del Sancto Abad Don Iuan (cuentaſe aſſi)
Agora dexa atras aguas, y ſierras.
Quando Moros podian tanto aqui,
(Ah los muchos peccados de Chriſtianos)
Quedóſe el leal Monte en ſaluo alli.
Marſilio de gran nombre entre Paganos
Del Hebro a la ribera puſo ſilla,
Y araya entre Carthago, y los Romanos.
Entraran Mahometanos por Caſtilla,

D'

D'Amor, de Marte fiero vuo auenturas,
Quien cré, quien no las cré se marauilla.
De tan escuros tiempos, tan escuras
Cosas, de vista cuenta el buen Turpino,
A estraños cuentos orejas seguras.
El Hadado Roldan, Reynaldo Dino
Que le fuera fortuna mas cortès,
De su riqueza a vn tal Paladino.
Ruger del ingenioso Ferrarès
Tan alabado en tan sabroso estilo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Orilo,
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
El negro, en la ribera allà del Nilo,
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante
En campo armadas espanto, y terror
Por enemigas hazes adelante.
Hasta tanto llegué por tu sabor,
Que está todo en Marfida, he te seruido,
Si mal, no deprendi las leys d'Amor.
Vezino àquel tu Monte do has nascido
Cogi el ayre de vida, y del Mondego
La clara, y tan sabrosa agua he beuido.
Assiento de las Musas, tras el ciego
Niño, que buela, perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos, no lo niego.
Y aqui parado estando agora, quando
Contemplo las pisadas, que atras dexo
Cierto que entiendo mal, si ando, o desando:
Y en tal sazon quiçâ d'Amor me quexo
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, y triste Alexo.

Que

Que haremos a eſtos nueſtros coraçones,
  Que hurtandoſe de nós quando ellos quieren,
  Acogiendoſe van a ſus priſiones?
Bien vees, que eſtos ſentidos en nós mueren,
  Biuen en otra parte, y alli paſſados,
  De allâ nos llaman ſiempre, y nos requieren.
Y mas con que blandura? amenazados
  Como a eſclauos, que huyerão, noche, y dia,
  Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Haſta el mal que paſſó aun deſafia
  La vida, y con deſſeos de preſencia
  Se buelue a codiciar lo que dolia.
El nueſtro Andrade vi muerto de auſencia,
  Eſprito tan gentil, tan mal tratado,
  En tan terrible mal tanta paciencia.
Naſcido para amar, y ſer amado,
  Mas es Amor cruel naturalmente;
  Tan contrario del nombre que le han dado.
Ó ciegos, que razon ſufre, y conſiente,
  Que lo que os aquexaua alla cada ora,
  Aca con ſu deſſeo os atormente?
Quien no ſabe que aquel que Amor adora,
  Y que mas vientos beue por ſus coſas,
  Por vna vez ſe ri, quantas que llora?
Que mueſtras ſon las ſuyas tan luſtroſas!
  Que lexos de pintura tan diuinos!
  Que aguas que d'alto caen tan hermoſas!
Que ſoledades de los altos pinos,
  Que en el monte Menalio a las eſtrellas
  (Licencia ayan palabras) ſon vezinos?
Que los cantares, antes las querellas
  De ſus paſtores oyen, & en tal parte

Pa-

Parece que refponden al fin dellas.
Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal fus flechas, vanle acompañar
Por la razon, que ende ay, Venus, y Marte.
Con que palabras te podrè rogar,
(Y fea con perdon de quien te llama)
Que tan prefto nos no quieras dexar.
Marfida el fuego tuyo, y dulce llama
Aura por bien de fer aca cantada,
Do no vino en perfona, venga en fama,
Bien fabe que la muerte fiera ayrada,
Quanto nafce amenaza, y no perdona,
Que a todo lo que biue buelue en nada.
Tu folo enternecifte efta Leona
Con los cantares de tu ingenio raro,
Con el fauor del hijo de Latona.
Lleuanta tus fentidos al amparo
Tan alto, y tan feguro, como tienes,
De la Princefa nueftra vn Sol tan claro.
No feas como muchos, que fus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, fi bien te auienes.
Con la fuerte, que vuifte, que efclarece
Por la cafa real en todo eftado
Do por coftumbre antigua embidia crece.
Mas las Mufas al fin tendran cuidado
De fu Poeta, pues le quieren tanto,
Como a quien de años tiernos han criado.
Al fon de fus vihuelas de fu canto
Entonandolo fiempre de que es prueua
Mouer el quando canta a gozo, y a llanto.
Deftos muy cuerdos no me es cofa nueua

Que

Que esten burlando esclauos del prouecho,
A do parece, o que arda el Cielo, o llueua.
Esforçandose siempre, o con derecho,
O sin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa hasta su techo.
El oro blando a todo abre camino,
Mas quel hierro, y solo es dicho, auer
Nadie inquiere despues do donde vino.
Las buenas Musas bastales tener
Lo necessario, para que es afan
Vano, si en fin tan poco es menester.
No vees los dias con que priessa van,
Vnos tras otros, pocos son los ledos,
Que piensas todos juntos que seran?
Humos, y vientos, que nunca estan quedos
Esse poco de vida, y breue instante
Lleno de sobresaltos, y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante
A Laura hizo el Petrarcha tan famosa
Que suena deste mar al de Leuante.
Bocacio alçó Fiameta en verso, y prosa,
De Pystoya el buen Cyno a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa!
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria
De toda parte, como que se coaja.
A ti las diosas de la Poesia,
Y a tu Marfida, haran ser immortales,
Que nunca le anochesca a vuestro dia.
Em quanto al cuerpo destos animales,
Que llamão brutos, mucho atras quedamos
Mas que en sentidos no nos son yguales,
Hemos de confessar, que no queramos. AO

AO DOVTOR ANTONIO FERREIRA

EM REPOSTA D'OUTRA SUA,

Que anda impreſſa co as ſuas Obras.

ELEGIA.

ESTA branda Elegia, eſta tam voſſa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vay fugindo ant'ella a neuoa groſſa.
Bem vejo que era empreſa principal
Eſta a que vinha, mas a dòr rezente
Tempo eſperaua, cura mais géral.
Quanto que aquella vea aſſi corrente
Se deue àquelle engenho prompto, & raro
Que aſſi ſente, aſſi diz tudo o que ſente.
E maîs em tal ſazão tempo tão auaro
De louuores alheos, em tal danno
Dos engenhos que ſe achão ſem emparo.
Vem hum dando a cabeça, & conta vfano
Couſas do ſeu bom tempo, ardendo em chamas
Pollas que fez, todo al lhe he claro engano.
Andãoſe às rezões frias pollas ramas,
Hum vilancete brando, ou ſeja hum chiſte
Letras ás inuenções, motes ás damas.
Hũa pregunta eſcura, hũa Eſparſa triſte,
Tudo bom, quem lho nega? mas porque
Se alguem deſcobre mais ſe lhe reſiſte?
E como? eſta era ajuda? eſta a merce
(Deixemos as merces) eſte o bom roſto?

Que

Que menos custa, em fim que este tal he?
E logo aqui tão perto com que gosto
De todos, Boscão, Lasso, erguerão bando:
Fizerão dia, já quasi Sol posto.
Ah, que não tornão mais, vamse cantando
De valle em valle, em ar mais lumioso,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nòs choroso,
Furtando me hia à dór, que inda ameaça,
Como hum parto ao fogir mais perigoso.
Não ouso inda a fallar tanto de praça,
Fallo com vosco como em puridade,
Incerto do que diga, & do que faça.
Quando mandey meu filho em tal idade
A morrer polla Fé (se assi cumprisse)
Que esta era a verdadeira sua verdade.
Tu vás pello caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste à tua conta
Sem perigos, quem se acha que sobisse?
De tempo que assi foge, que te monta
Vinte,ou trinta annos mais? que montão cento?
Ergueo a vista a mi alegre, & prompta.
Suspirando por ser lá n'hum momento,
Se ser pudesse tão depressa os fados
Corriam (nomes vãos sem fundamento)
Então o encarreguei destes cuidados,
Deos, & logo honra, logo o capitam,
Quaõ de pressa a cumprir foy tais mandados.
Parece que os leuou no coraçam,
Nam soltos por de fora nos ouuidos
Como outros fazem, que perdendo os vam.
Tinha do corpo espertos os sentidos,

Os

Os d'alma muito mais, mais limpa, & pura,
I'agora os bons deſejos ſam cumpridos.
Vio onde a deixaria em paz ſegura,
Depreſſa á occaſião arremeteo,
Não quis eſperar mais outra ventura.
No dia do começo a conta encheo
Seguro vio a morte, eſpanto antigo,
Nós ſonhamos aqui: tu vaſte ao Ceo.
Ditoſo aquelle meſtre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em ſeu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em morte abrigo.
Era ella conta igual, que quem entrou
Primeiro à vida, foſſeſe primeiro,
Eu ſou quem deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro,
Lauado irás no teu ſangue ſem magoa,
ó quem como era pay, fora parceiro.
Diz Paulo (da Fé noſſa ardente fragoa)
Que para o filho o pay faça theſouro,
Parece natural hum correr d'agoa.
Nam aſſi aqui perto abaixa o Douro
Ao contrario, no mar ſe lança eſcuro,
Mondego, & Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes, que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrando, & abrindo a mão, poſto em ſeguro.
Nam ſe vejam mais lagrimas aqui
Saluo ſe por nós forem, que em taes treuas
Em tam cega priſam deixaſte aſſi.
Vayte embora, que ja nam tens que deuas
Temer, là tudo he paz, tudo aſſoſſego,

A quem leua o feguro, que tu leuas.
Ditofo, que nam vifte de dor cégo
Por fenhor hum imigo de tua ley,
Que a tanta prefa fora injufto emprego.
Quantas graças, meu Deos, quantas te dey:
Sabendo d'alma que era liure, & viua?
Sem ella ao corpo de que temerey?
Sabia aquella condiçam fua altiua
(Nefta fó parte, no mais branda, e humana)
Que era para morrer, nam fer captiua.
O fepulchro com que s' a vifta engana,
He leuiffima perda, que tambem
He lodo, he terra, he pó, terra Africana.
Que tam eftreito mar entre fi tem
Abila, & Calpe, foy tempo, hum fómente,
Dous agora, hum dáquem, outro dálem.
Nos quais duas columnas pos defronte
Hercules, que alli entrada ao grão mar deu,
Faleçe antes quem crea, que quem conte.
Os Gregos no que efcreuem poem do feu
As vezes muito, & dizem que chamadas
Iá forão, as columnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas fobidas para fempre á luz,
Onde rindofe eftão dos noffos nadas.
Hum fó que em fangue aberta traz a Cruz
Branca por armas deu Deos à Cidade,
Milagre, que em finaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Morde enueja as fuas mãos, rife a verdade.

Pe-

Pera as feſtas diuinas, que lugares
Tão claros hi ganhaſtes pollas lanças,
Ledos correndo a tanta gloria a pares,
Sem fim, ſem ſobreſaltos, ſem mudanças.

Á MORTE
DO PRINCIPE DOM IOAM,
FILHO DEL REY DOM IOAM O TERCEIRO.

ELEGIA.

O PRINCIPE Dom Ioão de Portugal
He morto, ouçao a grande natureza
Que nolo dera em moſtras d'immortal.
Como pode cayr tanta grandeza?
Como poderam os peccados tanto,
Que alcança a perda a toda a redondeza.
Eu digo os noſſos, que no peito ſanto
Nunca peccado entrou, nunca entrou erro,
Bem ſe vé da ſua gloria, & noſſo pranto.
Neſta terra jà nam, antes deſterro,
Day lagrimas ſem fim ao mal infindo,
Idade pouco há d'ouro, oje de ferro,
Que mais vos pede a tea, que em ſe vrdindo
Cortada foy, debuxo, & obra tam prima
N'hum ſó momento tudo á terra he vindo.
Ah, que das couſas de tamanha eſtima
Não ſomos dignos! moſtramſe ſómente
Para ſobir por ellas ao de cima.

Seus

Seus olhos aleuanta entam a gente
  Ao ceo co aquelle eſpanto, ergue o ſentido,
  E cuida no por vir, deixa o preſente.
Aquelle real corpo bem naſcido,
  Entendimento muito mais que humano
  Subitamente deſaparecido.
Ó grande, & rico Reyno Luſitano,
  Em tam pequeno eſpaço oje tam pobre,
  Para que foy tal bem, para tal dano?
Vaãmente os olhos buſcão aquella nobre,
  Aquella ſò real moſtra em verdade,
  Que eſcuriſſima nuuem no la encobre.
Tudo he cheo de dòr, & de ſaudade,
  Tudo de confuſam, tudo he patranha;
  E tudo o que cá vemos he vaydade.
A noſſa grande, & rica ſorte eſtranha,
  Tal enueja te fez o fado duro?
  Noſſa não ſó, mas de toda eſta Eſpanha.
A quem contra infieis fora alto muro,
  Ora enuoluamſe as fontes, & agoas claras
  Seja na terra tudo triſte, & eſcuro,
Que longes tão fermoſos, que almenaras
  Moſtrauas, mais cruel quando aſſi ofendes
  Menos mal ſe de longe ameaçaras.
Quando prometes mais, mais te arrependes,
  Contra nòs manha, & força exercitaſte,
  Quando ſerá, cruel, que no lo emendes?
Cruel fado por certo, que mudaſte
  Hũa tal claridade em noite eſcura,
  Porque contra nòs tanto te aſſanhaſte?
Aquella mais perfeita criatura,
  Que nunca entre nós ouue; ah graue dòr!

Me-

Meteſtea em hũa negra ſepultura.
Ó que victoria a tua, ó que valor
Contra hum corpo tão tenro, & tenros annos
Inda pediſte ajuda ao cego Amor?
O mundo tudo vento, & tudo enganos,
Que de aquelles triumphos, que das feſtas,
Que auião de tornar cedo em mais danos?
Sabe quem tudo vé, que logo eu deſtas
Outras, que ſe ſeguirão me temi,
Andando pollas ſombras das floreſtas.
E pollos boſques onde me eſcondi
Ha tanto jà, guiado da influencia,
Quando d'aquelle Ingles maluado ouui.
Altiſſimo Senhor, tua paciencia
Não ſe pode vencer poſto na Cruz
Sofreſte agora, & entam ſem reſiſtencia.
Entam perdeo o Sol ſua clara luz,
E agora eſte Sol noſſo aborreceo
A terra, & fogio della, & já nam luz.
Aſſi me queixaua eu, quando do Ceo
Me ſenti reprender, qual Iob jazendo
Com graue dor, mas dor mór me venceo.
Decima hum ár ſingello irſe mouendo
Ouui claro dizer, ora que queres,
Queixumes vãos, vaãmente ao ar perdendo?
Aquelle entre os naſcidos das molheres
Principe ſancto, foyſe a ſeu lugar,
Voſſos nadas deixóu, foyſe aos prazeres.
Vós là debaixo que podeis julgar,
Neſſe valle de lagrimas, & dores,
Onde o mais que ſabeis he ſó chorar?
Gentes queixoſas, vãos murmuradores,
Pois

Pois naõ alcançais o grande, o alto conſelho,
Conuertey os queixumes em louuores.
E os olhos leuantay àquelle eſpelho
Que neſta gram tormenta, como hum faro
Vedes nas mãos d'aquelle honrado velho.
O qual co'alta Raynha exemplo raro
De virtude, o menino offerecera
Á ſancta protecção, ao firme emparo.
D'um ſancto natural noſſo, a que erguera
De nouo, hum templo, claro tanto em tudo
Que as neuoas d'Amarante eſclarecera.
Donde a Deos torna, em voz louuando o mundo,
E o que pedras lançando vinha à gente
Repouſado, tambem torna, & ſeſudo.
Torna o aleijado ſam, torna o doente,
Milagres hũs ſobre outros a porfia,
A fonte mana, & nam agua corrente.
E lembrayuos tambem d'aquelle dia,
Áquelle ſancto martyr conſagrado
Que he voſſo protector na Epidimia.
Qu'eſſe Reyno vos tem della emparado,
Não ſe vos pode dar mais clara proua,
Que o proprio braço ſeu a elRey mandado.
Dos altos Ceos, o Ceo geração noua
Vos torna a dar, & tudo o que falece
No mundo, que com ella ſe renoua.
Eſte auò tal, que tudo a Deos merece
Antes os dous auòs d'ambas as partes
Lhe iraõ caminho abrindo em quanto crece.
Deſpregando à bom tempo os eſtandartes
Para lhos entregarem victorioſos,
Dous Romulos, dous Numas, & dous Martes.

Se deuo comparar c'os fabulosos
Os altos feitos, de que será erdeiro,
C'os mais cinco escudos gloriosos.
De que o seu lhe esmaltou o Rey primeiro,
Que a altissima visam vio, como vira
Constantino a Cruz alta c'o letreiro.
O que logo no Tibre se cumpria
Contra o tyrano que impaciente jaz,
Onde inda agora, parece, os corpos vira.
Deniz c'os outros passo, em guerra, & em paz
Honra das armas, honra dos costumes
Que ao nouo successor gram lugar faz.
E deixando no filho os seus queixumes,
Que erros foram porém da mocidade,
No mais esclarecido, & de mil lumes.
Assegurou em Espanha a Christandade,
Vencendo os Mouros, vencendo a cobiça
De tam rico despojo, oh gram bondade.
Pedro, que amores teue c'o a justiça
Real, & nam cruel inclinaçam,
Fez Moyses, fez Samuel justa carniça;
A justiça conforma co a rezam,
E quer Sam Paulo que se tenha aos Reys
Temor, nam vay diante o estoque em vam.
Muda o tempo custume, muda as leys
Humanas, está firme o natural,
Izentos, olhay bem como viueis.
Nam vos izentam para fazer mal,
Deixayuos desses vossos argumentos,
Que nam val ante Deos o que lá val.
Ora a ti torno, nam brades aos ventos,
A antigua busca, busca a noua historia,

Toda ella he chea d'acontecimentos.
Finalmente Ioaõ da boa memoria,
Conhecerá o quinto neto Augusto,
Digno Sebastiaõ de tanta gloria.
Por justissima ley, titulo justo,
Do pay tudo era, passouse a milhor vida;
E dessa lá naõ quis mais pello custo.
Naõ te nego porém, que era deuida
Magoa a tal perda, mas entende, & crême.
Põe em Deos teu cuidado, alma esquecida,
E sómente a Deos ama, & delle treme.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

IN-

INDICE.

TOMO I.

SONETOS.

SONETOS.

ECLOGAS.

CARTAS.

ELEGIAS.

LIVROS MODERNOS,

QUE SE VENDEM EM CASA

DE

FRANCISCO ROLLAND,

Impressor-Livreiro em Lisboa ao Bairro Alto, na esquina da Rua do Norte.

ATLAS (novo) para uso da Mocidade com 24 Mappas, em 8.

Adagios, Proverbios, Rifãos, e Anexins da Lingua Portugueza, em 8.

Arte de Prégar conforme o Espirito do Evangelho, em 8.

Arte Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano, em 8.

Amigo do Principe, e da Patria, em 8.

Arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades venereas, e de se curar de seus differentes Symptomas, traduzido do Francez; para servir de continuaçaõ ao *Aviso ao Povo sobre a sua saude por Tissot*, em 8. Coimbra, 1777.

Avisos, e Reflexões sobre as obrigações dos Religiosos, em 8. 4 *Vol.*

Arte Latina do Padre Antonio Rodrigues Dantas, terceira Ediçaõ reformada, e muito accrescentada, em 8. Lisb. 1783.

Belizario por Marmontel, em 8.

Bom Lavrador, e Boa Lavradora, em 8. 3 Vol.

Catecismo Romano abbreviado, em 8. 1783.

Costumes dos Israelitas, e dos Christãos, em 8. 3 Vol.

Compendio da Historia do Antigo, e Novo Testa-

ta-

tamento com as razões, com que se prova a verdade da nossa Religiaõ, traduzido do Francez para instrucçaõ da Mocidade Portugueza, em 8. Ibid 1772.

Curso de Cirurgia de M. Col de Vilars, traduzido do Francez, em 4. 3 Vol. Ibid. 1774. *He a melhor Obra que tem apparecido nesta materia.*

Descripções das Enfermidades dos Exercitos por Van-Swieten, em 8.

Diario do Christaõ. Nova Ediçaõ augmentada, em 12.

Discurso ácerca de fomentar a industria do Povo, em 8.

Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos Filhos, celebrados sem consentimento dos Pais, em 8. Lisboa 1773.

Espirito do Christianismo, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos Moraes, traduzidos de MM. d'Arnaud, Marmontel, e Madama de Gomez, &c. em 8. Tomo I. Lisboa, 1784. *Brevemente sahirá o II.*

Ensaio sobre o Homem, Poema Filosofico de Pope, traduzido do Inglez por Antonio Teixeira, em 12. Ibid. 1769.

Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca; em 8.

Fabulas de Esopo, em 8.

Historia Geral de Portugal, em 8. . . . Tomos.

Historia Universal por Milot, em 8. . . . Tomos.

Historia Ecclesiastica por Ducreux, em 8. . . . Tomos.

Heroismo da Amizade, Poema, em 8.

Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas por Frei Luiz de Sousa, em fol. 4 Vol. Lisb. 1767.

His-

Historia Verdadeira do insigne Pintor, e leal, Esposo Vieira Lusitano, escrita por elle mesmo em Cantos Lyricos, com o seu retrato, e o de sua Esposa, em 8.

Imitaçaõ de Christo, e da SS. Virgem, em 12. 2 Vol.

Instrucçaõ sobre a Logica, ou Dialogos sobre a Filosofia Racional por Manoel Alvares de Queiros, em 8.

Livro dos Meninos, em 8.

Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. . . . Tomos.

Methodo pratico para fallar com Deos, em 8.

Methodo para venerar o Sagrado Coraçaõ de Maria Santissima, em 8.

Memorial de Ritos por Luiz Miguel Coelho de Albernas, em 8.

Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronymo Corte Real, em 8. 1783.

Noticia da Mythologia, em 8.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.

Obras Poeticas de J. F. de Valadares Gamboa, em 8.

Officio da Semana Santa, conforme o Missal, e Breviarios Romanos. Nova ediçaõ correcta, emendada, e augmentada com prefações, e Meditações no principio de cada Officio, e com Orações para a confissaõ, e Communhaõ, &c.; e adornada com bellissimas estampas, em 12 Lisb. 1783.

Origem, e Orthografia da Lingua Portugueza por Duarte Nunes de Leaõ. Obra util, e necessaria, assim para bem escrever a lingoa Portugueza, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem; com hum Tratado dos Pontos das Clausulas. Segunda ediçaõ correcta, e emendada, em 8. Lisb. 1784.

Obras

Obras de Francifco de Sá de Miranda. Nova Ediçaõ correcta, emendada, e aumentada com a fua Vida, e Comedias, em 8. 2 Vol. Lisb. 1784.

Panegyricos, e Difcurfos Evangelicos, em 12. . . . Tomos.

Perfeito Pedagogo, em 12.

Peregrinaçaõ de hum Chriftaõ, em 8.

Reflexões fobre a Vaidade dos Homens. em 8,

Secretario Portuguez. Quarta Ediçaõ augmentada, em 8.

Tratado das Obrigações da Vida Chriftã pelo Padre de Thracy, em 8. 2 Vol.

Tratado das Aguas das Caldas da Rainha, em 8.

Thefouro de Pregadores, dividido em varios Sermões univerfaes, onde fe tiraõ Sermões particulares, em 8. Tom. II. Ibid. 1779.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres por F. Luiz de Soufa, em 8. 2 Vol. Lisb 1760.

Vida de Jefu Chrifto em a Euchariftia, e Vida dos Chriftãos que fe alimentaõ defte Divino Sacramento, ou as bondades, e Mifericordias de Jefu Chrifto em a Euchariftia; e as obrigações dos Fieis, que querem participar com fructo defte Divino Sacramento: com hum Extracto de huma Carta fobre a Vida, e Paixaõ de Jefu Chrifto, em fórma de Meditações para todos os dias da Semana. Efcrita em Francez pelo Presbytero Girard de Villethierry, e traduzida em Portuguez, em 8. Lisb. 1783.

Erratas — Emendas

paginas — linha —

96 — 24 — essa que perjura — Essa perjura

213 — 15 humilantes — humilame-

LXXII — 11 Francisco — Francisci